

ANEXOS

Anexo A2 – Plano de aula sobre o conto.

Turma: 10º H	Nº de Alunos: 20	Plano para uma aula de 90 minutos
Professor: Carlos Mangas		

Actividades	Tempo
0) O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.	5 minutos
1) Breve explicação, por parte do professor, sobre as origens do conto. Distinção entre conto popular e conto de autor. Breve referência a autores do século XX. (apresentação <i>powerpoint</i>)	10 minutos
2) Os alunos ordenam o conto «Por uma vereda na falésia» desfragmentado e atribuem-lhe um título (TP). (cf. manual <i>Expressões</i> pp.258-260)	15 minutos
3) Discussão com os alunos sobre os títulos propostos.	10 minutos
4) Os alunos confrontam a sua organização do conto e respectivos títulos com a versão original.	5 minutos
5) Diálogo com os alunos sobre algumas questões relacionadas com o conto.	10 minutos
6) Os alunos devem recontar oralmente o fragmento do conto que descreve o fim da caminhada das personagens (TP). (cf. manual <i>Expressões</i> p.261 ex.6)	15 minutos
7) Os alunos completam um mapa conceptual com as informações retiradas do conto. (cf. anexo A)	15 minutos
8) Correção do mapa conceptual.	5 minutos

Anexo A3.1 – Apresentação *powerpoint* sobre o texto narrativo (conto).



Conto

- É um género do texto narrativo (tal como o romance e a novela);
- Apresenta uma narrativa curta;
- A acção é simples, breve e linear;
- A acção apoia-se na realidade ou em acontecimentos gerados pela lenda ou pela ficção;
- Número de personagens reduzido;
- Concentração no espaço e no tempo;
- Centra-se numa só acção, tornando-se sintético;
- Retratos breves das personagens;
- A caracterização das personagens é sobretudo indirecta.







2

Conto popular ≠ Conto de autor

- Os contos populares, criados por gente anónima e transmitidos oralmente, são sujeitos a alterações ao longo dos tempos e ao surgimento de versões diversas. São de ninguém, por falta de um autor concreto, e são de todos ao passarem de geração em geração através de contadores de histórias.
- O conto de autor, ao ser produzido por um escritor identificado, surge como narrativa literária ficcionada, simples e breve, cuja versão se mantém pela fixação na escrita.

3

Contos de autor do séc. XX da literatura portuguesa.

- Eça de Queirós – “*Contos*” (1902); 
- Miguel Torga – “*Novos contos da montanha*” (1944); 
- Sophia de Mello Breyner Andresen – “*A menina do mar*” (1958); 
- Manuel da Fonseca – “*Um anjo no trapézio*” (1968); 
- Vergílio Ferreira – “*Contos*” (1976); 
- José Saramago – “*A ilha desconhecida*” (1997). 

4

Contos de autor do séc. XX da literatura portuguesa.

- Mário de Carvalho:



- “*Contos da sétima esfera*” – 1ª compilação de contos (1982);
- “*A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho*” (1983);
- “*Contos Vagabundos*” (2000).

5

Contos de autor do séc. XX da literatura universal.

- Machado de Assis – “*Relíquias da casa velha*” (1906);



- Clarisse Lispector – “*Laços de família*” (1960);



- Mia Couto – “*Contos do nascer da terra*” (1997).



- Isabel Allende – “*Contos de Eva Luna*” (1998);



6

Anexo A3.2 – Conto desfragmentado, “Por uma vereda na falésia” de Mário de Carvalho, *In Expressões*, pp. 258-260.

Pequenino, curvado, bigode grisalho, de pelame confuso, o homem estendia os braços levantados, como se estivesse a oferecer o magro peito que ninguém lhe pedia: “Ó doutor, isto que eu faço é por si, pá, e por mais ninguém, ouviu?” Dirigia-se a um médico do nosso grupo que se chamava Raul, e o tinha tratado dum enfisema. O homem agora não fumava e, por isso, estava quase sempre de mau humor. Isso não lhe afectava o sentido da gratidão. “Vamos?”

Era numa daquelas escarpas algarvias, muito estaladas, não longe da praia da Rocha. Tínhamos ido parar ali, não sei porquê. Apanhar vento, depois do almoço, acho eu. A Primavera estava fria, o passeio fez-se por se fazer. Mal tínhamos saído do jipe, o homem aparece, de entre as ervas, mãos nos bolsos, com uma grande conversa a louvaminhar o médico salvador. Antes nem era capaz de subir para aquela pedra, e apontava para um calhau do tamanho dum punho, agora cabia-lhe todo o ar nos pulmões. E inspirava e tornava convexo o peito côncavo. Um exagerado, aquele algarvio. E palrador.

Apertou a mão a todos, que sendo amigos do doutor seus amigos eram, fez considerações sobre o tempo e o mar, os tempos e os modos, contou uma anedota e, de repente, atirou a proposta: que fôssemos com ele pela falésia que havia de mostrar ao doutor, e por extensão aos circunstantes, “uma coisa como a gente nunca tinha visto na vida, tã linda, tã linda”.

Ninguém estava muito disposto a ver coisas, com aquele frio e aquele vento. Os do grupo entreolharam-se e rosnaram entre si umas sugestões de desculpa. A professora, Marília, tinha medo da água, o advogado, Gil, queria voltar para o hotel, eu estava por tudo, desde que não me metessem em chatices, e o médico com um sorriso forçado ia fazendo gestos apaziguadores que foram substituídos por um olhar gelado quando o advogado sugeriu: “Dá-se-lhe duzentos paus e ele põe-se na alheta.” Sempre era um dos seus doentes, prova viva da eficácia da Medicina. “Vamos com ele, não é, Rui?” Encolhi os ombros e lá marchei. Os outros, resmungando, seguiram-nos.

O carreiro, fino e torcido, riscava a falésia por socalcos, às vezes desmoronados, numa extensão que me pareceu maior que a desejável. Debaixo dos nossos pés, a areia seca esfarelava-se e ia juntar-se lá em baixo, à da praia, formando um pontilhado de flocos escurecidos. “Falta muito?”, perguntou o médico. “Não, é já além”, respondeu o homem.

A experiência de vida ensinara-nos que este “já além”, dito pelos homens do Sul, é adequado a qualquer distância astronómica, mesmo das mais curtas. No entender de um algarvio, a lua “é já além” e a América “é só um saltinho”. Mas lá seguíamos resignados. Hesitações houve quando a falésia, de súbito, recurvou para terra, e a praia, lá em baixo, deu lugar a uma maré grossa, belicosa e bulhenta. “Não me quero molhar”, disse Marília, “não me quero molhar” e agarrou-se a um tufo de ervas que nasciam das ribas. “Olhe que a erva não tem segurança”, avisou o homem, voltando-se para trás. “Mas se a senhora quiser voltar, faz favor.”

Nem Marília nem o advogado estavam dispostos a regresso sem guia. Ela deu um ostensivo suspiro, agarrou-me pelo cinto e lá veio aos saltinhos, a fazer-me peso. Atrás, o advogado, com um braço estendido para o infinito, parecia proteger-nos dos pássaros.

Mas o carreiro entrava em declive, cada vez mais estreito e solto, com o mar mais perto. As ondas esgadanhavam o fundo da falésia e expeliam uma poeirada de gotículas frias que nos faziam mal aos humores. Toda a gente praguejava. A mão de Marília que me puxava o cinto fez-se mais enclavinhada, e eu mais estreitado, e a outra mão filou-me o blusão, por alturas do pescoço.

O homem ia prosseguindo, a passo seguro, bom conhecedor do atalho. Pressentindo as hesitações e as indignações, voltou-se para trás, enconchou as mãos em volta da boca e avisou: "Vão contando as ondas. A sétima é sempre a mais rija." Mesmo o doutor, nesta altura, já estava quase a mandá-lo para o diabo.

Enfim, chegámos quase de gatas e muito tremidos de ventos e salpicos de mar a um ponto em que o homem parou e apontou. Belo momento aquele, de pose rígida, solene dedo estendido ao alto. Lá em cima havia uma abertura, um rasgão na areia, de fundo negro e convulso. "É além", disse o homem. "Ai ali eu não entro, não entro não senhora." Era Marília. "Não há azar, trouxe a pilha", informou o homem. E daí a instantes, depois de uma escalada confusa por areias movediças e impacientes, lá estávamos todos dentro da gruta, com os olhos a habituarem-se ao focozinho da lanterna de bolso, tremeluzindo, incerto.

O espaço era grande, tortuoso, metia muito para dentro. Tropecei no que me pareceu ser um amontoado de tijolo burro, muito esfarelado. Marília perguntava se havia morcegos. "Só se forem morcegos com penas", disse o algarvio. Por uma abertura, passámos a uma sala ampla, com ecos a rebentar por todos os lados. Era frio e húmido. A luz pôs-se a saltitar sobre o que parecia ser um baú de pedra que nunca mais terminava, ao correr da parede rochosa. "Vejam-lhe o boneco", ordenou o homem e apontou a luz para uma das extremidades. Debruçámo-nos. Em baixo-relevo, muito nítido, ainda com restos de cores fortes, uma carantonha emplumada, de aspecto pouco recomendável, olhava para o tecto de onde pendiam estalactites. "É um índio", precipitou-se Raul. O foco foi deslizando, metro a metro, dois, três, quatro, e mostrou uma armadura, um escudo, uma maça de armas, uns joelhos cobertos pelo rebordo superior dumas grevas. "Um índio, uma ova, não havia índios de armadura." As minhas mãos foram tacteando o rebordo abaulado. Sentiram uma fissura. Havia uma tampa. Um sarcófago. Mas Raul dava agora um grito: "Eh, pá, caraças." Aproximei-me do foco de luz, que, por uma abertura, provocada pela deslocação da tampa de pedra, mostrava ossadas, ainda branquejando no escuro. Tarso, metatarso e falanges, quase intactos, e do tamanho do meu braço e antebraço estendidos. Todos recuámos. Com o encontrão, a luz dispersou-se e errou pelo recinto, revelando montes de lixos antigos, uma estela, uma rodela decorada de incisões que fazia lembrar uma mó de pedra. Era o túmulo dum gigante. Mas Marília advertia: "Isto não é possível, pura e simplesmente, não é possível." No entanto, foi ela quem, com dedo trémulo, decifrou os primeiros caracteres da estela, espiralados em linear B: "Goliath"! E, mais à frente, "Phylistin". Estávamos no túmulo do gigante Golias, morto à pedrada por David. Os filisteus tinham-no sepultado aqui. É sempre a Portugal que tudo vem dar. E eu, recolhido, pedi: "Haja respeito."

Já se passou algum tempo, todos nós voltámos aos nossos afazeres, como cumpria. É de norma, depois destas extraordinárias descobertas, haver desaparecimentos. As ilhas misteriosas explodem, os continentes perdem-se, os terramotos apagam os vestígios, a normalidade é reposta. Neste caso, não.

O túmulo de Golias ainda lá está, para quem quiser averiguar. E o guia, que voltou a fumar, tosse muito, mas ainda é vivo. Chama-se Adriano Carrapacheiro e vive em Loulé, perto das casas da tia Anica. Basta perguntar nas Finanças, ali mesmo ao lado.

Anexo A3.3 – Conto original, “Por uma vereda na falésia” de Mário de Carvalho,
In Expressões, pp. 258-260.

258 • POR UMA VEREDA NA FALÉSIA

Por uma vereda na falésia

Pequenino, curvado, bigode grisalho, de pelame confuso, o homem estendia os braços levantados, como se estivesse a oferecer o magro ^{pele}peito que ninguém lhe pedia: “Ó doutor, isto que eu faço é por si, pá, e por mais ninguém, ouviu?” Dirigia-se a um médico do nosso grupo que se chamava Raul, e o tinha tratado dum enfisema. O homem agora não fumava e, por isso, estava quase sempre de mau humor. Isso não lhe afectava o sentido da gratidão. “Vamos?”

Era numa daquelas escarpas algarvias, muito estaladas, não longe da praia da Rocha. Tínhamos ido parar ali, não sei porquê. Apanhar vento, depois do almoço, acho eu. A Primavera estava fria, o passeio fez-se por se fazer. Mal tínhamos saído do jipe, o homem aparece, de entre as ervas, mãos nos bolsos, com uma grande conversa a louvaminhar o médico salvador. Antes nem era capaz de subir para aquela pedra, e apontava para um calhau do tamanho dum punho, agora cabia-lhe todo o ar nos pulmões. E inspirava e tornava ^{curvado}convexo o peito côncavo. Um exagerado, aquele algarvio. E palrador.

Apertou a mão a todos, que sendo amigos do doutor seus amigos eram, fez considerações sobre o tempo e o mar, os tempos e os modos, contou uma anedota e, de repente, atirou a proposta: que fôssemos com ele pela falésia que havia de mostrar ao doutor, e por extensão aos circunstantes, “uma coisa como a gente nunca tinha visto na vida, tã linda, tã linda”.

Ninguém estava muito disposto a ver coisas, com aquele frio e aquele vento. Os do grupo entreolharam-se e rosnaram entre si umas sugestões de desculpa. A professora, Marília, tinha medo da água, o advogado, Gil, queria voltar para o hotel, eu estava por tudo, desde que não me metessem em chatices, e o médico com um sorriso forçado ia fazendo gestos apaziguadores que foram substituídos por um olhar gelado quando o advogado sugeriu: “Dá-se-lhe duzentos paus e ele põe-se na alheta.” Sempre era um dos seus doentes, prova viva da eficácia da Medicina. “Vamos com ele, não é, Rui?” Encolhi os ombros e lá marchei. Os outros, resmungando, seguiram-nos.

O ^{carreiro}carreiro, fino e torcido, riscava a falésia por socalcos, às vezes desmoronados, numa extensão que me pareceu maior que a desejável. Debaixo dos nossos pés, a areia seca esfarelava-se e ia juntar-se lá em baixo, à da praia, formando um pontilhado de flocos escurecidos. “Falta muito?”, perguntou o médico. “Não, é já além”, respondeu o homem.

A experiência de vida ensinara-nos que este “já além”, dito pelos homens do Sul, é adequado a qualquer distância astronómica, mesmo das mais curtas. No entender de um algarvio, a lua “é já além” e a América “é só um saltinho”. Mas lá seguíamos resignados. Hesitações houve quando a falésia, de súbito, recurvou para terra, e a praia, lá em baixo, deu lugar a uma maré grossa, belicosa e bulhenta. “Não me quero molhar”, disse Marília, “não me quero molhar” e agarrou-se a um tufo de ervas que nasciam das ribas. “Olhe que a erva não tem segurança”, avisou o homem, voltando-se para trás. “Mas se a senhora quiser voltar, faz favor.”

Nem Marília nem o advogado estavam dispostos a regresso sem guia. Ela deu um ostensivo suspiro, agarrou-me pelo cinto e lá veio aos saltinhos, a fazer-me peso. Atrás, o advogado, com um braço estendido para o infinito, parecia proteger-nos dos pássaros.

1 Descrição do guia - paciente do Dr. Raul

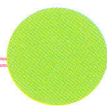
2 Descrição do espaço físico e temporal
3 Continuação da descrição da personagem principal.

4 Proposta do guia para um passeio na falésia

5 Incentivo por parte do Dr. Raul para que fossem o passeio proposto pelo guia.

6 Descrição do percurso

7 Descrição do percurso



Mas o carreiro entrava em declive, cada vez mais estreito e solto, com o mar mais perto. As ondas esgadanhavam o fundo da falésia e expeliam uma poeirada de gotículas frias que nos faziam mal aos humores. Toda a gente praguejava. A mão de Marília que me puxava o cinto fez-se mais enclavinhada, e eu mais estreitado, e a outra mão filou-me o blusão, por alturas do pescoço.

O homem ia prosseguindo, a passo seguro, bom conhecedor do atalho. Pressentindo as hesitações e as indignações, voltou-se para trás, enconchou as mãos em volta da boca e avisou: "Vão contando as ondas. A sétima é sempre a mais rija." Mesmo o doutor, nesta altura, já estava quase a mandá-lo para o diabo.

Enfim, chegámos quase de gatas e muito tremidos de ventos e salpicos de mar a um ponto em que o homem parou e apontou. Belo momento aquele, de pose rígida, solene dedo estendido ao alto. Lá em cima havia uma abertura, um rasgão na areia, de fundo negro e convulso. "É além", disse o homem. "Ai ali eu não entro, não entro não senhora." Era Marília. "Não há azar, trouxe a pilha", informou o homem. E daí a instantes, depois de uma escaldada confusa por areias movediças e impacientes, lá estávamos todos dentro da gruta, com os olhos a habituarem-se ao focozinho da lanterna de bolso, tremeluzindo, incerto.

O espaço era grande, tortuoso, metia muito para dentro. Tropecei no que me pareceu ser um amontoado de tijolo burro, muito esfarelado. Marília perguntava se havia morcegos. "Só se forem morcegos com penas", disse o algarvio. Por uma abertura, passámos a uma sala ampla, com ecos a rebentar por todos os lados. Era frio e húmido. A luz pôs-se a saltitar sobre o que parecia ser um baú de pedra que nunca mais terminava, ao correr da parede rochosa. "Vejam-lhe o boneco", ordenou o homem e apontou a luz para uma das extremidades. Debruçámo-nos. Em baixo-relevo, muito nítido, ainda com restos de cores fortes, uma carantonha emplumada, de aspecto pouco recomendável, olhava para o tecto de onde pendiam

arranbajam - meter os dedos nus pelos outros

Descrição do modo revelado pelos personagens prova cada pelo mar.

chegada à do grupo à gruta

Descrição da gruta

para infetada e penas feia

65 estalactites. "É um índio", precipitou-se Raul. O foco foi deslizando, metro a metro, dois, três, quatro, e mostrou uma armadura, um escudo, uma maça de armas, uns joelhos cobertos pelo rebordo superior dumas grevas. "Um índio, uma ova, não havia índios de armadura." As minhas mãos foram tacteando o rebordo abaulado. Sentiram uma fissura. Havia uma tampa. Um sarcófago. Mas Raul dava agora um grito: "Eh, pá, caraças." Aproximei-me do foco de luz, que, por uma abertura, provocada pela deslocação da tampa de pedra, mostrava ossadas, ainda branquejando no escuro. Tarso, metatarso e falanges, quase intactos, e do tamanho do meu braço e antebraço estendidos. Todos recuámos. Com o encontrão, a luz dispersou-se e errou pelo recinto, revelando montes de lixos antigos, uma estela, uma rodela decorada de incisões que fazia lembrar uma mó de pedra. Era o túmulo dum gigante. Mas Marília advertia: "Isto não é possível, pura e simplesmente, não é possível." No entanto, foi ela quem, com dedo trémulo, decifrou os primeiros caracteres da estela, espiralados em linear B: "Goliath"! E, mais à frente, "Phylistin". Estávamos no túmulo do gigante Golias, morto à pedrada por David. Os filisteus tinham-no sepultado aqui. É sempre a Portugal que tudo vem dar. E eu, recolhido, pedi: "Haja respeito."

80 Já se passou algum tempo, todos nós voltámos aos nossos afazeres, como cumpria. É de norma, depois destas extraordinárias descobertas, haver desaparecimentos. As ilhas misteriosas explodem, os continentes perdem-se, os terramotos apagam os vestígios, a normalidade é reposta. Neste caso, não.

85 O túmulo de Golias ainda lá está, para quem quiser averiguar. E o guia, que voltou a fumar, tosse muito, mas ainda é vivo. Chama-se Adriano Carrapacheiro e vive em Loulé, perto das casas da tia Anica. Basta perguntar nas Finanças, ali mesmo ao lado.

Mário de Carvalho, "Por uma vereda na falésia", in *Contos Vagabundos*, Editorial Caminho

LEITURA / COMPREENSÃO

1. O início do conto centra-se numa personagem.
 - 1.1. Identifica-a.
 - 1.2. Traça o seu retrato, justificando as tuas afirmações com expressões do primeiro parágrafo.
2. A acção decorre num espaço geográfico facilmente reconhecível.
 - 2.1. Indica-o.
 - 2.2. Demonstra como o espaço da acção é prova da presença do autor na sua obra.
3. Ao longo do texto, é possível detectar a presença do narrador na acção que relata.
 - 3.1. Recolhe as expressões indicativas de pessoa presentes no segundo parágrafo.
 - 3.2. Faz um breve comentário a essas expressões, considerando a classificação do narrador quanto à sua presença na acção.

Descoberta do túmulo de Golias

Sátira do autor
 ↳ O autor dá a ideia de que tudo o que é desagradável aparece no nosso país.

Porque a morte de Golias foi um facto constrangedor e humilhante para os filisteus, uma vez que Golias foi morto por uma pedrada.

Guia do Professor

LEITURA / COMPREENSÃO

1.1. Adriano Carrapacheiro, homem algarvio.

1.2. Baixo ("Pequenino"), corcunda ("curvado"), de "bigode grisalho" e alvorçado ("pelame confuso"), magro ("magro peito"), mal-humorado ("quase sempre de mau humor"), agradecido ("sentido da gratidão") – ll. 1-5.

2.1. Zona da Praia da Rocha, Portimão, Algarve, Portugal.

2.2. Denúncia de um conhecimento profundo de Portugal (o país do autor).

3.1. "Tínhamos", "sei", "acho eu" (l. 8).

3.2. Narrador homodiegético. As expressões revelam a subjectividade da narração dos factos, levada a cabo por um narrador que vivenciou os acontecimentos que relata.

3.3.1. O médico, Dr. Raul. O nome do narrador é referido pelo médico no momento em que se está para tomar a decisão de acompanhar o guia. Percebemos que o nome do narrador é Rui, uma vez que o médico, em discurso directo, se lhe dirige. No texto, às palavras do médico, seguem-se as formas verbais "Encalhi" e "marchei" (l. 24), que identificam a entidade enunciadora da narração.

4. Entre o Dr. Raul e o algarvio Adriano Carrapacheiro, a personagem principal, havia um conhecimento anterior, fundado na relação médico-doente.

5.1. O mar.

5.2. "maré grossa, belicosa e bulhenta" – l. 34 (tripla adjectivação), "As ondas esgadanhavam o fundo da falésia e expeliam uma poeirada de gotículas frias" – l. 42 (imagem).

Identificação da personagem principal

Ironia

Ironia por parte do narrador para evidenciar a pouca importância atribuída à descoberta do túmulo de Golias que sendo uma descoberta extraordinária, não atinge a grandeza de um mito, uma vez que existe no mesmo lugar para quem quiser ver.



- 3.3. Através do discurso de uma personagem, o narrador permite que o seu nome seja revelado.
- 3.3.1. Identifica a personagem que enuncia o nome do narrador e explica em que circunstâncias o refere.
4. Justifica o facto de a decisão de acompanhar o guia no passeio pela falésia ter partido do médico, Dr. Raul.
5. O percurso pela falésia torna-se progressivamente mais assustador e as reacções de algumas personagens denunciam-no.
- 5.1. Identifica o elemento da natureza que agudiza o medo dessas personagens.
- 5.2. Faz o levantamento de expressões relacionadas com tal elemento e tece um comentário sobre o seu valor estilístico.
6. Indica o local onde termina a caminhada das personagens, recontando esse trecho do texto.
7. O narrador informa que as personagens, após a descoberta que o homem algarvio lhes permitiu, se afastaram.
- 7.1. Explica por que motivo tal aconteceu, segundo o narrador.
- 7.2. Numa frase curta, o narrador reconhece que esta descoberta foi peculiar, no sentido em que não produziu o mesmo efeito que outros acontecimentos. Apresenta razões possíveis para este facto.
8. Só no último parágrafo é revelada a identificação do homem algarvio.
- 8.1. Justifica a suspensão do enigma até ao final do texto.
- 8.2. Explica as indicações relativas a esta personagem no parágrafo final.
9. Este conto equilibra a imagem de Portugal vista de dentro.
- 9.1. Identifica as duas faces do Portugal autêntico que o conto revela.
- 9.2. Distingue as personagens que fazem parte dessas faces do país.
10. O ritmo narrativo do conto convoca a abundância do complexo verbal, como nas expressões *"ia fazendo gestos apaziguadores"* (ll. 21-22) e *"ia juntar-se lá em baixo"* (ll. 28).
- 10.1. Enuncia o valor expressivo do complexo verbal nas expressões apresentadas.
- 10.2. Retira outro exemplo de complexo verbal do nono parágrafo.
11. É sobretudo a personagem Adriano Carrapacheiro que peja o seu discurso de expressões de pendor popular, o que contribui para a sua caracterização. Também o narrador emprega expressões populares para melhor espelhar a essência do povo do sul de Portugal.
- 11.1. Faz o levantamento dessas expressões.

Guia do Professor

6. Resposta pessoal. Tópicos: A caminhada termina numa gruta grande, escura e tortuosa. Chegaram, então, a uma sala ampla, fria e húmida, onde se ouviam ecos do mar. Naquele lugar havia um enorme baú de pedra.

7.1. Após uma descoberta extraordinária, tal atitude é normal, ou seja, todos regressam à vida que anteriormente levavam.

7.2. Noutros casos de estranhas descobertas, tudo parece conjugar-se para o seu desaparecimento e fica apenas a incerteza, o mito. Neste caso, segundo o narrador, não foi o que aconteceu. Numa extraordinária ironia, o narrador apresenta um facto insólito com uma tal naturalidade que o pretende aparentemente verosímil na narrativa.

8.1. Passa de um desconhecido, anónimo, a uma identidade revelada e passível de ser encontrada, pelo que verosímil.

8.2. As indicações do último parágrafo revelam um Portugal pequeno, um país-aldeia, onde as localidades são também muito pequenas e toda a gente se conhece. Bastará chegar ao local, perguntar pela pessoa e logo saberão de quem se trata. Além disto, este último parágrafo contribui também para a verosimilhança irónica que o autor pretende.

9.1. A face do Portugal das pessoas com formação superior e a face do Portugal profundo, com os seus costumes, segredos, enigmas e tesouros.

9.2. A primeira é representada pelo Dr. Raul, pelo narrador (Rui), pelo advogado Gil e pela professora Marília; a segunda é corporizada por Adriano Carrapacheiro, o protagonista.

10.1. Duração e continuidade da acção (*"ia fazendo"*) e intenção (*"ia juntar-se"*).

10.2. *"ia prosseguindo"* (l. 46), *"Vão contando"* (l. 48).

11.1. *"isto que eu faço é por si, pá"* (l. 3); *"sendo amigos do doutor seus amigos eram"* (l. 14); *"uma coisa como a gente nunca tinha visto na vida, tão linda, tão linda!"* (l. 16); *"eu estava por tudo"* (l. 20); *"metessem em chatices"* (l. 21); *"Dá-se-lhe duzentos paus e ele põe-se na alheita."* (l. 23); *"é já além"* (l. 29); *"é só um saltinho"* (l. 32); *"e a outra mão filou-me o blusão"* (l. 44); *"quase a mandá-lo para o diabo."* (l. 49); *"Não há azar"* (l. 54); *"Eh, pá, caraças."* (l. 69).

Anexo A3.5 – Mapa conceptual



Escola Secundária de Pinheiro e Rosa

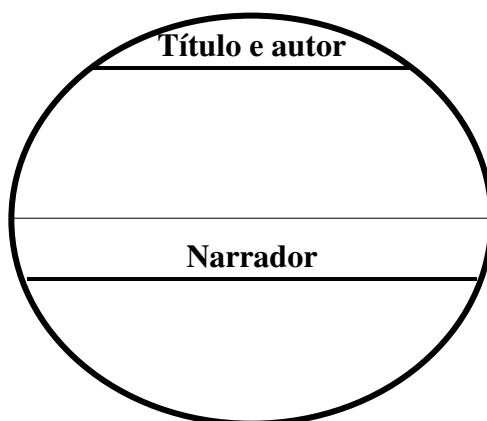
Ano Lectivo 2008/2009

Português

10º H

**MAPA CONCEPTUAL - CONTOS DE AUTORES DO
SÉC. XX**

Personagens principais
Personagens secundárias



Espaço físico
Espaço temporal

Problema

<u>Acontecimento 1:</u>

<u>Acontecimento 2:</u>

<u>Acontecimento 3:</u>

<u>Acontecimento 4:</u>

<u>Acontecimento 5:</u>

<u>Acontecimento 6:</u>

<u>Desenlace:</u>

Anexo A3.6 – Solução do mapa conceptual.



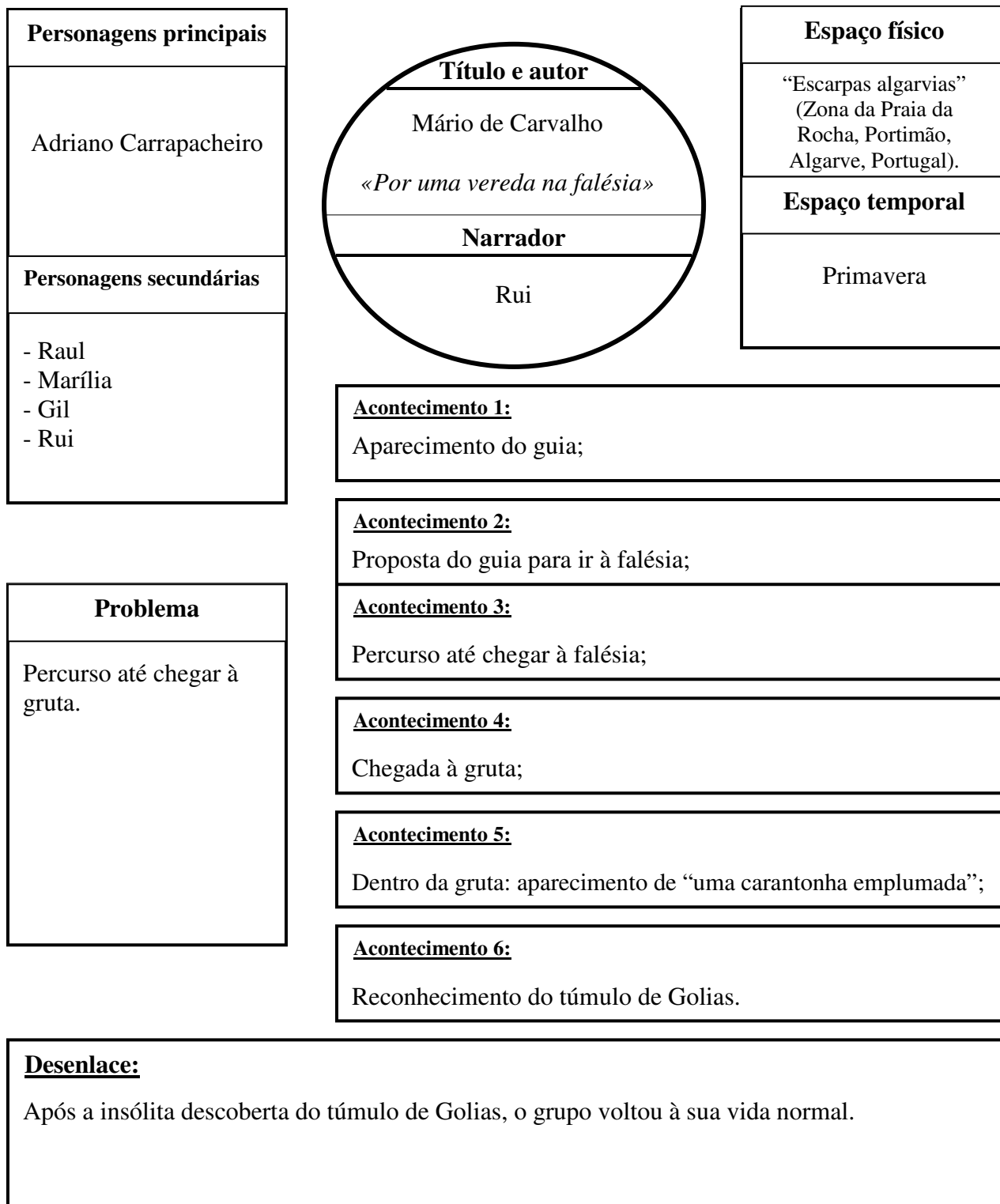
Escola Secundária de Pinheiro e Rosa

Ano Lectivo 2008/2009

Português

10º H

MAPA CONCEPTUAL - CONTOS DE AUTORES DO SÉC. XX



Anexo A4 – Reflexão pós-acção.

Aula de Português de 27 de Maio de 2009.

Para começar, de um modo geral, considero que a aula de Português que leccionei foi boa, uma vez que os alunos, ou a maior parte deles, conseguiram atingir os objectivos propostos para esta aula, que era a realização de um mapa conceptual do conto “*Por uma vereda na falésia*” de Mário de Carvalho.

No que se refere a aspectos positivos e negativos da minha aula, creio que um dos aspectos mais positivos, senão o mais positivo, tem a ver com a participação dos alunos. É, sem dúvida, muito importante que estes participem, pois fazem com que a aula tenha um desenvolvimento mais produtivo, que é diferente das aulas em que só há exposição de conteúdos por parte do professor.

Quanto ao aspecto que considero mais negativo, ou menos bom, tem a ver com o erro ortográfico que cometi ao escrever no quadro um dos títulos propostos pelos alunos para o conto, que fazia parte de uma das actividades que eu tinha planificado para a aula. Quando me dei conta do erro fiquei um pouco perturbado, mas acho que consegui contornar bem essa questão. Cheguei à conclusão que o erro já tinha sido dado e não havia nada a fazer, portanto o melhor seria prosseguir com a aula. Penso que foi uma atitude acertada da minha parte, uma vez que se tivesse ficado “preso” a essa situação o seguimento da aula teria sido muito mais difícil para mim.

No que diz respeito às aprendizagens daquilo que foi ensinado, considero que a maior parte dos alunos aprendeu o que estava previsto e também penso que a aula correspondeu às necessidades de aprendizagem e de comunicação dos diferentes alunos, uma vez que os mesmos conseguiram realizar a tarefa final sintetizando as ideias a partir de um conjunto de informação (conto).

Em relação às actividades propostas, acho que houve uma boa adesão por parte dos alunos. Por exemplo, lembro-me da primeira actividade, que era a construção de um conto desfragmentado, em que os alunos estavam empenhadíssimos a tentar construir o conto de forma coerente. Ainda nesta actividade, verifiquei que os alunos estavam a ter alguma dificuldade em realizar o exercício, por isso fui correndo as mesas dando algumas dicas e prestando auxílio para a construção do conto porque tinha chegado à conclusão de que deveria ter construído a actividade com fragmentos maiores. Contudo, considero que correu bem!

Ainda no que diz respeito às actividades, é de referir que decidi alterar a actividade do reconto que estava no plano de aula porque achei mais adequado para aquela turma. Durante o decorrer da aula, cheguei à conclusão que a maneira como a actividade estava constituída não “me fazia sentido”. De qualquer das formas, mesmo com esta mudança não correu como eu estava à espera, mas acho que se tivesse feito como estava no plano de aula a actividade teria corrido pior do que esta.

Em relação aos pedidos de esclarecimento de vocabulário por parte dos alunos, considero que fui um pouco superficial na explicação dos sinónimos. Contudo, penso que esta superficialidade não teve influência na realização da tarefa final, uma vez que os alunos conseguiram realizá-la.

Para finalizar, é de salientar que os alunos não escreveram o sumário porque iria influenciar uma das actividades que estava proposta para a aula. Optei por deixá-lo para o final da aula mas, por questões de tempo, não foi possível escrevê-lo. Também em relação ao tempo das actividades, é de referir que houve alguns problemas com a sua gestão, mas não foi grave porque o tempo que perdi em algumas actividades recuperei-o em outras.

Anexo B1 – Planificação de uma sequência de aprendizagem sobre a *Oratória*

Escola Secundária de Pinheiro e Rosa
2009/ 2010
11º ano

Professores: Carlos Mangas e Regina Jerónimo

Número de sessões previstas: 2 x 90m

Datas: 02/11/09 - 05/11/2009

Destinatários: 11ºA

TAREFA: Simulação de um discurso político para a eleição do presidente da Associação de Estudantes

Competências	Objectivos	Conteúdos	Actividades	Padrões de Interação	Materiais /recursos	Avaliação
CE Compreensão Escrita	Antecipar conteúdos a partir de indícios vários	<u>Tipos de texto</u> Textos expositivos-argumentativos.	1) Projecção de imagens de pessoas e objectos relacionados com o discurso político.	GT	Manual <i>Antologia</i> pp. 50-54.	
	Organizar informação recolhida.		5) Sistematização das características do discurso político através de um <i>powerpoint</i> .	GT	Computador Projector	
	Apreender sentidos explícitos.	<u>Leitura</u> Discurso político de William Shakespeare: <i>Júlio César. Cena II. Roma. A praça pública.</i>	7) Leitura silenciosa do texto: <i>Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública</i> de William Shakespeare.	Individual	<i>Powerpoint</i> Vídeo do <i>youtube</i>	
	Apreender os		8) Leitura analítica	GT		

<p style="text-align: center;">CO Compreensão Oral</p>	sentidos do texto.		(personagens, espaço e divisão) do texto anteriormente referido.			
	Reconhecer formas de argumentação, persuasão e manipulação.		9) Sistematização dos argumentos a favor e contra o assassino de César.	TP		
	Reconhecer a estrutura canónica de base da argumentação (tese, antítese, síntese).		10) Correção da sistematização dos argumentos seleccionados pelos alunos.	GT		
			11) Identificação das características do discurso político a partir de excertos do texto: <i>Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública</i> de William Shakespeare.	TP		
	Determinar a intencionalidade comunicativa.		12) Correção da actividade anterior.	GT		
	Formular questões acerca do conteúdo a partir de indícios vários.		3) Projecção de um vídeo de um discurso político retirado do <i>youtube</i> .	GT		
		4) Identificação das características do discurso político, a partir	TP			

<p>EE Expressão Escrita</p>	<p>Aplicar regras de tomada de notas.</p>		<p>da visualização do vídeo.</p> <p>14) Elaboração de um guião com os pontos a serem defendidos no discurso político para a eleição do Presidente da Associação de Estudantes.</p>	<p>TP</p>		
<p>EO Expressão Oral</p>	<p>Descrever imagens e objectos.</p> <p>Discutir e confrontar opiniões.</p>		<p>2) Breve diálogo com os alunos sobre as imagens projectadas.</p> <p>6) Os alunos relacionam as imagens da actividade 1, sobre os discursos políticos, com o título do texto: <i>Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública</i> de William Shakespeare.</p> <p>13) Os alunos comparam o discurso oral ouvido na actividade 3 com o discurso político da actividade 11.</p> <p>15) Simulação de um</p>	<p>GT</p> <p>GT</p> <p>GT</p>		

	Adequar o discurso à situação comunicativa.		discurso político para a eleição do presidente da Associação de Estudantes.	TP		
--	---	--	---	----	--	--

Anexo B2.1 - Plano da 1ª aula sobre a *Oratória*

Turma: 11º A	Nº de Alunos: 20	Plano para uma aula de 90 minutos
Professor: Carlos Mangas		

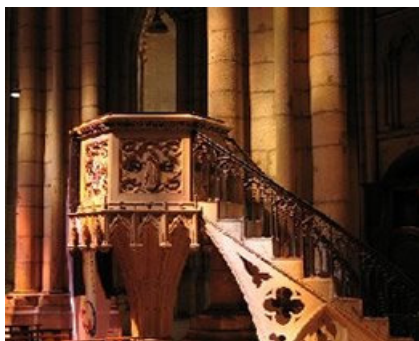
Actividades	Tempo
0) O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.	4 minutos
1) Projecção de imagens de pessoas e objectos relacionados com o discurso político. (cf. <i>powerpoint, diapositivos 1-3</i>)	2 minutos
2) Breve diálogo com os alunos sobre as imagens projectadas.	5 minutos
3) Projecção de um vídeo com um discurso político de José Sócrates, retirado do <i>youtube</i> . (cf. http://www.youtube.com/watch?v=aYFejW3IOJY)	7 minutos
4) Identificação das características do discurso político, a partir da visualização do vídeo.	7 minutos
5) Sistematização das características do discurso político através de um <i>powerpoint</i> . (cf. <i>powerpoint, diapositivo 4</i>)	15 minutos
6) Os alunos relacionam as imagens da actividade 1, sobre os discursos políticos, com o título do texto: <i>Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública</i> de William Shakespeare. (cf. <i>powerpoint, diapositivo 5</i> e manual <i>Antologia</i> , pp.50-55)	10 minutos
7) Leitura silenciosa do texto: <i>Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública</i> de William Shakespeare.	10 minutos
8) Leitura analítica (personagens, espaço e divisão) do texto anteriormente referido. (cf. <i>powerpoint, diapositivos 6 e 7</i>)	15 minutos
9) Sistematização dos argumentos a favor e contra o assassino de César.	10 minutos
10) Correção da sistematização dos argumentos seleccionados pelos alunos.	5 minutos

Anexo B2.2 - Plano da 2ª aula sobre a *Oratória*

Turma: 11º A	Nº de Alunos: 20	Plano para uma aula de 90 minutos
Professor: Regina Jerónimo		

Actividades	Tempo
0) O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.	5 minutos
9) Sistematização dos argumentos a favor e contra o assassino de César.	10 minutos
10) Correção da sistematização dos argumentos seleccionados pelos alunos.	5 minutos
11) Identificação das características do discurso político a partir de excertos do texto: <i>Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública</i> de William Shakespeare.	10 minutos
12) Correção da actividade anterior.	5 minutos
13) Os alunos comparam o discurso oral ouvido na actividade 3 com o discurso político da actividade 11 (<i>cf. planificação</i>).	15 minutos
14) Elaboração de um guião com os pontos a serem defendidos no discurso político para a eleição do Presidente da Associação de Estudantes.	20 minutos
15) Simulação de um discurso político para a eleição do presidente da Associação de Estudantes.	20 minutos

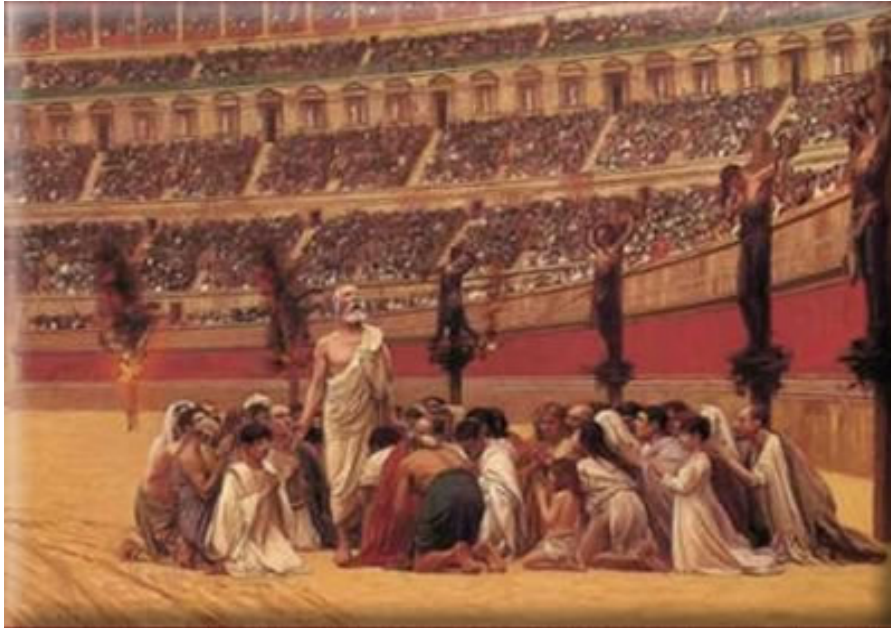
Anexo B3.1 - Apresentação *powerpoint* sobre o discurso político (texto argumentativo).



1



2

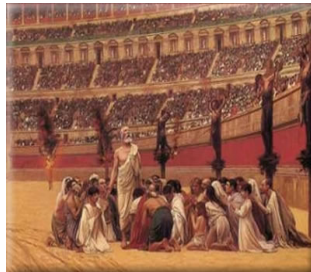


3

Características do código do uso oral.

- Presença física de locutor e interlocutor;
- Frases curtas e vocabulário simplificado;
- Existência de repetições, hesitações, contracção de palavras;
- Entoação, ritmo e pausas;
- Utilização de elementos paralinguísticos (gestos, expressões faciais, mímica...);
- É irreversível.

4



Texto Argumentativo

- A argumentação tem como objectivo convencer os outros de uma determinada ideia mediante a apresentação de uma série de argumentos.

6

- Partes do texto argumentativo:

- Introdução → tese (ideia) que se pretende defender
- Desenvolvimento → apresentação de argumentos
- Conclusão → síntese do desenvolvimento articulada com a introdução

7

Anexo B3.2 – *Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública* de William Shakespeare,
In *Antologia*, pp. 50-55.

50

2

William Shakespeare,
escritor inglês, 1564-1616

¹ Na cena I, César é assassinado por um grupo de nobres romanos, entre os quais, Bruto, estimado por César como um filho mas que, tal como os outros conspiradores, considerava que César se tornara por ambição política, uma ameaça à liberdade de Roma.

Cena II. Roma. A praça pública¹

O Fórum. Entram Bruto, Cássio e grande número de cidadãos.

CIDADÃOS: Queremos saber as razões!...

BRUTO: Nesse caso, vinde ouvir o que eu digo, meus amigos. Cássio, vai tu a outras ruas; cada um de nós tomará à sua conta uma parte do povo. Quem quiser ouvir-me, deixe-se ficar aqui; quem quiser ouvir Cássio, vá com ele. Vou explicar-vos publicamente quais as razões por que matámos César.

PRIMEIRO CIDADÃO: Eu quero ouvir Bruto.

SEGUNDO CIDADÃO: E eu quero ouvir Cássio. Depois compararemos os seus argumentos, assim expostos em separado.

(Sai Cássio, seguido de alguns cidadãos. Bruto sobe à tribuna.)

TERCEIRO CIDADÃO: Aí temos o ilustre Bruto. Silêncio!

BRUTO: Tende paciência até final... Romanos, concidadãos, amigos! ouvi a minha exposição; conservai-vos silenciosos, se quereis ouvir. Fazei justiça à minha honestidade, e respeitai-a se quereis acreditar-me. Apreciai-me com espírito sereno e apelaí para a vossa boa razão, a fim de me julgardes rectamente. Se nesta assembleia há algum amigo de César, a esse dir-lhe-ei que a minha amizade por César não era menor que a sua. E se esse amigo perguntar qual o motivo então por que eu me levantei contra César, eis a minha resposta: eu era amigo de César, mas ainda era mais amigo de Roma! Que preferis vós, ver César vivo e morrerdes escravos, ou ver César morto e viverdes livres? César era meu amigo, e eu choro-o; César foi glorioso, e eu regozijo-me por isso; César foi valoroso, e eu presto-lhe homenagem. Mas era ambicioso; por isso o matei. Assim, lágrimas pela sua amizade; alegria pelas suas glórias; homenagens à sua coragem; morte à sua ambição! Quem há aí tão vil que queira ser escravo? Se há alguém, fale, porque o ofendi! Quem há aí tão bárbaro que não queira ser digno do nome de romano? Se há alguém, fale, porque o ofendi! Quem há aí tão desprezível que não ame a sua pátria? Se há alguém, fale, porque o ofendi! Espero que esse alguém me responda.

CIDADÃOS: Não há ninguém, Bruto; não há ninguém!

BRUTO: Então é porque não ofendi pessoa alguma. Eu não fiz a César senão aquilo que vós teríeis feito a Bruto, se Bruto o merecesse. As razões da sua morte estão expostas no Capitólio. Elas não diminuem a sua glória, naquilo em que César foi glorioso; nem tão pouco exageram os crimes pelos quais foi morto.

(Entram António e outros com o corpo de César.)

Aí vem o corpo que António nos traz chorando. Apesar de não ter participado nesta morte, também António lhe colherá os benefícios; porque terá um grande lugar na República. E quem o não terá? Uma palavra só, e retiro-me. Matei o meu melhor amigo, para o bem de Roma; conservo o punhal com que o matei para o caso de que a pátria queira dispor da minha vida!

45 **CIDADÃOS:** Viva Bruto! Viva!

PRIMEIRO CIDADÃO: Levemo-lo em triunfo até casa!

SEGUNDO CIDADÃO: E levantemos-lhe uma estátua entre as dos seus antepassados!

TERCEIRO CIDADÃO: Aclamemo-lo César!

55 **QUARTO CIDADÃO:** Que as boas qualidades de César sejam coroadas em Bruto!

PRIMEIRO CIDADÃO: Acompanhem-lo a casa com aplausos e aclamações!

BRUTO: Concidadãos!...

60 **SEGUNDO CIDADÃO:** Silêncio! Silêncio! Bruto vai falar.

PRIMEIRO CIDADÃO: Silêncio!

BRUTO: Meus bons concidadãos! Deixai-me ir só, e, se quereis ser-me agradáveis, ficai aqui com António. Honrai o corpo de César; ouvi respeitosamente o discurso que, em honra de César, António vai pronunciar. É com autorização nossa que ele fala. Peço-vos que nenhum de vós se vá embora antes de António ter falado.

(Sai.)

PRIMEIRO CIDADÃO: Silêncio! Ouçamos Marco António.

TERCEIRO CIDADÃO: Suba à tribuna, que nós o ouviremos. Sobe, illustre António!

ANTÓNIO: Em nome de Bruto, agradeço-vos.

(Sobe à tribuna.)

QUARTO CIDADÃO: Que é que ele diz de Bruto?

TERCEIRO CIDADÃO: Diz que nos agradece em nome de Bruto.

QUARTO CIDADÃO: Ah! que não diga mal de Bruto na nossa presença!

PRIMEIRO CIDADÃO: César era um tirano.

TERCEIRO CIDADÃO: Certamente; ainda bem que Roma se viu livre dele.

SEGUNDO CIDADÃO: Silêncio! Ouçamos o que António vai dizer.

ANTONIO: Generosos romanos!...

65 **CIDADÃOS:** Silêncio! escutemo-lo!

ANTONIO: Amigos, romanos, concidadãos, prestai-me atenção! Venho aqui para fazer o funeral de César, e não para o louvar. O mal que os homens fazem sobrevive-lhes; mas o bem que praticam é sepultado com os seus ossos. Seja assim com César. Disse-vos o nobre Bruto que César era um ambicioso. Se assim é, a falta era grave e César expiou-a gravemente. Com permissão de Bruto e seus companheiros (porque

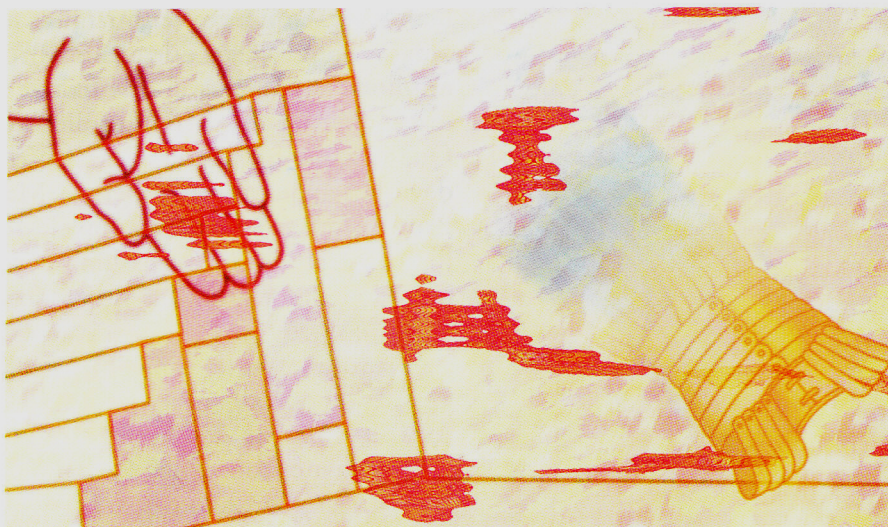


Ilustração de Carlos Ferreiro

Bruto é um homem respeitável, como, de resto, todos os outros também são) é que eu venho falar nos funerais de César. Ele era meu amigo, amigo justo e leal; mas Bruto diz que era ambicioso, e Bruto é um homem respeitável. Ele trouxe a Roma muitos cativos, cujos resgates encheram os cofres públicos. Seria nisto que ele foi ambicioso? Quando o pobre sofria, César sofria também: parece-me que a ambição deveria ser de outra têmpera... Mas Bruto diz que ele era ambicioso, e Bruto é um homem respeitável. Todos vós vistes como nas Luperciais lhe ofereceram três vezes uma coroa real e como três vezes a rejeitou. Seria por ambição? Mas Bruto diz que ele era ambicioso, e sem dúvida Bruto é um homem respeitável. Não falo para desaprovar as palavras de Bruto; estou aqui unicamente para dizer o que sei. Todos vós o amáveis, e com justo motivo. Então porque não o haveis de chorar? Ó razão! tu fugiste dos homens para os animais selvagens; já ninguém te encontra nos homens! Desculpai-me. O meu coração ficou ali, na tumba de César; não posso falar sem que ele novamente me anime!

PRIMEIRO CIDADÃO: Parece-me que o que ele diz é razoável.

SEGUNDO CIDADÃO: Bem vistas as cousas, foram injustos para com César.

TERCEIRO CIDADÃO: Não é verdade? Oxalá que o que vier depois de César não seja pior do que ele.

QUARTO CIDADÃO: Notastes o que ele disse? César não quis aceitar a coroa. Então é porque não era ambicioso.

PRIMEIRO CIDADÃO: Se assim é, eu bem sei quem há-de pagar caro tudo isto.

SEGUNDO CIDADÃO: Pobre homem! Tem os olhos vermelhos como brasas, à força de chorar!

TERCEIRO CIDADÃO: Não há em Roma homem mais generoso do que António.

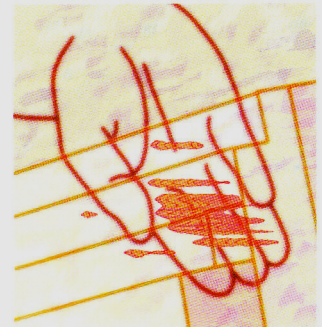
QUARTO CIDADÃO: Atenção! Lá vai falar outra vez.

ANTÓNIO: Ontem, a palavra de César podia dominar todo o Universo; hoje vemo-lo por terra, e o mais ínfimo dos homens ainda é grande de mais para lhe prestar homenagem. Ah! senhores, se eu quisesse excitar-vos à cólera e à revolta, eu acusaria Bruto, acusaria Cássio, que, como sabeis, são homens respeitáveis. Mas não os acusarei. Antes quero acusar a morte, acusar-me a mim mesmo, acusar-vos a todos vós, do que acusar tão respeitáveis cidadãos... Mas eis aqui um pergaminho, com o selo de César, que encontrei no seu gabinete. É o seu testamento. Se o ouvísseis ler (desculpai-me, mas não quero lê-lo), se o ouvísseis ler, tenho a certeza de que todos vós beijaríeis as feridas de César e colheríeis as relíquias do seu sangue sagrado, pedindo com empenho os seus cabelos, para os guardar como recordações preciosas e transmiti-los por morte a vossos filhos!

QUARTO CIDADÃO: Mas queremos ouvir ler o testamento. Lê-o, Marco António!

CIDADÃOS: O testamento! O testamento! Queremos saber o que diz o testamento!

W. Shakespeare



ANTÓNIO: Tende paciência, meus amigos; mas não o posso ler. Não é bom que saibais quanto César era vosso amigo; porque vós não sois seres insensíveis, sois homens, e, como homens que sois, se conhecêsseis o testamento de César, isso poderia excitar-vos e encher-vos de furor. Não, não é bom saberdes que sois os seus herdeiros; porque, se o soubésseis, que males não poderiam daí resultar!

QUARTO CIDADÃO: Lê o testamento! Queremos ouvi-lo! Deves ler-nos o testamento! O testamento de César!

ANTÓNIO: Tende paciência, peço-vos; esperai mais algum tempo. Adiantei-me de mais em falar neste assunto. Receio prejudicar esses homens respeitáveis que com seus punhais assassinaram César; receio muito.

QUARTO CIDADÃO: Esses homens respeitáveis são mas é uns traidores!

CIDADÃOS: O testamento! O testamento!

SEGUNDO CIDADÃO: São uns miseráveis! Uns assassinos! O testamento! Lê o testamento!

ANTÓNIO: Sempre me obrigais a ler o testamento... Então ponde-vos em roda do corpo de César, para vos poder mostrar aquele que fez o testamento. Deverei descer? Dais-me licença que desça?

CIDADÃOS: Desce!

SEGUNDO CIDADÃO: Desce!

(António desce da tribuna) [...]

ANTÓNIO: Se tendes lágrimas, preparai-vos para as verterdes. Todos vós conheceis este manto. Lembro-me da primeira vez que César o pôs: foi numa noite de verão, na sua tenda; na noite do dia em que bateu os Nérvios. Olhai: aqui penetrou o punhal de Cássio! Que grande rasgão fez o invejoso Casca! Foi aqui que o bem amado Bruto deu o golpe!... Quando o punhal maldito saiu da ferida, o sangue de César veio atrás do ferro, como para se certificar se era Bruto quem feria tão impiedosamente! Porque Bruto, como é sabido, era o homem mais estimado por César! Sabeis, ó deuses! até que ponto César o amava! Foi o mais desumano de todos os golpes! Ao ver-se ferido por ele, pôde mais a ingratidão do que as armas dos traidores. Foi então que César caiu por terra; foi então que a sua grande coragem desfaleceu. Cobrindo o rosto com o manto, o grande César caiu aos pés da estátua de Pompeu, que ficou manchada de sangue. Ah! meus amigos!... eu, vós, todo o povo romano caímos com César sob o punhal sangrento da traição! Chorais! sentis-vos comovidos de piedade! derramais lágrimas de compaixão! Almas sensíveis! chorais só por verdes o manto de César, trespassado de golpes! Pois então considerai o próprio corpo de César, dilacerado, como ides ver, pelos traidores!

PRIMEIRO CIDADÃO: Oh! que triste espectáculo!

SEGUNDO CIDADÃO: Oh! nobre César!...

TERCEIRO CIDADÃO: Oh! que dia calamitoso!

QUARTO CIDADÃO: Oh! que traidores, que celerados!

PRIMEIRO CIDADÃO: Oh! que sangrento espectáculo!

SEGUNDO CIDADÃO: Havemos de vingá-lo! Vingança! Vamos em busca deles! Incendiemos, matemos, assassinemos! Que nenhum fique vivo!

ANTÓNIO: Detende-vos, cidadãos! 180

PRIMEIRO CIDADÃO: Silêncio! Ouvi o nobre António!

SEGUNDO CIDADÃO: Escutemo-lo; sigamo-lo; morramos com ele!

ANTÓNIO: Meus bons amigos, meus generosos amigos, eu não quero excitar-vos à revolta assim inconsideradamente. Os matadores de César são homens respeitáveis; embora eu não atinja as razões particulares 185 que os levaram a proceder desta maneira! São homens sensatos, honrados, que sem dúvida nos poderiam apresentar boas razões. Longe de mim a ideia de querer enganar-vos, meus amigos. Eu não sou um orador como Bruto; mas apenas, como sabeis, um homem simples, franco 190 e amigo do seu amigo. Os que me autorizaram a vir aqui falar sabem-no muito bem. Não tenho espírito, nem elocução, nem mérito, nem expressão, nem eloquência, nem poder de persuasão para arrastar os que me ouvem. Contento-me em falar francamente, em dizer o que todos sabem. Considerai as feridas do bom César, pobres, pobres bocas 195 silenciosas. Elas que falem por mim! Se eu fosse Bruto, se Bruto fosse António, poderia então arrastar vossos ânimos e dar a cada uma destas feridas uma eloquência capaz de comover as pedras dessas ruas e de as levantar para a revolta!

CIDADÃOS: Ah! havemos de revoltar-nos!

PRIMEIRO CIDADÃO: A casa de Bruto há-de ser queimada! 200

TERCEIRO CIDADÃO: Vamos, vamos em busca dos conspiradores!

ANTÓNIO: Atendei-me, cidadãos! Quero dizer-vos mais alguma coisa.

CIDADÃOS: Silêncio! Ouçamos António, o nobilíssimo António!

ANTÓNIO: Amigos, ides fazer não sabeis o quê. Em que é que César vos mereceu tanta afeição? Ah! não o sabeis, não. É preciso, pois, que eu 205 vo-lo diga. Esquecesteis-vos do testamento de César.

CIDADÃOS: É verdade! O testamento! Fiquemos e ouçamos o testamento.

ANTÓNIO: Aqui está o testamento, fechado com o selo de César. A cada cidadão romano, a cada um de vós, deixa setenta e cinco dracmas.

SEGUNDO CIDADÃO: Ó nobilíssimo César! Havemos de vingar-te! 210

TERCEIRO CIDADÃO: Ó munificente César!

ANTÓNIO: Ouvi-me com atenção.

CIDADÃOS: Silêncio!

ANTÓNIO: Além disso, deixa-vos todos os jardins, lugares reservados e seus pomares recentemente dispostos do outro lado do Tibre. Deixa-os 215 para vós e vossos herdeiros, para sempre, como lugares públicos, para vossos passeios e diversões. Ah! este é que era o verdadeiro César! Já não vem outro como ele!

PRIMEIRO CIDADÃO: Ah! nunca mais! nunca mais! Vamos, vamos incinerar 220 o seu corpo no lugar sagrado; e com o mesmo fogo incendiaremos as casas dos traidores! Trazei o corpo[...]

Anexo B4 – Reflexão pós-acção.

Aula de Português de 02 de Novembro de 2009.

Para começar, considero que, na sua globalidade, a aula de Português que leccionei foi positiva, uma vez que os alunos conseguiram alcançar minimamente o principal objectivo proposto, que era a identificação das características do discurso político. Algumas das estratégias utilizadas para a operacionalização do objectivo foram a visualização de um vídeo e a leitura do texto *Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública* de William Shakespeare.

No que se refere a aspectos mais bem sucedidos, penso que a primeira parte da aula (projectão de imagens, diálogo sobre as imagens, vídeo e identificação de características do discurso oral) foi muito bem conseguida, uma vez que os alunos aderiram muito bem às actividades participando de forma activa. Nas duas primeiras actividades, projectão de imagens de pessoas/ objectos relacionados com o discurso político e breve diálogo com os alunos sobre as respectivas imagens, pensei que os alunos iriam ter dificuldade em identificar algumas das imagens e ainda pensei que teriam dificuldade em relacioná-las com o discurso político. Contudo, durante a aula, cheguei à conclusão de que estava enganado e que tinha subestimado os alunos, pois estes relacionaram muito bem as imagens e associaram-nas ao tema abordado, o discurso político. Considero pertinente referir que isto, eventualmente, deve-se ao facto dos alunos se sentirem identificados com as imagens, uma vez que é um tema actual e bastante debatido. Todavia, no que respeita à última imagem apresentada, relacionada não com a actualidade mas sim com a época clássica, notei que os alunos tiveram mais dificuldade em relacioná-la com as imagens que já tinham sido apresentadas e com o discurso político.

Quanto à actividade de projecção do vídeo e identificação das características do discurso político, também considero que foram actividades bem conseguidas, pois foram dadas as instruções necessárias aos alunos antes do primeiro e segundo visionamentos e os mesmos participaram activamente nas actividades relacionadas com o vídeo.

No que diz respeito a aspectos menos positivos da aula que leccionei, estes estão relacionados, essencialmente, com a segunda parte da aula, que foi quando os alunos passaram para a leitura silenciosa do discurso político de William Shakespeare, *Júlio César. Cena II. Roma. A Praça Pública*. Senti, nesse momento, que houve uma grande quebra e apercebi-me disso quando começámos a analisar detalhadamente o texto. Notei que os alunos estavam menos participativos e verifiquei que os mesmos estavam a ter dificuldade em identificar no texto aquilo que lhes era pedido, situação que não se verificou na actividade do visionamento do vídeo. Esta quebra estará possivelmente relacionada com a extensão do texto. Depois de alguma discussão com os colegas do núcleo de estágio e orientador, concluí que se tivesse escolhido excertos do texto, direccionando-os para as características que eu pretendia que fossem identificadas no mesmo, não teria havido a quebra que acabou por reduzir a participação activa dos alunos.

Outro dos aspectos menos bem conseguidos diz respeito à sequência das actividades presentes no plano de aula. As actividades 9 e 10 deveriam ter sido identificação dos argumentos descritos no discurso político e respectiva correcção. Aquilo que eu menciono no plano de aula como actividades 9 e 10, deveriam ser as actividades 11 e 12, pois não posso passar para uma sistematização de uma determinada actividade sem ter havido uma identificação e correcção prévia da mesma. Contudo, é de referir que, mesmo não estando mencionado no plano de aula, pedi aos alunos que

identificassem no texto características do discurso político, nomeadamente os argumentos.

Para concluir, a aula terminou quando os alunos estavam na actividade de identificação dos argumentos presentes no texto. Como já foi referido anteriormente, o principal objectivo desta aula era que os alunos conseguissem identificar características do discurso político, quer na visualização do vídeo quer no texto escrito. Considero que o objectivo foi atingido e os alunos aprenderam o que estava previsto, uma vez que através da observação naturalista apercebi-me que os alunos estavam a reconhecer no texto aquilo que lhes era pedido.

Anexo C1 - Planificação de uma sequência de aprendizagem sobre o *Sermão de Santo António aos Peixes*

Escola Secundária de Pinheiro e Rosa
2009/ 2010
11º ano

Professores: Carlos Mangas e Regina Jerónimo

Número de sessões previstas: 2 x 90m

Data: 26/11/09

Destinatários: 11ºH

TAREFA: Debate sobre um tema da actualidade retratado nos capítulos IV e V do Sermão de Santo António aos Peixes.

Competências	Objectivos	Conteúdos	Actividades	Padrões de Interacção	Materiais /recursos	Avaliação
EO Expressão Oral	Adequar o discurso à situação comunicativa.	<u>Tipos de texto</u> textos expositivo-argumentativos.	1) Diálogo com os alunos sobre os principais aspectos presentes nos capítulos II e III do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> , abordados na aula anterior. 3) Comentário de um vídeo a partir da citação inicial do mesmo, em que os alunos devem deduzir o seu conteúdo. 5) Conversa com os alunos	GT GT	Manual <i>Antologia</i> pp.68-81 Computador Projector <i>Powerpoint</i> Vídeo <i>youtube:</i> http://www.youtube.com/wa	

	<p>Reflectir sobre o funcionamento da língua.</p> <p>Reconhecer a estrutura canónica de base da argumentação (tese, antítese, síntese):</p> <p>Intervir oportunamente.</p>	<p><u>Recursos estilísticos:</u> - Anáfora - Gradação</p> <p>Polissemia do verbo <i>comer</i>.</p> <p>Identificar uma tese.</p>	<p>sobre o excerto do vídeo visto na actividade 4, em que os mesmos confrontam a opinião pessoal que tinham acerca do conteúdo, inicialmente, com a que ficaram depois de ver o vídeo.</p> <p>7) Discussão com os alunos sobre questões relacionadas com o conteúdo e funcionamento da língua do fragmento referido na actividade 6.</p> <p>10) Diálogo com os alunos sobre questões relacionadas com a estrutura do texto argumentativo, em que os mesmos, a partir do excerto, terão de identificar a tese que o orador pretende demonstrar.</p> <p>16) Pequena discussão sobre o significado de vaidade, em que os alunos expõem e confrontam as suas opiniões.</p> <p>18) Elaboração de um debate a</p>	<p>GT</p> <p>GT</p> <p>GT</p> <p>TG (3)</p>	<p>tch?v=rY5QQU9Q2Cw</p> <p>Esquema – Analogia entre Santo António e Padre António Vieira</p> <p>Esquemas conceptuais</p> <p>Ficha formativa com a estrutura de um debate.</p>
--	--	---	---	---	--

CE Compreensão Escrita	Discutir e argumentar. Utilizar argumentos e contra-argumentos.		partir da frase: “A vaidade é, ainda hoje, um dos maiores vícios do Homem.	GT	
	Relatar acontecimentos.		19) Apresentação das conclusões através dos dois secretários eleitos pelos grupos.	GT	
	Mobilizar conhecimentos prévios.		2) Consolidação dos principais aspectos dos capítulos II e III do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> de Padre António Vieira, através de uma apresentação <i>powerpoint</i> .	P-A	
	Apreender sentidos explícitos.		4) Visionamento e registo das palavras que aparecem num excerto do vídeo (início do vídeo até 1min20s) associadas aos vícios dos homens.	Individual	
		<u>Leitura</u> <u><i>Sermão de Santo António aos Peixes de Padre António Vieira</i></u> (excertos).	6) Leitura silenciosa das linhas 1-36 do capítulo IV do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> .	Individual	
		8) Leitura analítica das linhas 165-166 do capítulo IV do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> .	GT		

	<p>Organizar a informação recolhida através de um mapa conceptual.</p> <p>Antecipar conteúdos a partir de indícios vários.</p>	<p><u>Recursos estilísticos:</u> - Metáfora - Personificação</p>	<p>9) Leitura silenciosa de um excerto retirado do capítulo IV do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>.</p> <p>11) Leitura analítica das linhas 11-12 do excerto, em que os alunos devem reconhecer a <i>metáfora</i> e <i>personificação</i> presentes nas respectivas linhas.</p> <p>12) Leitura analítica e crítica de excertos do capítulo V do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>.</p> <p>13) Preenchimento de um esquema conceptual que sintetiza as críticas dirigidas aos peixes em particular: <i>Roncadores</i> (exemplo), <i>Pegadores</i>, <i>Voadores</i> e <i>Polvo</i>.</p> <p>14) Correção dos esquemas conceptuais.</p> <p>15) <i>Brainstorming</i> a partir da palavra <i>vaidade</i>, descrita no</p>	<p>Individual</p> <p>GT</p> <p>Individual</p> <p>TG (3)</p> <p>GT</p> <p>GT</p>		
--	--	--	--	---	--	--

	Reconhecer a adequação do discurso à situação comunicativa.	<u>Interacção discursiva</u>	<p>exemplo de esquema conceptual (item alegoria) dos Roncadores.</p> <p>17) Apresentação da estrutura do debate (intervenientes e modos de intervenção) a partir de uma ficha formativa apresentada pelo professor.</p>	P-A		
--	---	------------------------------	---	-----	--	--

Anexo C2.1 - Plano da 1ª aula sobre o *Sermão de Santo António aos Peixes*

Turma: 11º H	Nº de Alunos: 20	Plano para uma aula de 90 minutos
Professor: Carlos Mangas		
Sumário: Leitura analítica e crítica dos capítulos IV e V do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> de Padre António Vieira. Elaboração de esquemas conceptuais a partir de excertos do capítulo V.		

Actividades	Tempo
1) Diálogo com os alunos sobre os principais aspectos presentes nos capítulos II e III do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> , abordados na aula anterior.	3 minutos
2) Consolidação dos principais aspectos dos capítulos II e III do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> de Padre António Vieira, através de uma apresentação <i>powerpoint</i> . (cf. <i>powerpoint</i> - anexo 1)	5 minutos
3) Comentário de um vídeo a partir da citação inicial do mesmo, em que os alunos devem deduzir o seu conteúdo. (cf. anexo 2)	4 minutos
4) Visionamento e registo das palavras que aparecem num excerto do vídeo (início do vídeo até 1min20s) associadas aos vícios dos homens.	1 minuto
5) Conversa com os alunos sobre o excerto do vídeo visto na actividade 4, em que os mesmos confrontam a opinião pessoal que tinham acerca do conteúdo, inicialmente, com a que ficaram depois de ver o vídeo.	4 minutos
6) Leitura silenciosa das linhas 1-36 do capítulo IV do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> . (cf. manual <i>Antologia</i> , p. 68)	3 minutos
7) Discussão com os alunos sobre questões relacionadas com o conteúdo e funcionamento da língua do fragmento referido na actividade 6.	15 minutos
<u>Possíveis questões:</u>	
<ul style="list-style-type: none"> - Está relacionado com o capítulo III? Porquê? - Qual é a ideia que este parágrafo pretende transmitir? - O parágrafo fala essencialmente de quê? - Qual é a primeira repreensão de que os peixes são alvo? - Que relação existe entre a repreensão e a conduta dos homens? 	

<ul style="list-style-type: none"> - Qual é a distinção entre a conduta dos homens da cidade e dos homens do Sertão. - Semelhanças entre Santo António e Santo Agostinho. (cf. anexo 3) - Polissemia do verbo <i>comer</i> (linhas 29-36) - Recursos estilísticos presentes nas linhas 29-36. (cf. manual <i>Antologia</i>, p. 68) 	
<p>8) Leitura analítica das linhas 165-166 do capítulo IV do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>. (cf. powerpoint - anexo 4)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explicação do sentido da frase. <p><i>“Outra cousa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira (...).”</i></p>	10 minutos
<p>9) Leitura silenciosa de um excerto retirado do capítulo IV do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>. (cf. anexo 5)</p>	10 minutos
<p>10) Diálogo com os alunos sobre questões relacionadas com a estrutura do texto argumentativo, em que os mesmos, a partir do excerto, terão de identificar a tese que o orador pretende demonstrar.</p>	5 minutos
<p>11) Leitura analítica das linhas 11-12 do excerto, em que os alunos devem reconhecer a <i>metáfora</i> e <i>personificação</i> presentes nas respectivas linhas.</p> <p><i>“A vaidade entre vícios é o pescador mais astuto e que mais facilmente engana a vaidade dos homens.”</i></p>	5 minutos
<p>12) Leitura analítica e crítica de excertos do capítulo V do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>. (cf. manual Antologia pp. 74-81)</p>	7 minutos
<p>13) Preenchimento de um esquema conceptual que sintetiza as críticas dirigidas aos peixes em particular: <i>Roncadores</i> (exemplo), <i>Pegadores</i>, <i>Voadores</i> e <i>Polvo</i>. (cf. anexos 6a, 6b, 6c).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Em grupos de três, os alunos deverão, a partir de um dos excertos do cap. V do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> preencher um esquema relacionado com a <i>alegoria</i>, a <i>queixa</i>, o <i>aforismo</i>, o <i>conselho</i> e a <i>simbologia</i> que o orador utiliza para falar das repreensões (vícios) dos peixes em particular. Três espécies de peixes serão repartidas pelos vários grupos (Pegadores, Voadores e Polvo), pois uma das espécies de peixes (Roncadores) fará parte da estrutura exemplificativa dada pelo professor para que os alunos entendam o que se 	15 minutos

pretende fazer. (cf. *powerpoint* - anexo 7).

Anexo C2.2 - Plano da 2ª aula sobre o *Sermão de Santo António aos Peixes*

Turma: 11º H	Nº de Alunos: 20	Plano para uma aula de 90 minutos
Professor: Regina Jerónimo		
Sumário: Correção dos esquemas conceptuais realizados na aula anterior. Elaboração de uma chuva de ideias e realização de um debate relacionado com uma das críticas abordadas por Padre António Vieira no Sermão de Santo António aos Peixes.		

Actividades	Tempo
12) Correção dos esquemas conceptuais. (cf. anexos 7a, 7b e 7c)	10 minutos
13) <i>Brainstorming</i> a partir da palavra <i>vaidade</i> , descrita no exemplo de esquema conceptual (item alegoria) dos Roncadores. Possíveis respostas: - Beleza, presunção, fatuidade, homem, mulher, pecado capital, futilidade, ostentação...	10 minutos
14) Pequena discussão sobre a temática da vaidade em que os alunos expõem uns aos outros os seus pontos de vista em relação ao tema (TG 3).	10 minutos
15) Apresentação da estrutura do debate (intervenientes e modos de intervenção) a partir de uma ficha formativa. (cf. anexos 8)	15 minutos
16) Tendo em conta os elementos que devem estar presentes no debate, a turma vai ser repartida em dois grupos, dentro de cada grupo elege-se um secretário e um observador e o professor será o moderador. A partir da seguinte frase um dos grupos vai argumentar a favor e o outro contra: “A vaidade é, ainda hoje, um dos maiores vícios do Homem.” Nota: Os grupos terão 5 minutos para pensar em alguns argumentos que poderão servir de ajuda para argumentar ou contra-argumentar contra o grupo oposto.	30 minutos
17) Apresentação das conclusões através dos dois secretários eleitos pelos grupos.	10 minutos

Anexo C3.1 - Apresentação powerpoint (Sistematização dos capítulos II e III do *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira).



**Louvores aos peixes, em geral.
(cap. II)**

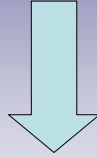
- Ouvem e não falam;
- Foram as primeiras criaturas que Deus criou;
- São mais numerosos e melhores do que os homens;
- Demonstram obediência, respeito e devoção ao escutar Santo António;
- São os únicos animais que não se deixam domesticar.



2

Louvores aos peixes, em particular (cap. III)

Peixe de Tobias

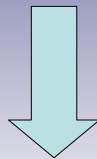


O seu fel era bom para sarar a cegueira
e o coração para afastar os maus
espíritos.

3

Louvores aos peixes, em particular (cap. III)

Rémora

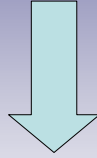


Tem como virtude a força para parar um
navio.

4

Louvores aos peixes, em particular (cap. III)

Torpedo

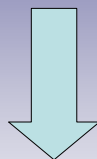


Possui um grande poder: gera uma energia que faz tremer o braço do pescador.

5

Louvores aos peixes, em particular (cap. III)

Quatro-olhos



Tem dois olhos virados para cima e dois virados para baixo, pelo que lhe permite defender-se das aves e dos peixes.

6

Anexo C3.2 - Fragmento do capítulo IV do Sermão de Santo António aos Peixes de Padre António Vieira, In Antologia, p.68.

2

68

³³ *Gênesis*, 1, 5, Sept. (N. de V.).
Trad.: O espírito do Senhor
fecundava as águas.

mesmo q Solho (o nome vem
forme q se assemelha à de
sola)

³⁴ Alusão ao milagre da multipli-
cação dos pães, relatado nos
quatro evangelhos.

Céu. Enfim, sois criaturas daquele elemento, cuja fecundidade entre todos é própria do Espírito Santo: *Spiritus Domini fecundabat aquas*³³. 205

Deitou-vos Deus a bênção, que crescêsseis e multiplicásseis; e para que o Senhor vos confirme essa bênção, lembrai-vos de não faltar aos pobres com o seu remédio. Entendei que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos aumentos. Tomai o exemplo nas irmãs sardinhas. Porque cuidais que as multiplica o Criador em número tão inumerável? 210
Porque são sustento de pobres. Os Solhos e os Salmões são muito contados, porque servem à mesa dos Reis e dos poderosos; mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Cristo, o mesmo Cristo o multiplica e aumenta. Aqueles dois peixes, companheiros dos cinco pães do Deserto, multiplicaram tanto, que deram de comer a cinco mil 215
homens³⁴. Pois se peixes mortos, que sustentam a pobres, multiplicam tanto, quanto mais e melhor o farão os vivos! Crescei, peixes, crescei e multiplicai, e Deus vos confirme a sua bênção.

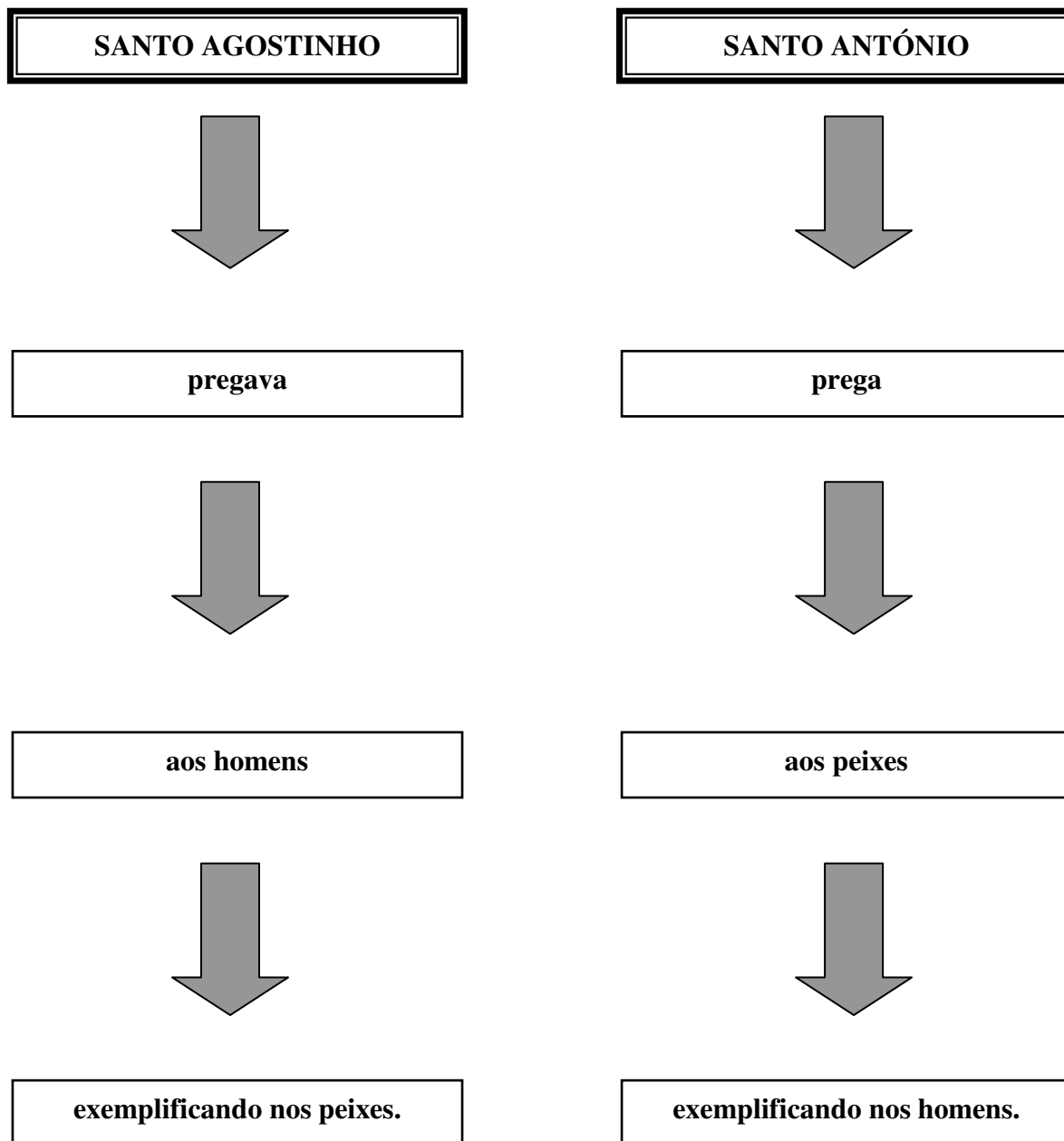
IV

Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, perversisque cupiditatibus facit sunt veluti piscis invicem se devorantes*³⁵: Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer! Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o Sertão? Para cá, para cá; para a Cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias³⁶ se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão-de comer, e como se hão-de comer.

(350-430)
³⁵ Santo Agostinho (N. de V.).
ispo de Hipona, convertido
sto. Ambrósio q o baptizou
m Milão em 387.

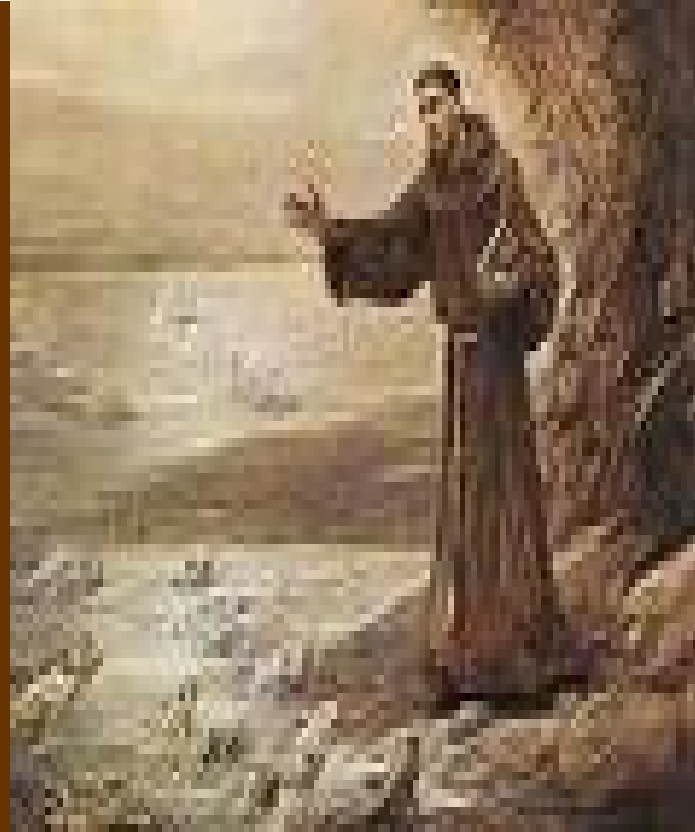
³⁶ Tribo de índios brasileiros.

Anexo C3.3 - Analogia entre Santo António e Padre António Vieira



“Outra cousa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira (...).”

In Sermão de Santo António aos Peixes



Anexo C3.5 - Fragmento do Sermão de Santo António aos Peixes de Padre António Vieira.

✓ **Lê atentamente o texto que se segue.**

Outra cousa muito geral, que não tanto me desedifica, quanto me lastima, em muitos de vós, é aquela notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam por estas partes. Toma um homem do mar um anzol, atalhe um pedaço de pano cortado e aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo
5 delgado até tocar na água, e em o vendo o peixe, arremete cego a ele e fica preso, e bloqueando até que assim suspenso no ar, ou lançado no convés, acaba por morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida? Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército, metem-se os homens pelas pontas dos piques,
10 dos chuços e das espadas, e porquê? Porque houve quem os engordou, e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade entre os vícios é o pescador mais astuto, e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços, e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama hábito de Malta, ou verde, que se chama de Avis, ou vermelho, que se chama de Cristo
15 e de Santiago; e os homens por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro. E depois disso que sucede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou ali, ou noutra ocasião ficou morto; e os mesmos retalhos de pano tornaram outra vez ao anzol para pescar outros. [...]

Mas nem por isso vos negarei, que também cá se deixam pescar os homens pelo
20 mesmo engano, menos honrada e mais ignorantemente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê? Um homem do mar com retalhos de pano. [...] Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça, ou na cana, ou no engenho, ou no tabacal: e este trabalho de toda a vida, quem o leva? [...] pois em que se vai e despende toda a vida? No triste farrapo com que saem à rua, a para isso se matam o ano todo.

In *Antologia*, pp. 72-73

Anexo C3.6 - Capítulo V do Sermão de Santo António aos Peixes de Padre António Vieira, In Antologia, pp.74-81.

74 **2**

V

Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia em que cheguei a ela, ouvindo os Roncadores⁵⁰ e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira. É possível que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncadas do mar?! Se com uma linha de coser e um alfinete torcido, vos pode pescar um aleijado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizei-me: o Espadarte porque não ronca? Porque, ordinariamente, quem tem muita espada, tem pouca língua. Isto não é regra geral; mas é regra geral que Deus não quer Roncadores, e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam. S. Pedro, a quem muito bem conheceram vossos antepassados, tinha tão boa espada, que ele só avançou contra um exército inteiro de Soldados Romanos; e se Cristo lha não mandara meter na bainha, eu vos prometo que havia de cortar mais orelhas que a de Malco⁵¹. Contudo, que lhe sucedeu naquela mesma noite? Tinha roncado e barbateado Pedro que, se todos fraqueassem, só ele havia de ser constante até morrer, se fosse necessário; e foi tanto pelo contrário, que só ele fraqueou mais que todos, e bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar. Antes disso já tinha fraqueado na mesma hora em que prometeu tanto de si. Disse-lhe Cristo no Horto que vigiasse, e vindo daí a pouco a ver se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o acordou do sono, senão também do que tinha blasonado. *Sic non potuisti una hora vigilare mecum*⁵²? Vós, Pedro, sois o valente que havíeis de morrer por mim, e não pudestes uma hora vigiar comigo? Pouco há tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas assim sucedeu. O muito roncar antes da ocasião, é sinal de dormir nela. Pois que vos parece, irmãos Roncadores? Se isto sucedeu ao maior pescador, que pode acontecer ao menor peixe? Medi-vos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de blasonar, nem roncar.

Se as Baleias roncaram, tinham mais desculpa a sua arrogância na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas Baleias não seria essa arrogância segura. O que é a Baleia entre os peixes, era o Gigante Golias entre os homens. Se o Rio Jordão e o mar de Tiberíades têm comunicação com o Oceano, como devem ter, pois dele manam todos, bem deveis de saber

⁵⁰ Roncador: peixe cujo ruído se parece com o de um porco.

(costas do Brasil)

barbete, foram sol alguns blades, guardas dos sumos e cerdotes, q foram prender a sus Cristo.

⁵¹ João, 18, 10.

dos a prisão de Jesus, uma mulher perguntou a Pedro se a um dos Discípulos de isto e ele negou-o.

⁵² Marcos, 14, 37 (N. de V.).

reira supõe q existe uma ligação entre o Rio Jordão e o lago Tiberíades e q os peixes do rio e do lago contaram

35 que este Gigante era a ronca dos Filisteus. Quarenta dias contínuos
esteve armado no campo, desafiando a todos os arraiais de Israel, sem
haver quem se lhe atrevesse; e no cabo, que fim teve toda aquela arrogân-
cia? Bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com
ele em terra. Os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus; e quem se
40 toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o
verdadeiro conselho é calar e imitar a S. António. Duas cousas há nos
homens, que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o
saber e o poder. Caifás roncava de saber: *Vos nescitis quidquam*⁵³. Pilatos
roncava de poder: *Nescis quia potestatem habeo*⁵⁴? E ambos contra
45 Cristo. Mas o fiel servo de Cristo, António, tendo tanto saber, como já
vos disse, e tanto poder, como vós mesmo experimentastes, ninguém
houve jamais que o ouvisse falar em saber ou poder, quanto mais blaso-
nar disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.

Nesta viagem, de que fiz menção, e em todas as que passei a Linha
50 Equinocial, vi debaixo dela o que muitas vezes tinha visto e notado nos
homens, e me admirou que se houvesse estendido esta ronha e pegado
também aos peixes. Pegadores se chamam estes de que agora falo, e com
grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros
maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jamais os des-
55 ferram. De alguns animais de menos força e indústria se conta que vão
seguindo de longe aos Leões na caça, para se sustentarem do que a eles
sobeja. O mesmo fazem estes Pegadores, tão seguros ao perto como
aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem
voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso e
60 mais a fome. Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se
passou e pegou de um elemento a outro, sem dúvida que o aprenderam
os peixes do alto, depois que os nossos Portugueses o navegaram; por-
que não parte Vice-Rei ou Governador para as Conquistas, que não vá
rodeado de Pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhe
65 matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes
desenganados da experiência, despegam-se e buscam a vida por outra
via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores,
vem-lhes a suceder no fim o que aos Pegadores do mar.

Rodeia a Nau o Tubarão nas calmarias da Linha com os seus Pega-
70 dores às costas, tão cerzidos com a pele, que mais parecem remendos
ou manchas naturais, que os hóspedes ou companheiros. Lançam-lhe
um anzol de cadeia com a ração de quatro Soldados, arremessa-se
furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre
meia campanha a alá-lo acima, bate fortemente o convés com os últi-
75 mos arrancos; enfim, morre o tubarão, e morrem com ele os Pegadores.
Parece-me que estou ouvindo a S. Mateus, sem ser Apóstolo pescador,
descrevendo isto mesmo na terra. Morto Herodes, diz o evangelista,
apareceu o Anjo a José no Egipto, e disse-lhe, que já se podia tornar

⁵³ João, 11, 46 (N. de V.). Trad.:
Vós não sabeis nada.

⁵⁴ João, 19, 10 (N. de V.). Trad.:
Não sabeis que tenho poder?



Peixe q abunda na costa
Noroeste e q os pescadores
colocem como isca:

⁵⁵ Mateus, 2, 20.

⁵⁶ Salmo, 72, 2 (N. de V.).
Trad.: Para mim, porém, é bom aderir a Deus.

⁵⁷ Alusão à mais corrente figuração de Santo António, representado com o menino Jesus ao colo.

⁵⁸ João, 18, 8 (N. de V.).

para a pátria, porque eram mortos todos aqueles que queriam tirar a vida ao Menino: *Defuncti sunt enim qui quærebant animam Pueri*. Os ⁸⁰ que queriam tirar a vida a Cristo Menino, eram Herodes e todos os seus, toda a sua família, todos os seus aderentes, todos os que seguiam e pendiam da sua fortuna. Pois é possível que todos estes morressem juntamente com Herodes? Sim: porque em morrendo o tubarão, morrem também com ele os Pegadores: *Defuncto Herode, defuncti sunt qui* ⁸⁵ *quærebant animam Pueri*⁵⁵. Eis aqui, peixeziños ignorantes e miseráveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolhestes. Tomai o exemplo nos homens, pois eles o não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de S. António.

Deus também tem os seus Pegadores. Um destes era David, que ⁹⁰ dizia: *Mihi autem adhærere Deo bonum est*⁵⁶. Peguem-se outros aos grandes da terra, que eu só me quero pegar a Deus. Assim o fez também S. António, e senão, olhai para o mesmo Santo, e vede como está pegado com Cristo e Cristo com ele. Verdadeiramente se pode duvidar, qual dos dois é ali o pegador; e parece que é Cristo, porque o menor é ⁹⁵ sempre o que se pega ao maior, e o Senhor fez-se tão pequenino, para se pegar a António. Mas António também se fez Menor, para se pegar mais a Deus⁵⁷. Daqui se segue, que todos os que se pegam a Deus, que é imortal, seguros estão de morrer como os outros Pegadores. E tão seguros, que ainda no caso em que Deus se fez Homem e morreu, só ¹⁰⁰ morreu para que não morressem todos os que se pegassem a ele. Bem se viu nos que estavam já pegados, quando disse: *Si ergo me quæritis, sinite hos abire*⁵⁸: Se me buscais a mim, deixai ir a estes. E posto que deste modo só se podem pegar os homens, e vós, meus peixeziños, não, ao menos deveis imitar aos outros animais do ar e da terra, que ¹⁰⁵ quando se chegam aos grandes e se amparam do seu poder, não se pegam de tal sorte que morram juntamente com eles. Lá diz a Escritura daquela famosa árvore, em que era significado o grande Nabucodonosor, que todas as aves do céu descansavam sobre os seus ramos, e todos os animais da terra se recolhiam à sua sombra, e uns e outros se susten- ¹¹⁰ tavam de seus frutos; mas também diz, que tanto que foi cortada esta árvore, as aves voaram e os outros animais fugiram. Chegai-vos embora aos grandes; mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles.

Monarca da Babilónia ←

115 Considerai, Pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram àquele peixe grande, e porquê. O Tubarão morreu porque comeu, e eles morreram pelo que não comeram. Pode haver maior ignorância, que morrer pela fome e boca alheia? Que morra o Tubarão porque comeu, matou-o a sua gula; mas que morra o Pegador pelo que não
120 comeu, é a maior desgraça que se pode imaginar! Não cuidei que também nos peixes havia pecado original. Nós os homens, fomos tão desgraçados, que outrem comeu e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve princípio na gulodice de Adão e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu, grande desgraça! Mas nós lavamo-nos desta
125 desgraça com uma pouca de água⁵⁹, e vós não vos podeis lavar da vossa ignorância com quanta água tem no mar.

Com os Voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, Voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-eis, Voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros do vosso tamanho. Pois porque
135 tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas? Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quisestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga, a vós sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presunção e o vosso
140 capricho. Vai o navio navegando e o Marinheiro dormindo, e o Voador toca na vela ou na corda, e cai palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca, ao Voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das entenas e cair morto. Grande ambição é,
145 que sendo o mar tão imenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o castigo da ambição. O Voador fê-lo Deus peixe, e ele quis ser ave, e permite o mesmo Deus que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as velas para ele são redes, como peixe, e todas as cordas, laços,
150 como ave. Vê, Voador, como correu pela posta⁶⁰ o teu castigo. Pouco há nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortalhado nas asas. Não contente com ser peixe, quiseste ser ave, e já não és ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A
155 Natureza deu-te a água, tu não quiseste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o Voador não quisera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto⁶¹. Bem seguro estava ele do fogo, quando nadava na água, mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as asas.

⁵⁹ A água do baptismo. *Clá que l se purifica a alma do pecado original d q nos - como.*

⁶⁰ Veio depressa (a posta era então o meio mais rápido de locomoção).

Antiteze
⁶¹ Os quatro elementos da natureza, segundo os pensadores antigos eram: o primeiro a terra, o segundo a água, o terceiro o ar e o quarto o fogo.

À vista deste exemplo, Peixes, tomai todos na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem. 160 Quem pode nadar e quer voar, tempo virá em que não voe nem nade. Ouvi o caso de um Voador da terra: Simão Mago, a quem a Arte Mágica, na qual era famosíssimo, deu o sobrenome, fingindo-se que ele era o verdadeiro Filho de Deus, sinalou o dia em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao Céu, e com efeito começou a voar muito alto; 165 porém a oração de S. Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que ele, e caindo lá de cima o Mago, não quis Deus que morresse logo, senão que nos olhos também de todos quebrasse, como quebrou, os pés.

Não quero que repareis no castigo, senão no género dele. Que caia Simão, está muito bem caído; que morra, também estaria muito bem 170 morto, que o seu atrevimento e a sua arte diabólica o merecia. Mas que de uma queda tão alta não rebente, nem quebre a cabeça ou os braços, se não os pés? Sim, diz S. Máximo, porque quem tem pés para andar, e quer asas para voar, justô é que perca as asas e mais os pés. Elegante-mente o Santo Padre: *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset; et qui pennas assumpserat, plantas amitteret*⁶². E Simão tem pés e quer asas, pode andar e quer voar; pois quebrem-se-lhe as 175 asas, para que não voe, e também os pés, para que não ande. Eis aqui, Voadores do mar, o que sucede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento. Se o mar tomara exemplo nos rios, depois que Ícaro⁶³ se afogou no Danúbio, não haveria tantos Ícaros no Oceano. 180

Oh alma de António, que só vós tivestes asas e voastes sem perigo, porque soubestes voar para baixo e não para cima! Já S. João viu no Apocalipse aquela mulher, cujo ornato gastou todas as suas luzes ao Firmamento, e diz que lhe foram dadas duas grandes asas de Águia: *Datae sunt mulieri alae duae Aquilae magnae*⁶⁴. E para quê? *Ut volaret in desertum*: Para voar ao deserto. Notável cousa, que não de balde lhe chamou o mesmo Profeta, grande maravilha. Esta mulher estava no Céu: *Signum magnum apparuit in caelo, mulier amicta Sole*⁶⁵. Pois se a mulher estava no céu e o deserto na terra, como lhe dão asas para voar ao deserto? 185 Porque há asas para subir e asas para descer. As asas para subir são muito perigosas, as asas para descer muito seguras; e tais foram as de S. António. Deram-se à Alma de Santo António duas asas de Águia, que foi aquela duplicada sabedoria natural e sobrenatural tão sublime, como sabemos. E ele que fez? Não estendeu as asas para subir, encolheu-as para descer; e tão encolhidas, que sendo a Arca do Testamento⁶⁶, era 190 reputado, como já vos disse, por Leigo e sem ciência. Voadores do mar (não falo com os da terra) imitai o vosso Santo Pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, não as estendais para subir, porque vos não suceda encontrar com alguma vela ou algum costado; encolhei-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma 200 cova; e se aí estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

⁶² S. Máximo (N. de V.). Trad.: Para que o que pouco antes tentara voar, de repente deixasse de poder andar; e o que tomara penas perdesse os pés.

⁶³ Personagem mitológica grega que, ao pretender voar com asas de cera, caiu ao mar e aí se afogou, quando as asas derreteram. (queria escapar 4 o seu pai do Labirinto de Creta)

⁶⁴ Apocalipse, (1) 2, 14 (N. de V.).

S. João Evangelista - um dos 12 apóstolos e discípulos de Jesus.

⁶⁵ Apocalipse, 12, 1 Trad.: Um grande sinal apareceu no céu - uma mulher vestida de Sol.

⁶⁶ Nome que os teólogos puseram a St.º António.

O polvo é um molusco (nesta altura pensava-se que era um peixe).

P.º António Vieira

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão Polvo, contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que S. Basílio e S. Ambrósio. O Polvo com aquele seu capelo na cabeça, parece um Monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma Estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja Latina e Grega, que o dito Polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do Polvo, primeiramente, em se vestir ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado. As cores, que no Camaleão são gala, no Polvo são malícia; as figuras, que em Proteu⁶⁷ são fábula, no Polvo são verdade e artifício. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede? Sucede que o outro peixe, inocente da traição, vai passando desacomodado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais; porque nem fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros o prenderam; o Polvo é o que abraça e mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal, e o Polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante; traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O Polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz, é à luz, para que não distinga as cores. Vê, Peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor!

Oh que excesso tão afrontoso e tão indigno de um elemento tão puro, tão claro e tão cristalino como o da Água, espelho natural não só da terra, senão do mesmo Céu! Lá disse o Profeta por encarecimento, que nas nuvens do ar até a água é escura: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris*⁶⁸. E disse nomeadamente nas nuvens do ar, para atribuir a escuridade ao outro elemento, e não à água; a qual em seu próprio elemento sempre é clara, diáfana e transparente, em que nada se pode ocultar, encobrir nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve e se exercite com tanto dano do bem público um monstro tão dis-

Comp

Ironia

Paralelismo

Anadiplose

Comparação

Comparação

autor dos Salmos

⁶⁷ Deus marinho da mitologia grega que tinha o poder de se metamorfosear.

⁶⁸ Salmo, 17, 12 (N. de V.). O «Profeta» é David. "A escuridão das águas e as nuvens do céu."

Gradação
Crescente

Enumeracat

Antítese

simulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso e tão conhecidamente traidor! Vejo, Peixes, que pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os vossos mares, me estais respondendo e convindo, que também nelas há falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito que defendeis, também podereis aplicar aos semelhantes outra propriedade muito própria; mas pois vós a calais, eu também a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em António, vosso Pregador, e vereis nele o mais puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento ou engano. E sabei também que para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser Português, não era necessário ser Santo.

Tenho acabado, Irmãos Peixes, os vossos louvores e repreensões, e satisfeito, como vos prometi, às duas obrigações do sal, posto que do mar, e não da terra: *Vos estis sal terræ*. Só resta fazer-vos uma advertência muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtais, que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, ficam excomungados e malditos. Esta pena de excomunhão, que é gravíssima, não se pôs a vós senão aos homens, mas tem mostrado Deus por muitas vezes, que quando os animais cometem materialmente o que é proibido por esta Lei, também eles incorrem, por seu modo, nas penas dela, e no mesmo ponto começam a definhar, até que acabam miseravelmente. Mandou Cristo a S. Pedro que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe que tomasse, acharia uma moeda, com que pagar certo tributo. Se Pedro havia de tomar mais peixe que este, suposto que ele era o primeiro, do preço dele, e dos outros podia fazer o dinheiro com que pagar aquele tributo, que era de uma só moeda de prata, e de pouco peso com que mistério manda logo o Senhor que se tire da boca deste peixe, e que seja ele o que morra primeiro que os demais? Ora estai atentos. Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem têm contratos com os homens, donde lhes possa vir dinheiro; logo, a moeda que este peixe tinha engolido, era de algum navio que fizera naufrágio naqueles mares. E quis mostrar o Senhor que as penas que S. Pedro ou seus sucessores fulminam contra os homens, que tomam os bens dos

naufragantes, também os peixes por seu modo as incorrem, morrendo primeiro que os outros, e com o mesmo dinheiro que engoliram atravessado na garganta. Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar! Para os homens não há mais miserável morte, que morrer com o alheio atravessado na garganta; porque é pecado de que o mesmo S. Pedro, e o mesmo Sumo Pontífice não pode absolver. E posto que os homens incorrem a morte eterna, de que não são capazes os peixes, eles contudo apressam a sua temporal⁶⁹, como neste caso, se materialmente, como tenho dito, se não abstêm dos bens dos naufragantes.

⁶⁹ A sua morte temporal.

VI PERORAÇÃO

Vieira tinha intenção de partir em seguida para Portugal em defesa dos Índios.

1 Com esta última advertência vos despido⁷⁰, ou me despido de vós, meus Peixes. E para que vades consolados do Sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de uma descon-solação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o *Levítico*. Na 10 Lei Eclesiástica ou Ritual do *Levítico*, escolheu Deus certos animais, que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos eles ou animais terrestres ou aves, ficando os 15 peixes totalmente excluídos dos sacrifícios. E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande descon-solação e sentimento para todos os habita- 20 dores de um elemento tão nobre, que mereceu dar a matéria ao primeiro Sacramento⁷¹? O motivo principal de serem excluídos os peixes, foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e cousa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus Altares. 25 Também este ponto era mui importante e necessário aos homens, se eu lhes pregara a eles. Oh quantas Almas chegam àquele Altar mortas, porque chegam e não têm horror de chegar, estando em pecado mortal! Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao Sacrifício, que chegar morto. Os outros ani- 30 mais ofereçam a Deus o ser sacrificados; vós oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício; os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida; vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência.



Interior da Igreja de São Roque, em Lisboa (Foto Laura Castro Caldas/ Paulo Cintra)

* Um dos livros do Pentateuco de Moisés, q. faz parte do A. Tigo Testamento.

⁷⁰ O mesmo que despeço, forma que já então existia.

⁷¹ O sacramento do baptismo, que é realizado com o «elemento» água.

7 Sacramentos :
Baptismo, Confirmação,
Comunhão, Penitência,
Extrema - Unção,
Ordem e Matrimónio.

Anexos C3.7 - Esquemas conceptuais do capítulo V do *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira.

Anexo C3.7.1 - PEGADORES

Alegoria	Queixa	Aforismo	Conselho	Simbologia
				

Adaptado do manual de Português A, *Ser em Português*, p. 65

Anexo C3.7.2 - VOADORES

Alegoria	Queixa	Aforismo	Conselho	Simbologia
				

Adaptado do manual de Português A, *Ser em Português*, p. 65

Anexo C3.7.3 - POLVO

Alegoria	Queixa	Aforismo	Conselho	Simbologia
				

Adaptado do manual de Português A, *Ser em Português*, p. 65

Anexo C3.8 - Exemplo do esquema conceptual do capítulo V do *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira.

RONCADORES

Alegoria	Queixa	Aforismo	Conselho	Simbologia
<p>- Arrogância - Soberba - Vaidade</p>	<p>“(...) ouvindo os roncadores e vendo o seu tamanho, tanto me moveram o riso como a ira [...] porque haveis de roncar tanto?”</p>	<p>“O muito roncar antes da ocasião, é sinal de dormir nela.”</p>	<p>“Medi-vos, e logo vereis quam pouco fundamento tendes de blasonar, nem roncar.”</p>	<p>“Os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus [...]. Duas cousas há nos homens que costumam fazer roncar, porque ambas incham: o saber e o poder.”</p>

Anexos C3.9 - Correções dos esquemas conceptuais do capítulo V do *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira.

Anexo C3.9.1 - PEGADORES

Alegoria	Queixa	Aforismo	Conselho	Simbologia
<p>- Astúcia</p> <p>- Ignorância</p> <p>- Miséria</p>	<p>“(…) sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jamais os desferram.”</p>	<p>“(…) o menor é sempre o que se pega ao maior (…)”</p>	<p>“Chegai-vos embora aos grandes, mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles.”</p>	<p>“Pode haver maior ignorância, que morrer pela fome e boca alheia? […] Toda a nossa morte teve princípio na gulodice de Adão e Eva; e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu (…)”</p>

Anexo C3.9.2 - VOADORES

Alegoria	Queixa	Aforismo	Conselho	Simbologia
<p>- Presunção</p> <p>- Capricho</p> <p>- Ambição</p>	<p>“(...) porque vos meteis a ser aves? [...] Quisestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos.”</p>	<p>“Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem.”</p> <p>“Quem pode nadar e voar, tempo virá em que não voe nem nade.”</p>	<p>“Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, não as estendais para subir, porque vos não suceda encontrar com alguma vela ou algum costado; encolhei-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma cova; e se aí estiverdes mais escondidos, estareis</p>	<p>“Porque há asas para subir e asas para descer. As asas para subir são muito perigosas; as asas para descer são muito seguras.”</p>



mais seguros.”

Anexo C3.9.3 - POLVO

Alegoria	Queixa	Aforismo	Conselho	Simbologia
<p>- Traição</p> <p>- Hipocrisia</p> <p>- Malícia</p>	<p>“(…) é o maior traidor do mar. […] Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra.”</p>	<p>“(…) nas nuvens do mar até a água é escura.”</p>	<p>“Importa, pois, advirtais, que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes, ficam excomungados e malditos.”</p>	<p>“Para os homens não há mais miserável morte, que morrer com o alheio atravessado na garganta.”</p>

Anexo C3.10 - Ficha Informativa: Estrutura do debate.

- ✓ **Objectivos do debate**
- Aprofundar um tema;
 - Alargar os conhecimentos;
 - Experimentar o confronto de opiniões;
 - Formular hipóteses;
 - Reflectir sobre diferentes posições face a um mesmo assunto.

✓ Saber falar e saber ouvir constituem dois aspectos fundamentais num debate.

✓ A realização de um debate exige uma preparação prévia. Uma das sugestões de trabalho poderá ser a divisão do debate em duas fases:

1ª fase: Discussão do tema proposto em pequenos grupos;

2ª fase:

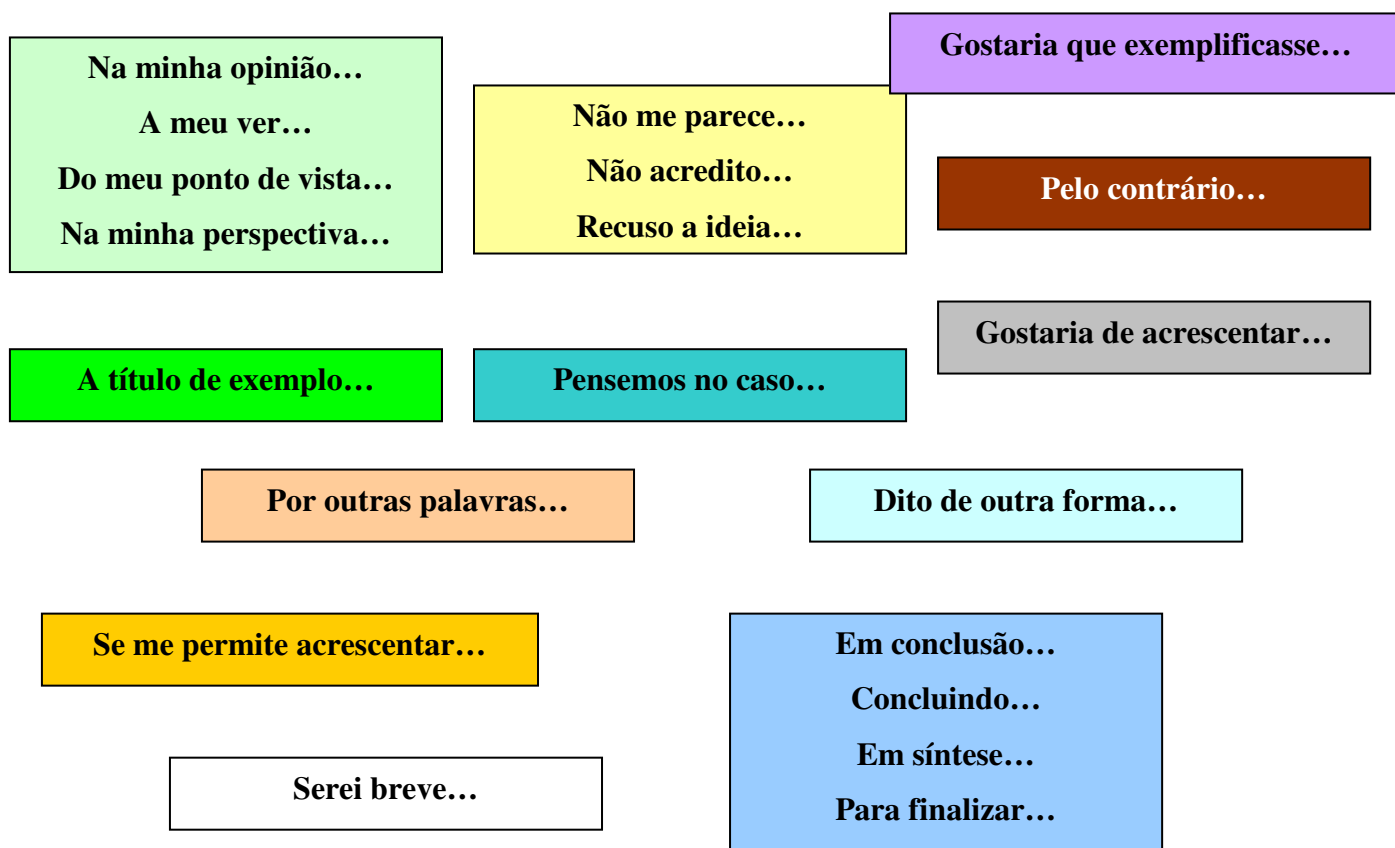
1. Criação de dois grandes subgrupos, de acordo com o antagonismo das posições assumidas;
2. Escolha de um moderador, dois secretários e dois observadores.

✓ Uma vez iniciado o debate, o papel dos vários intervenientes são os seguintes:

Moderador	Observadores	Secretários
<p><i>Que deverá...</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - clarificar o âmbito da discussão; - abrir o debate; - fazer funcionar a troca de opiniões, dando a palavra a todos; - reformular e relançar as opiniões expressas (<i>Ex: Se eu bem entendi, Sr. X, é de opinião que...E o Sr. Y?</i>) 	<p><i>Que deverão registar...</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - o tempo de intervenção de cada participante; - a frequência das intervenções; - os principais argumentos apresentados. 	<p>Que deverão fazer o <u>relato do debate</u>, após consulta dos registos efectuados pelos observadores.</p> <p><u>Nota:</u> Os secretários serão um para cada subgrupo.</p>

<p><i>Concorda com esta forma de abordar o tema?);</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - manter-se imparcial, não respondendo directamente a perguntas da assembleia; - controlar a agressividade e evitar o ataque pessoal; - apresentar conclusões. 		
---	--	--

✓ No decurso do debate, é importante ouvir atentamente as diferentes intervenções e anotar os pontos que se pretendem refutar e que contribuem para a credibilidade e aceitação da tese defendida, ao mesmo tempo que contestam a validade da tese do adversário. Na exposição oral das ideias, são frequentemente utilizadas expressões como:



Anexo C4 – Reflexão pós-acção.

Aula de Português de 26 de Novembro de 2009.

O objectivo da primeira aula da sequência era que os alunos, através da leitura e análise crítica dos capítulos IV e V do *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira, percebessem que os temas abordados nos referidos capítulos são intemporais e que estão relacionados com a actualidade.

No que diz respeito à leccionação da aula, considero que foi positiva, uma vez que os alunos participaram com contributos bastante positivos na análise dos capítulos do sermão, o que significa que iam apreendendo os conteúdos apresentados. Penso que o aspecto mais bem sucedido da minha aula teve a ver com as primeiras actividades do plano de aula, nomeadamente as actividades relacionadas com o vídeo, uma vez que os alunos aderiram bastante bem à actividade contribuindo com comentários/opiniões muito positivas, quer na especulação do conteúdo a partir da citação inicial quer nos comentários depois da visualização do vídeo. É de referir que o sucesso desta actividade dependia muito da participação dos alunos. Outro dos aspectos que considero positivos tem a ver com a tarefa final. Através da observação directa pude verificar que, mesmo tendo como base um modelo, os alunos tiveram alguma dificuldade em preencher o mapa conceptual dos peixes. No entanto, apesar das dificuldades os alunos esforçaram-se e empenharam-se para tentar realizar a tarefa. É de salientar que, depois de me aperceber das dificuldades dos alunos, preocupei-me sempre apoiar todos os grupos na realização do mapa conceptual. O aspecto que considero menos positivo tem a ver com uma das actividades do plano de aula, actividade 8. Penso que esta actividade era desnecessária, pois por um lado é igual à actividade 3 do vídeo, por outro as duas citações aparecem no capítulo IV do sermão. Acho que se esta actividade fosse eliminada do plano de aula não afectaria a sequência lógica da mesma.

No que se refere à postura na sala de aula, preocupei-me sempre em saber se os alunos entendiam as informações que estavam a ser transmitidas e, na tarefa final esclareci as dúvidas que foram surgindo.

Para finalizar, penso que a primeira aula da sequência apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados.

Anexo D1 - Planificação de uma sequência de aprendizagem sobre o *Frei Luís de Sousa*

Escola Secundária de Pinheiro e Rosa
2009/ 2010
11º ano

Professores: Carlos Mangas
Número de sessões previstas: 2 x 90m
Data: 11/01/2010 e 14/01/2010
Destinatários: 11ºA

TAREFA: APRESENTAÇÃO ORAL DE SÍNTESES SOBRE ALMEIDA GARRETT (VIDA, OBRA - *FREI LUÍS DE SOUSA*, CONTEXTO HISTORICO-SOCIAL) PARA PUBLICAR NUM BLOG.

Competências	Objectivos	Conteúdos	Actividades	Padrões de Interacção	Materiais / Recursos	Avaliação
CE Compreensão Escrita	Utilizar técnicas de pesquisa em vários suportes.	<u>Tipos de texto</u> Texto Dramático <u>Leitura</u> <i>Frei Luís de Sousa</i> de Almeida Garrett.	1) Pesquisa na internet de informação sobre temas relacionados com a obra, o autor e o contexto historico-social dos mesmos, tendo como base um guião de aprendizagem.	TG (3/4)	Computadores Dicionários	Grelha de observação de trabalho de Grupo
EE Expressão Escrita	Redigir textos com		2) Realização de uma síntese	TG		

EO Expressão Oral	finalidades diversas e destinatários variados, respeitando a matriz discursiva.	dos principais aspectos a reter da informação pesquisada.	(3/4)		
	Organizar a informação recolhida.	3) Preparação da apresentação oral a partir de um guião.	TG (3/4)		
	Elaborar apontamentos através de sínteses.	5) Auto e hetero-avaliação das actividades desenvolvidas.	Individual GT		Fichas de auto e hetero-avaliação
	Reflectir sobre as produções realizadas (auto, co e hetero-avaliação)	4) Apresentação oral das sínteses realizadas a partir da informação recolhida durante a pesquisa.	TG (3/4)		Grelha de avaliação da Expressão Oral
Adequar o discurso à situação comunicativa.					

Anexo D2.1 - Plano da 1ª aula sobre o *Frei Luís de Sousa*

Turma: 11º A	Nº de Alunos: 20	Dia: 11 de Janeiro de 2010
Professor: Carlos Mangas		Plano para uma aula de 90 minutos.
Sumário: Introdução ao estudo de <i>Frei Luís de Sousa</i> de Almeida Garrett: pesquisa de informação relativa à vida e obra do autor, contextualização histórico-social e época romântica. Realização de uma síntese sobre a informação pesquisada.		

Actividades	Tempo
0) O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.	10 minutos
1) Pesquisa na internet de informação sobre temas relacionados com a obra, o autor e o contexto histórico-social dos mesmos, tendo como base um guião de aprendizagem. (<i>cf. anexos 1 e 2</i>)	50 minutos
2) Realização de uma síntese dos principais aspectos a reter da informação pesquisada.	30 minutos

Anexo D2.1.1 - Roteiro da 1ª aula sobre o *Frei Luís de Sousa*

- **Turma:** 11º A
- **Número de alunos:** 20
- **Sessões previstas:** 1 x 90 m
- **Dia:** 11 de Janeiro de 2010

ACTIVIDADE	DURACÃO	PROCEDIMENTO
0.	10 minutos	O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.
1.	50 minutos	<p><u>Pesquisa na internet de informação sobre temas relacionados com a obra, o autor e o contexto historico-social dos mesmos, tendo como base um guião de aprendizagem.</u></p> <p>A partir de sites direccionados pelo professor e de um guião com questões sobre temas inerentes a Almeida Garrett e à sua obra <i>Frei Luís de Sousa</i>, os alunos deverão responder a perguntas de um guião a partir da selecção de informação recolhida dos sites (<i>cf. ANEXO 1</i>). Como são 20 alunos, em conversa com a professora cooperante, Regina Jerónimo, optou-se por formar seis grupos: quatro grupos de três alunos e dois grupos de quatro alunos. Cada grupo terá um tema diferente com questões diferentes. Os temas que os alunos irão pesquisar são: 1) vida e obra de Almeida Garrett; 2) Época Romântica: datas, características e temas; 3) Contextualização historico-social; 4) Estrutura externa e interna. Personagens, espaço e tempo; 5) Características da tragédia clássica em <i>Frei Luís de Sousa</i>; 6) Sebastianismo. Espera-se que este trabalho de pesquisa orientada ajude os alunos na compreensão e análise da obra em questão, <i>Frei Luís de Sousa</i>. Durante esta actividade de pesquisa, o professor tomará notas a partir de uma grelha de observação de contexto de trabalho de grupo. (<i>cf. ANEXO 2</i>)</p>
2.	30 minutos	<p><u>Realização de uma síntese dos principais aspectos a reter da informação pesquisada.</u></p> <p>Depois da pesquisa, cada grupo deve fazer uma síntese da informação que pesquisou para apresentar oralmente aos colegas e, posteriormente, colocar no <i>blog</i>. O objectivo desta actividade é que os alunos resumam a informação recolhida através de uma síntese.</p>

Anexo D2.2 - Plano da 2ª aula sobre o *Frei Luís de Sousa*

Turma: 11º A	Nº de Alunos: 20	Dia: 14 de Janeiro de 2010
Professor: Carlos Mangas		Plano para uma aula de 90 minutos.
Sumário: Preparação e apresentação oral dos trabalhos de pesquisa iniciados na aula anterior. Auto e hetero-avaliação do trabalho desenvolvido.		

Actividades	Tempo
0) O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.	10 minutos
3) Preparação da apresentação oral a partir de um guião. (<i>cf. anexo 3</i>)	20 minutos
4) Apresentação oral das sínteses realizadas a partir da informação recolhida durante a pesquisa. (<i>cf. anexo 4 e 4A</i>)	50 minutos
5) Auto e hetero-avaliação das actividades desenvolvidas. (<i>cf. anexos 5 e 6</i>)	10 minutos

Anexo D2.2.1 - Roteiro da 2ª aula sobre o *Frei Luís de Sousa*

- **Turma:** 11º A
- **Número de alunos:** 20
- **Sessões previstas:** 1 x 90 m
- **Dia:** 14 de Janeiro de 2010

ACTIVIDA DE	DURACÃO	PROCEDIMENTO
0.	10 minutos	O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.
3.	20 minutos	<u>Preparação da apresentação oral a partir de um guião.</u> A partir das sínteses que os alunos realizaram na aula anterior, os mesmos terão de preparar uma apresentação oral para os colegas a partir de um guião distribuído pelo professor (<i>cf. ANEXO 3</i>). O objectivo do guião é orientar os alunos na preparação da actividade.
4.	50 minutos	<u>Apresentação oral das sínteses realizadas a partir da informação recolhida durante a pesquisa.</u> A partir das sínteses que os alunos realizaram na aula anterior, cada grupo apresentará os resultados da pesquisa. Terá um porta-voz que irá expor a informação pesquisada e seleccionada pelo grupo e o mesmo será avaliado através da grelha de avaliação oral aprovada pelo Departamento de Línguas da escola (<i>cf. ANEXOS 4 e 4A</i>). O tempo estipulado para a apresentação oral será, no máximo, de 10 minutos. Tal como os grupos, a selecção do porta-voz dos mesmos também foi acordado com a professora cooperante, Regina Jerónimo. No final de cada apresentação, se necessário, o professor acrescentará informação ou poderá questionar os alunos sobre o conteúdo apresentado.
5.	10 minutos	<u>Auto e hetero-avaliação das actividades desenvolvidas.</u> Através de grelhas de auto e hetero-avaliação os alunos avaliam o envolvimento nas actividades desenvolvidas (<i>cf. ANEXOS 5 e 6</i>). Nesta actividade final os alunos devem reflectir não só sobre os trabalhos que elaboraram e apresentaram como também reflectir sobre os trabalhos apresentados pelos outros grupos. Depois da reflexão sobre o trabalho elaborado, no final da aula, o professor recolherá as sínteses elaboradas pelos alunos para poder corrigi-las em casa e, posteriormente, publicá-las num blog previamente construído pelo professor (<i>cf. http://alunosportugues11a.blogspot.com/</i>).

Anexo D2.2.2 - Plano alternativo da 2ª aula sobre o *Frei Luís de Sousa*

Turma: 11º A	Nº de Alunos: 20	Dia: 14 de Janeiro de 2010
Professor: Carlos Mangas		Plano para uma aula de 90 minutos.
Sumário: Continuação da realização das sínteses sobre a informação pesquisada. Preparação e apresentação oral dos trabalhos de pesquisa.		

Actividades	Tempo
0) O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.	10 minutos
2) Realização de uma síntese dos principais aspectos a reter da informação pesquisada.	20 minutos
3) Preparação da apresentação oral a partir de um guião. (<i>cf. anexo 3 e 3A</i>)	15 minutos
4) Apresentação oral das sínteses realizadas a partir da informação recolhida durante a pesquisa. (<i>cf. anexo 4 e 4A</i>)	45 minutos

Anexos D3.1 - Guiões de pesquisa.

Anexo D3.1.1 - Guião de pesquisa sobre vida e obra de Almeida Garrett (*Frei Luís de Sousa*).

➤ **Procura nos seguintes sites da internet as informações que respondam às seguintes questões:**

A. Vida e obra do autor.

- a) Indica o nome completo de Almeida Garrett.
- b) Refere o ano e local de nascimento do autor.
- c) Indica a origem do seu apelido.
- d) Conta o que aconteceu a Almeida Garrett e à sua família em 1809.
- e) A partir de que época o autor começa a ser influenciado pelas tendências liberalistas?
- f) Cita os autores iluministas que contribuíram para a escrita da obra de Almeida Garrett.
- g) Indica o nome e ano de edição da primeira Almeida Garrett.
- h) Refere as consequências que teve para o autor a edição da sua primeira obra.
- i) Devido às suas ideias liberalistas, conta o que ocorreu em 1823.
- j) Em que medida é que esse facto influenciou a sua obra literária?
- k) Refere o nome das primeiras obras de Almeida Garrett escritas na nova escola romântica portuguesa.
- l) Indica a obra literária que se destacou na época mais criativa da carreira de Almeida Garrett.
- m) Almeida Garrett é considerado por muitos autores um “autor completo”. Porquê?
- n) Refere o ano e local da morte do autor.

Bibliografia para consultar:

<http://www.citi.pt/cultura/teatro/dramaturgos/garrett/almeida.html>

<http://purl.pt/96/1/bio/biografia.html>

<http://www.edusurfa.pt/area.asp?seccao=4&area=2&artigoid=153&tipo=1>

<http://www.edusurfa.pt/area.asp?seccao=4&area=2&artigoid=153&tipo=3>

<http://martarib.tripod.com/biografia.htm>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/figuras/agarrett.html>

Anexo D3.1.2 - Guião de pesquisa sobre a época romântica (datas, características e temas) de *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett.

➤ Procura nos seguintes sites da internet as informações que respondam às seguintes questões:

B. Época romântica: datas, características e temas.

- a) Diz o que é o Romantismo.
- b) Identifica os três pilares que sustentavam esta corrente.
- c) Refere as características apresentadas pelo Romantismo.
- d) Em que contexto histórico surge o Romantismo em Portugal?
- e) Cita os autores portugueses que tiveram que exilar-se tendo em conta o contexto histórico-social em que se encontrava o país.
- f) A partir de que ano é datado o Romantismo em Portugal?
- g) Indica a obra e o autor que marcaram o início do Romantismo em Portugal.
- h) Descreve as temáticas abordadas nas obras dos autores românticos.
- i) Quais dessas temáticas são abordadas na obra *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett?
- j) Refere as personagens da referida obra estão patentes essas temáticas?

Bibliografia para consultar:

<http://www.edusurfa.pt/area.asp?seccao=4&area=2&artigoid=153&tipo=2>

http://martarib.tripod.com/rom_em_portugal.htm

<http://mariamarcelino.tripod.com/romantismo.htm>

http://faroldasletras.no.sapo.pt/frls_romantismo.htm

Anexo D3.1.3 - Guião de pesquisa sobre a contextualização histórico-social de *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett.

➤ Procura nos seguintes sites da internet as informações que respondam às seguintes questões:

C. Contextualização histórico-social.

- a) Indica a época em que foi escrita a obra *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett.
- b) Descreve o conturbado período vivido nessa época.

- c) Indica as características dos liberalistas.
- d) Indica as características dos absolutistas ou miguelistas.
- e) Quem foi coroada rainha de Portugal?
- f) Quem era D. Pedro IV?
- g) Quem era D. Miguel?
- h) Refere os motivos que levaram D. Pedro IV a renunciar a coroa de Portugal.
- i) Cita as condições que foram apresentadas por D. Pedro IV ao renunciar a coroa.
- j) Essas condições foram cumpridas? Que ocorreu?
- k) Indica o momento em que a rainha D. Maria subiu ao trono.
- l) Descreve os problemas com que a rainha se deparou durante o seu reinado.
- m) Refere três feitos significativos realizados pela rainha.

Bibliografia para consultar:

<http://www.edusurfa.pt/area.asp?seccao=4&area=2&artigoid=153&tipo=3>

<http://rtp.pt/gdesport/?article=124&visual=3&topic=1>

http://aula.escolavirtual.pt/conteudo/centrorecursos_cont/6hgp_cr/media/6hgp_06_99_01

Anexo D3.1.4 - Guião de pesquisa sobre a estrutura interna e externa da obra *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett.

➤ **Procura nos seguintes sites da internet as informações que respondam às seguintes questões:**

D. Estrutura interna e externa. Personagens, espaço e tempo.

- a) Do ponto de vista da estrutura externa, em quantas partes se divide a obra?
- b) Indica as três partes que formam a estrutura interna da obra.
- c) Refere as personagens que fazem parte da obra.
- d) Faz uma breve descrição das mesmas.
- e) Em quantos espaços físicos diferentes decorre a acção? Identifica-os.
- f) Na obra *Frei Luís de Sousa*, para além do espaço físico, fala-se também de espaço social e de espaço psicológico. Explica qual a importância dos mesmos na obra.
- g) Que referências temporais históricas temos na obra?

Bibliografia para consultar:

<http://www.lithis.net/26>

http://www.exames.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1012&Itemid=45

Anexo D3.1.5 - Guião de pesquisa sobre as características da tragédia clássica na obra *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett.

➤ Procura nos seguintes sites da internet as informações que respondam às seguintes questões:

E. Características da tragédia clássica em *Frei Luís de Sousa*.

- a) Esta obra pode ser considerada uma tragédia clássica ou um drama romântico?
- b) Refere os elementos que caracterizam esta obra de Almeida Garrett.
- c) Cita os elementos da tragédia clássica que estão presentes na obra.
- d) Indica o papel desempenhado por cada um deles na obra.
- e) Refere um acontecimento na obra que exemplifique cada um dos elementos da tragédia clássica mencionados na alínea c).

Bibliografia para consultar:

<http://www.lithis.net/26>

http://www.exames.org/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=1012&Itemid=45

Anexo D3.1.6 - Guião de pesquisa sobre o Sebastianismo na obra *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett.

➤ Procura nos seguintes sites da internet as informações que respondam às seguintes questões:

F. Sebastianismo.

- a) Diz o que se entende por mito sebastianista?
- b) Menciona a obra de Almeida Garrett onde está patente o mito sebastianista.
- c) Em que medida a leitura interpretativa da obra é comparada com o mito sebastianista?
- d) Refere momentos da obra onde haja referência ao mito sebastianista.

- e) Porque é que o mito sebastianista assume uma conotação negativa na obra *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett?
- f) Qual é a intenção de Almeida Garrett ao abordar o mito sebastianista na obra *Frei Luís de Sousa*?

Bibliografia para consultar:

<http://www.escolavirtual.pt/assets/conteudos/downloads/11por/11por1006pdf02.PDF>

http://www.citi.pt/cultura/historia/personalidades/d_sebastiao/garrett.html

Anexo D3.2 - Grelha de observação em contexto de trabalho de grupo.

Ano: 11º

Turma: A

Indicadores	- Alexandre - Andreia - Diogo Ferreira	- Ana Lúcia - Patrícia - Beatriz	- André - Daniel - Melanie	- Bruno - Duarte - Micael	- Diogo Salgado - Tatiana - Ricardo - João	- Erik - Pedro Guerra - Miguel - Pedro Neto
Organização da informação.						
Autonomia de execução da tarefa.						
Domínio das TIC.						
Cooperação com o grupo.						
Capacidade de aceitação de opinião.						
Capacidade de síntese na elaboração das respostas.						

LEGENDA:

S	SEMPRE
V	ÀS VEZES
R	RARAMENTE

Nota: Os alunos a **negrito** são os porta-vozes dos grupos.

Anexo D3.3 - Guião para exposição oral.



A **exposição oral** é um dos exercícios de expressão mais praticados na maior parte das aulas. Contudo, também é frequente realizá-la no quotidiano, para partilhar informação.

Este tipo de actividade/exercício é utilizado muitas vezes em vários contextos: exposição de ideias acerca de um determinado tema; apresentação de factos ou situações; ou ainda organização de informação de um trabalho de pesquisa, em que alunos e professores se dirigem aos restantes elementos da turma com o propósito de transmitir informação útil.

A exposição de um tema é, assim, o desenvolvimento do seu conteúdo face a um público ouvinte. A preparação implica:

- ✓ Definir do tema;
- ✓ Enquadrar a apresentação no tempo disponibilizado (máximo 10 minutos);
- ✓ Introduzir, sumariamente, o assunto a expor, apresentando o plano global da exposição;
- ✓ Organizar e apresentar a informação recolhida nos sites indicados de forma lógica e coerente;
- ✓ Concluir a apresentação fazendo a síntese das ideias principais.

Quando se faz uma apresentação oral temos que ter em conta a forma como articulamos o discurso e as ideias que pretendemos transmitir. Segue o *link* com alguns articuladores de discurso e respectivos contextos de utilização, que vos poderão ajudar na construção do texto.

<http://www.prof2000.pt/users/fsimoes/ArtDisc.html>

Bom trabalho!

Anexo D3.3.1 - Articuladores de discurso para exposição oral.

Para explicitar	Para provar	Para concluir
Isto é,	Com efeito,	Em conclusão,
Ou seja,	Sem dúvida,	Finalmente,
Aliás,	De certo,	Por todas estas razões,
Ou antes,	Com certeza,	Concluindo,
Ou melhor,	Efectivamente,	Em resumo,
Melhor dizendo,	Deste modo,	Em suma,
Então,	Na verdade,	Portanto,
Tomemos como exemplo,	Sem dúvida,	Consequentemente,
Pode dizer-se,	Como vimos,	Em consequência,
Pode afirmar-se,	De facto,	Definitivamente,
Neste caso,	Ora,	
Assim,		
Por vezes,		

In <http://www.prof2000.pt/users/fsimoes/ArtDisc.html>

Para ilustrar, exemplificar	Para reforçar a ideia	Para atenuar ou restringir
Assim,	Além de,	Pelo menos,
Por exemplo,	Além disso,	Ressalve-se...
Como se pode verificar,	Ainda,	Neste caso,
É importante frisar que...	Sobretudo,	No entanto,
Importa salientar ...	Neste caso,	Todavia,
Note-se...	Também,	Porém,
Veja-se...	Por esta razão,	Contudo,
	Note-se,	Por outro lado,
	De acordo com,	
	Como já foi dito,	
	Por isso,	
	Na grande maioria,	
	Em virtude de,	

Anexo D3.4 - Ficha de hetero-avaliação dos grupos de trabalho.

Indicadores / Elementos do grupo	- Alexandre - Andreia - Diogo Ferreira	- Ana Lúcia - Patrícia - Beatriz	- André - Daniel - Melani	- Bruno - Duarte - Micael	- Diogo Salgadinho - Tatiana - Ricardo - João	- Erik - Pedro Guerra - Miguel - Pedro Neto
Recolheu a informação necessária para responder às questões.						
Revelou capacidade de síntese na elaboração das respostas.						
Apresentou a informação organizada.						
Apresentou a informação de forma clara.						
Apresentou a informação de forma objectiva.						

LEGENDA:

S	SEMPRE
V	ÀS VEZES
R	RARAMENTE

Anexo D3.5 - Ficha de auto-avaliação dos grupos de trabalho.

Ano/Turma: 11º A

Elementos do Grupo: _____

Indicadores / Avaliação	Sempre	Às vezes	Raramente
Recolhemos a informação necessária para responder às questões.			
Revelámos autonomia na elaboração das respostas.			
Revelámos capacidade de síntese na elaboração das respostas.			
Cooperámos no trabalho.			
Aceitámos as opiniões da maioria.			
Apresentámos a informação organizada.			
Apresentámos a informação de forma clara.			
Apresentámos a informação de forma objectiva.			

Almeida Garrett – Vida e Obra

João Baptista da Silva – mais conhecido por Almeida Garrett - foi um grande escritor português que é considerado o primeiro autor romancista do nosso país. Almeida Garrett nasceu a 4 de Fevereiro de 1799, no Porto. Garrett – o seu apelido - é proveniente da sua avó paterna de origem irlandesa.

Em 1809, e ainda durante a sua infância, partiu com a família para os Açores (mais concretamente para a ^{Ilha} Terceira) devido à invasão francesa, onde estudou com o seu tio Frei Alexandre da Sagrada Família, o qual o iniciou na poesia. Rumou novamente ao continente com 17 anos para fazer o curso de Direito em Coimbra, acabando-o em 1821. Durante essa época foi influenciado pelas ideias Liberalistas da mesma. Os principais autores Iluministas que contribuíram para a escrita da sua obra foram Voltaire, Maffei e Alfieri.

Finalmente, em 1821, é editada a sua primeira obra - Retrato de Vénus. A obra foi considerada controversa e foi até mesmo censurada, o que o levou a ser intimado pelo tribunal, sendo absolvido mais tarde.

Em 1823, devido a ser defensor de ideias liberalistas, teve de procurar o exílio em Edgbaston. Foi durante esse período de exílio na Inglaterra que ^{contactou com} descobriu o Romantismo, sendo reconhecido mais tarde como um dos maiores romancistas portugueses. As primeiras obras ^{românticas} romancistas de Almeida Garrett foram Camões e Dona branca. Na época mais brilhante da sua carreira, a obra literária que mais se destacou foi Frei Luís de Sousa.

Almeida Garrett é considerado por muitos autores como um “autor completo”, pois escreveu obras-primas nos três grandes géneros literários: na poesia, no teatro e na prosa, renovando a escrita da época em todos eles. Acabou por morrer a 9 de Dezembro de 1854 em Lisboa.

Anexo D4 – Reflexão pós-acção.

Aulas de Português de 11/14 de Janeiro de 2010.

O objectivo destas aulas era que os alunos, através de trabalhos de pesquisa, abordassem questões relacionadas com Almeida Garrett, nomeadamente vida, obra (*Frei Luís de Sousa*) e contextualização historico-social em que viveu o autor, isto antes de uma análise da obra propriamente dita. É importante que os alunos percebam que para uma análise mais detalhada de uma obra literária é necessário conhecer um pouco do autor e da época em que o mesmo viveu.

De um modo geral, penso que as aulas que eu leccionei nos dias supramencionados foram bem sucedidas, uma vez que os alunos aprenderam aquilo que estava previsto. Isso verificou-se através das apresentações orais elaboradas pelos grupos de trabalho, formados na primeira aula da sequência de aprendizagem. Penso que o aspecto mais bem sucedido da minha aula tem a ver com o excelente trabalho de pesquisa desenvolvido pelos alunos na primeira aula. É de referir também que os guiões de pesquisa estavam bem construídos, uma vez que a maior parte dos alunos realizou o trabalho de pesquisa de forma autónoma necessitando poucas vezes do auxílio do professor. Isto, eu pude verificar através da observação directa da primeira aula e ainda através do registo na grelha de observação em contexto de trabalho de grupo. É de salientar ainda que, quando planifiquei estas aulas, visto tratar-se de uma aula de internet, pensei em vários problemas que poderiam surgir principalmente durante a primeira aula. Alguns dos problemas que tinha antecipado, nomeadamente a falha dos sites quando se escrevia os *links* fornecidos no guião na barra de endereços, aconteceram e foram resolvidos, pois havia um plano B previamente pensado. Considero que o aspecto menos bem sucedido na minha aula teve a ver com os comentários que ia fazendo no final de cada apresentação oral. Penso que em algumas

situações hesitei um pouco na informação que estava a dar. A questão que se coloca é que eu sentia necessidade de comentar ou acrescentar informação às apresentações orais dos alunos, uma vez que o orientador da universidade disse que era importante que eu me expusesse e não me escondesse por detrás das apresentações dos alunos. Tentei intervir sempre, no entanto, houve algumas apresentações que estavam bem elaboradas que não era necessário intervir. Por isso, por vezes, acabei por ser repetitivo e dizer o que os alunos já tinham dito mas por outras palavras.

No que diz respeito à avaliação das exposições orais dos alunos, depois de ter dado a nota ao porta-voz de cada grupo reuni-me como a professora orientadora cooperante Regina Jerónimo para discutirmos e reflectirmos sobre as notas que tinha dado. Durante a discussão verificou-se que havia algumas diferenças entre as notas que eu tinha dado e as que a professora tinha dado. Reflectiu-se sobre o porquê das notas e chegou-se a um consenso. É de salientar que durante as exposições orais tive alguma dificuldade em avaliar os alunos e estar ao mesmo tempo atento ao que eles diziam, para depois poder acrescentar ou comentar a informação.

Para finalizar, poderei dizer que, depois de ter recolhido as sínteses na aula e de as ter corrigido em casa, chego à conclusão que os alunos assimilaram o que estava previsto pois elaboraram sínteses coerentes e que corresponderam às expectativas daquilo que estava previsto.

Anexo E1 - Planificação de aula formativa sobre o *Futuro*

Secundária de Pinheiro e Rosa
2008/2009
 11º/12º anos

Professor: Carlos Mangas, Carina Jesus e Inês Pinheiro

Número de aulas previstas: 90m + 45m

Data: 15/05/09 e 22/05/09

Destinatários: 11ºF-12ºE-12ºF (25 alunos)

Nível de língua: A2

TAREFA: Fazer uma previsão do futuro

Competências a desenvolver: Compreensão escrita; expressão oral; expressão escrita e compreensão oral.

OBJETIVOS DE PROCESO	CONTENIDOS				ACTIVIDADES	INTERACCIÓN	MATERIALES / RECURSOS	PROCESOS DE EVALUACIÓN
	FUNCIONALES	GRAMATICALES	LÉXICOS	SOCIOCULTURALES				
- Compreensão de textos de pouca complexidade, de forma global, sobre temas relacionados com os interesses e conhecimentos dos alunos.	- <i>Hablar del futuro;</i> - <i>Hacer predicciones;</i> - <i>Expresar hipótesis sobre el futuro;</i>	- <i>Futuro simple: verbos regulares e irregulares;</i> - <i>Probablemente/ posiblemente... + futuro simple</i>	- <i>El futuro;</i>	- <i>Las diferentes formas de hacer predicciones en Portugal y España.</i>	- Visualização de imagens relacionadas com o passado, presente e futuro; - Breve discussão com os alunos sobre algumas	GT GT	- Computador - <i>Powerpoint</i> - Videoprojector - texto: “¿Qué será, será?” - Ficha de verbos - Manual “ <i>Nuevo ELE</i> -	- Observação directa nas aulas do trabalho dos alunos. - Ficha diagnóstica sobre o futuro dos verbos

<p>- Realização de actividades de leitura adequadas ao tipo de texto e à finalidade com que se lê.</p> <p>- Distinção entre informação relevante e irrelevante em função da tarefa proposta.</p> <p>- Preencher esquemas com palavras simples, sobre temas conhecidos.</p> <p>- Escrita de textos simples de extensão limitada, adequando-se à situação de comunicação.</p> <p>- Compreensão</p>					<p>questões relacionadas com o futuro;</p> <p>-Leitura silenciosa de um texto: “¿Qué será, será?”;</p> <p>- Identificação das formas verbais de futuro presentes no texto e respectivo infinitivo;</p> <p>- Preenchimento de um esquema com as terminações do Futuro;</p> <p>- Actividade lúdica de verbos;</p> <p>- Elaboração de um pequeno texto escrito sobre as expectativas em relação ao futuro;</p> <p>- Os alunos lêem</p>	<p>Individual</p> <p>Parejas</p> <p>Individual</p> <p>GT</p> <p>Individual</p>	<p><i>inicial 2º</i></p>	<p>regulares e irregulares.</p>
--	--	--	--	--	---	--	--------------------------	---------------------------------

<p>de ideias principais e secundárias em textos orais e escritos.</p> <p>- Interagir em situações habituais, especialmente no âmbito da escola, ainda que com possíveis interferências.</p> <p>- Identificação da ideia principal e das informações mais relevantes de textos sobre temas de domínio comum transmitidos através de suporte áudio.</p>					<p>os textos produzidos, não identificados, sobre expectativas futuras e tentam adivinhar o autor de cada texto.</p> <p>- Realização de um ficha de trabalho sobre o futuro regular e irregular;</p> <p>- Correção da ficha de trabalho;</p> <p>- Os alunos dão, oralmente, exemplos para diferentes formas de expressar hipótese;</p> <p>- Exercício de compreensão auditiva;</p> <p>- Correção do exercício de compreensão</p>	<p>GT</p> <p>Individual</p> <p>GT</p> <p>GT</p> <p>GT</p> <p>Parejas</p>		
--	--	--	--	--	---	---	--	--

					auditiva.			
--	--	--	--	--	-----------	--	--	--

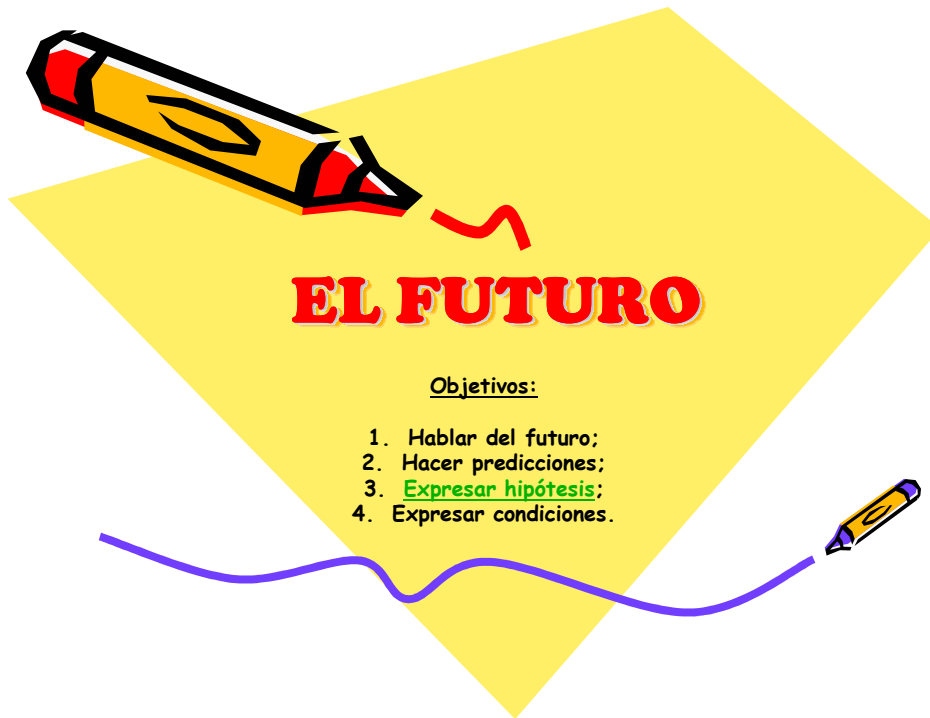
Anexo E2 - Plano da 1ª aula da sequência de aprendizagem sobre o *Futuro*

Turma: 11°F/12°F e E	Nº de Alunos: 25	Plano para uma aula de 90 minutos
Professores: Carlos Mangas e Carina Jesus		

Actividades	Tempo
0. O professor apresenta os objectivos da unidade.	2 minutos
1. Apresentação de imagens relacionadas com o passado, presente e futuro.	2 minutos
2. Breve discussão, com os alunos, sobre algumas questões relacionadas com o futuro, projectadas em <i>Powerpoint</i> .	10 minutos
3. Os alunos lêem um texto: <i>¿Qué será, será?</i>	4 minutos
4. Os alunos sublinham as formas verbais de futuro presentes no texto.	3 minutos
5. No quadro, o professor aponta os verbos que os alunos sublinharam e pergunta, ao mesmo tempo, qual o infinitivo correspondente.	5 minutos
6. O professor apresenta um diapositivo sobre a forma de futuro regular e respectivas terminações.	3 minutos
7. Os alunos preenchem um esquema com as terminações do futuro. (Livro do aluno <i>Nuevo Ele- inicial 2</i> , exercício 2, página 143)	2 minutos
8. Realização de uma actividade lúdica para consolidação do futuro dos verbos regulares.	10 minutos

<p>9. O professor apresenta um novo diapositivo com os verbos no futuro e explica a forma irregular desses verbos.</p>	<p>5 minutos</p>
<p>10. Os alunos passam os apontamentos que são projectados, através de um diapositivo, sobre a gramática.</p>	<p>5 minutos</p>
<p>11. Como exercício de consolidação da matéria dada, os alunos escrevem, numa folha à parte, um texto sobre as suas expectativas em relação ao futuro.</p>	<p>19 minutos</p>
<p>12. Os textos são distribuídos por todos os alunos, de forma desordenada, cada um lê o texto que lhe calhou e tem que adivinhar quem o escreveu.</p>	<p>20 minutos</p>

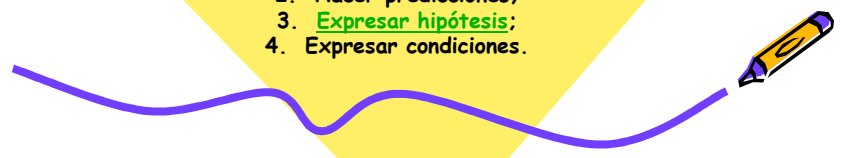
Anexo E3.1 - Apresentação *powerpoint* sobre o *Futuro*.



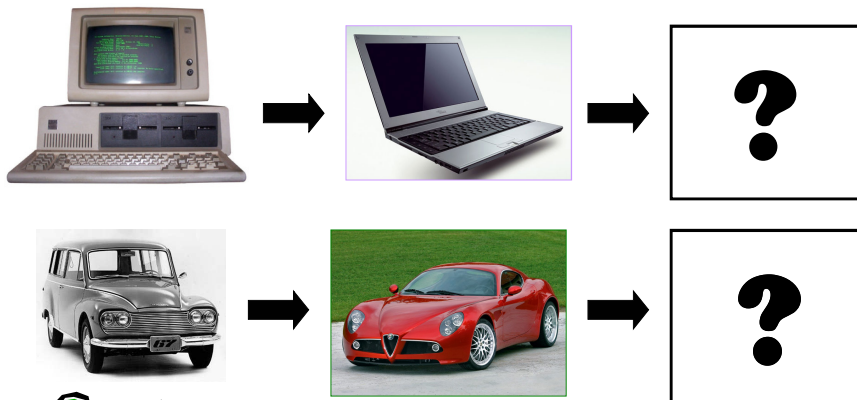
EL FUTURO

Objetivos:

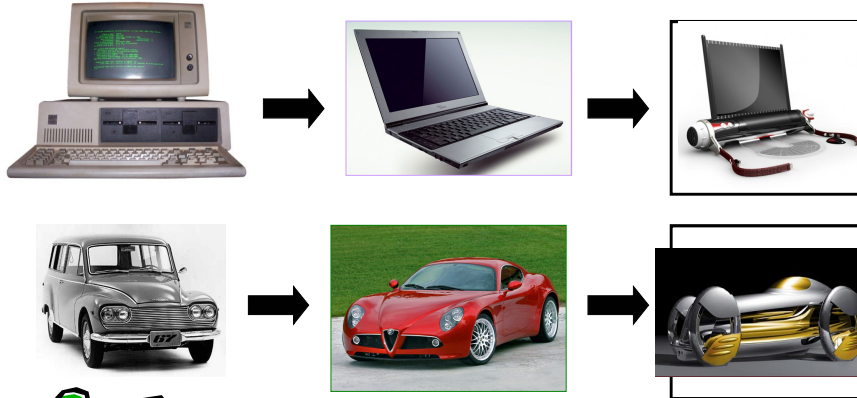
1. Hablar del futuro;
2. Hacer predicciones;
3. **Expresar hipótesis;**
4. Expresar condiciones.



¿Cómo será la vida al final del siglo XXI?



¿Cómo será la vida al final del siglo XXI?



2

¿Cómo será la vida al final del siglo XXI?

¿Desaparecerán los libros en soporte de papel?

¿Mejorará la situación económica de tu país?

¿Desaparecerá el racismo?

¿Las mujeres lograrán la igualdad?

¿Eliminarán los exámenes nacionales?

¿Tu país ganará más de tres mundiales de fútbol?

3

Será - conseguiré - tocaré - aprobaré - suspenderé - me quedaré - me enamoraré - pasará - encontrarán - vivirán - avanzará - aprenderemos



• Futuro regular

INFINITIVO + TERMINACIONES

1ª conjugación: -AR
TOCAR

2ª conjugación: -ER
SER

3ª conjugación: -IR
CONSEGUIR

-é
-ás
-á
-emos
-éis
-án



Tocaré
Serás
Conseguirá
Tocaremos
Seréis
Conseguirán



4

Ejercicio práctico

Conjuga estos verbos en la persona de futuro indicada.
Debes ser rápido en tus respuestas.

Aburrirse, yo: me aburriré
Aprobar, ustedes: aprobarán
Meter, nosotros: meteremos
Apagar, usted: apagará
Perder, nosotros: perderemos
Trabajar, tú: trabajarás
Comprender, yo: comprenderé
Enseñar, vosotros: enseñaréis
Llevar, ellos: llevarán
Suspender, ella: suspenderá



Sacar, vosotros: sacaréis
Encender, ellos: encenderán
Ganar, vosotros: ganaréis
Descansar, yo: descansaré
Explicar, ellas: explicarán
Aprender, tú: aprenderás
Conducir, yo: conduciré
Correr, usted: correrá
Volar, vosotros: volaréis



5

Podré - tendré - habrá

• Futuro irregular

Irregularidad en la raíz del verbo

+ TERMINACIONES

Poder: podr-
Tener: tendr-
Haber: habr-
Caber: cabr-
Valer: valdr-
Poner: pondr-
Saber: sabr-
Salir: saldr-
Venir: vendr-
Hacer: har-
Decir: dir-
Querer: querr-

-é
-ás
-á
-emos
-éis
-án

Podré
Cabrás
habrá
Sabremos
Haréis
Querrán



6

Ejercicio de producción escrita

- En una hoja, construye un pequeño texto sobre tus expectativas para el futuro. Luego dáselo al profesor.

Ej: *Dentro de diez años seré una actriz famosa, tendré mucho éxito y haré un montón de películas...*

¡OJO! No pongas tu nombre en el papel.



E3.2 - Texto *¿Qué será, será?*

1. Lee el texto que aparece a continuación.

¿Qué será, será?

Como todos los años, durante los días de diciembre, la mayoría de nosotros empieza a pensar en el próximo año. Nos preguntamos: “¿cómo será?”.

El parado se pregunta: “¿conseguiré trabajo por fin?”. El que trabaja: “¿me tocará la lotería y podré dejar de trabajar?”. El estudiante: “¿aprobaré todas las asignaturas o suspenderé y me quedaré otra vez sin vacaciones?”. El solitario: “¿me enamoraré de una persona maravillosa?”. El que está demasiado ocupado: “¿tendré más tiempo para hacer las cosas que de verdad me gustan?”. En definitiva, lo que todos nos preguntamos es si habrá un cambio en nuestras vidas porque deseamos cambios, cambios positivos, pero también tememos los negativos. Eso es lo más interesante del futuro, en él viven nuestras esperanzas y nuestros temores.

Y, ya que estamos hablando del futuro, ¿por qué no pensar también en el nuevo siglo? Vamos a ser optimistas y a soñar. ¿Qué pasará a lo largo del siglo XXI? Los científicos encontrarán la solución para las graves enfermedades que hoy producen tanto dolor y las personas vivirán más años. La tecnología avanzará muchísimo: habrán nuevas fuentes de energía, tendremos mejores medios de comunicación, saldremos al espacio... Y aquí, en la Tierra, quizás aprenderemos a respetar la naturaleza y, sobre todo, a respetar a los demás.

1.1 Ahora que has leído y comprendido el texto, subraya las formas verbales que indican futuro y escribe su infinitivo correspondiente. Ejemplo: *será - ser*

Anexo E4 – Reflexão pós-acção.

Aula de Espanhol de 15 de Maio de 2009.

No dia 15/05/2009 iniciei a minha prática pedagógica de espanhol nas turmas do 11º F / 12º E / 12º F da professora cooperante Isabel Monteiro. Visto que na aula de observação, feita no dia 13/05/2009, a professora cooperante fez uma aula de revisões sobre a matéria que já tinha leccionado, eu iniciei uma nova temática denominada “Futuro”. Após a leccionação desta temática, os alunos deveriam ser capazes de falar do futuro, mais concretamente: fazer previsões, expressar hipóteses e expressar condições.

A aula começou com uma breve referência aos conteúdos leccionados pela professora cooperante sobre o passado, em que os alunos tinham aprendido a narrar acontecimentos, descrever factos e relatar biografias. Posteriormente, para “quebrar o gelo” apresentei um *powerpoint* com uma sequência de imagens relacionadas com o passado e presente, em que os alunos tinham de descrever as respectivas imagens. Havia uma terceira imagem escondida relacionada com o futuro. O que se pretendia era que os alunos, antes de a imagem aparecer, especulassem sobre a mesma descrevendo-a. Depois desta actividade, ainda no mesmo *powerpoint*, apresentei um conjunto de perguntas relacionadas com o futuro em que os alunos deveriam especular sobre as mesmas. O que se pretendia com esta actividade era que estes começassem a ter contacto com os tempos do futuro do indicativo. Entretanto, entreguei um texto *Qué será, será?* em que várias pessoas especulavam sobre o futuro. Pedi que lessem o texto e, posteriormente, identificassem no mesmo as formas verbais que expressavam futuro. A partir desse material, expliquei o futuro do indicativo regular. Acho que foi uma boa maneira de apresentar este conteúdo gramatical, uma vez que os alunos tiveram que deduzi-lo através de um texto, que é uma das características do enfoque comunicativo. Após a explicação do tempo verbal, fiz um jogo no *powerpoint*. A turma foi repartida

em dois, foram seleccionados dois anotadores, cuja função era apontar as respostas correctas do grupo adversário, e consistia em conjugar os verbos o mais rápido possível. Houve alguns problemas com esta actividade, pois não fui claro nas explicações. Isto verificou-se quando no meio do jogo um dos alunos anotadores perguntou se teria de apontar os pontos do seu grupo ou do grupo adversário. Outro aspecto negativo relacionado com esta actividade prende-se com a formatação do *powerpoint*. Quero dizer com isto que, quando pensamos utilizar as novas tecnologias devemos pressupor sempre os contratempos característicos destes instrumentos.

Ainda em relação à sequência de actividades, é de salientar que o texto foi também aproveitado para a explicação das formas irregulares do futuro do indicativo.

No que respeita ao conteúdo apresentado no *powerpoint* talvez seria melhor se tivesse feito uma cópia, e dado aos alunos, dos conteúdos que estava a apresentar, uma vez que perdeu-se algum tempo de aula enquanto os alunos passavam a informação para o caderno.

Para concluir, acho que os objectivos a que me tinha proposto foram concretizados. Contudo, acho que a Carina não devia ter realizado a actividade de produção escrita. Penso que seria lógico ser eu a dar essa actividade, uma vez que apresentei a parte teórica. Deste modo, considero que esta troca, a pedido da orientadora, não foi bem conseguida. Também reconheço que se eu realizasse essa actividade com os alunos leccionaria uma aula de 90 minutos, que não era o que estava previsto.

Anexo F1 - Planificação de aula sobre o Consumo.

Escola Secundária de Pinheiro e Rosa
2009/2010
11º ano

Profesor: Carlos Mangas

Número de sesiones previstas: 1 x 90m

Fechas: 02/12/09

Destinatarios: 11ºF/G (20 alumnos)

Nivel de lengua: A2

TAREA: Construcción de un menú español a partir de una carta.

DESTREZAS A DESARROLLAR: Expresión Oral; Comprensión Lectora; Expresión Escrita

OBJETIVOS DE PROCESO	CONTENIDOS				ACTIVIDADES	INTERACCIÓN	MATERIALES/ RECURSOS	PROCESOS DE EVALUACIÓN
	FUNCIONALES	GRAMATICALES	LÉXICOS	SOCIOCULTURALES				
- Expressar opinião, num discurso adequado à situação de comunicação. - Antecipação de ideias a partir da projecção de palavras-chave.			- Los alimentos - En el restaurante	- Principales diferencias y semejanzas entre el menú español y el menú portugués.	1. Lluvia de ideas a partir de la palabra <i>Restaurante</i> . 2. Ejercicio de correspondencia de palabras,	GC Parejas	Texto “Las comidas en España” Ficha con preguntas de verdadero/falso Vídeo proyector <i>PowerPoint</i> Ordenador Ficha con ejemplos de un	

<p>- Captar o sentido global de textos escritos simples sobre temas do domínio comum.</p> <p>- Expressar opinião sobre assuntos do quotidiano.</p> <p>Escrita de textos simples: menus.</p>					<p>relacionadas con el restaurante y la comida española, con su respectiva definición.</p> <p>3. Lectura, comprensión y comentario oral del texto: Las comidas en España.</p> <p>4. Visualización de un modelo de carta y menú españoles y comentario oral sobre las principales diferencias.</p>	<p>Individual GC</p> <p>GC</p>	<p>menú español y un menú portugués.</p>	
---	--	--	--	--	--	------------------------------------	--	--

					<p>5. Visualización de un menú portugués y de un menú español. Comentario oral sobre las principales diferencias y semejanzas entre los dos menús.</p>	GC		
					<p>6. Construcción y presentación oral de un menú del día español a partir de una carta.</p>	Parejas		

Anexo F2 - Roteiro de aula sobre o *Consumo*.

- **Clase:** 11° F/G
- **Número de alumnos:** 20
- **Sesiones previstas:** 1 x 90 min.
- **Nivel de lengua:** A2

Objetivos: En esta clase se pretende que los alumnos conozcan un poco de la cultura española relacionada con los hábitos alimenticios de los españoles, concretamente el comer fuera. Los alumnos deberán ser capaces de distinguir un menú del día de una carta española y también deberán ser capaces de apuntar las diferencias/semajanzas entre los menús españoles y los menús portugueses, contrastando las dos culturas. Al final, se espera que los alumnos construyan un menú español a partir de una carta.

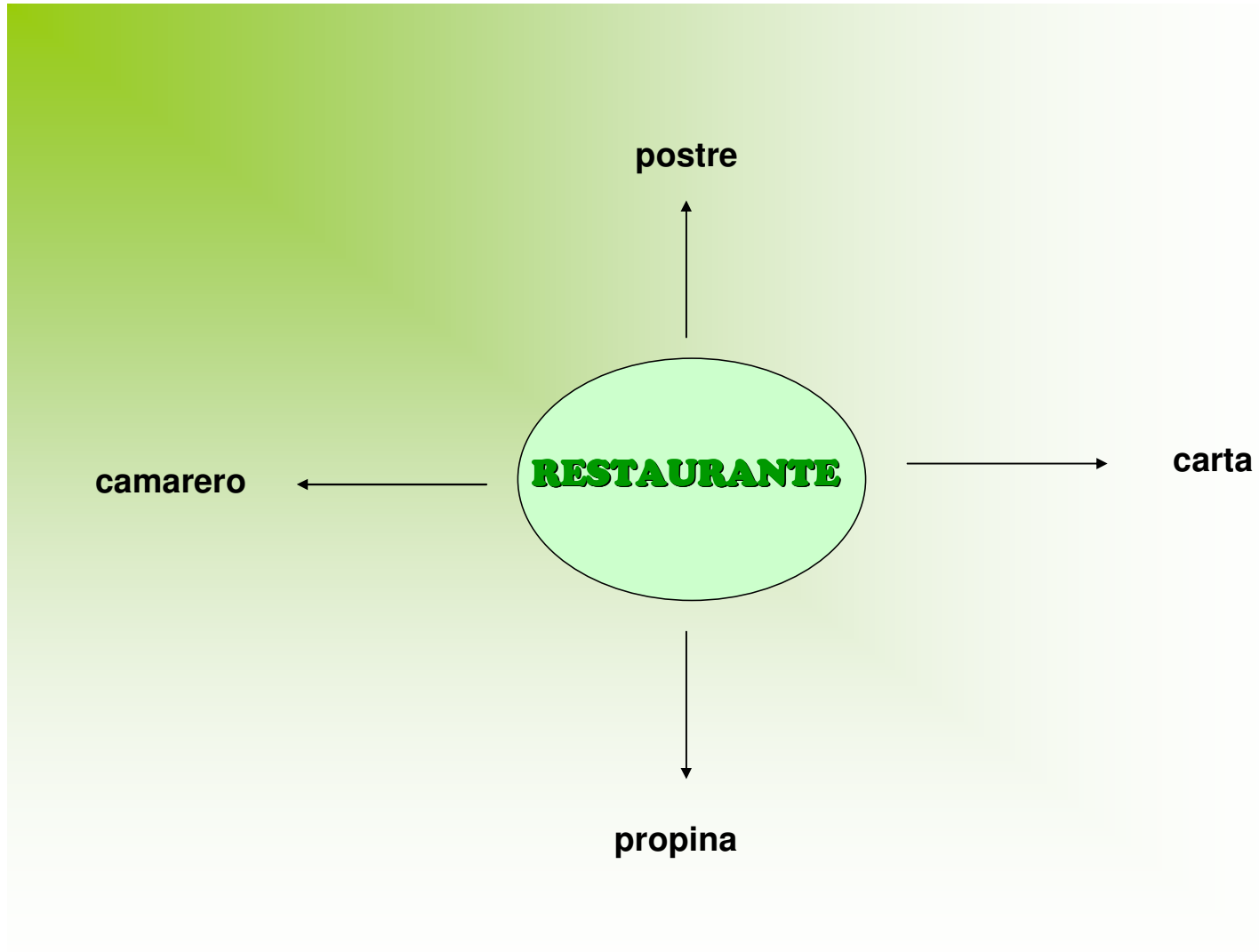
ACTIVIDAD	DURACIÓN	PROCEDIMIENTO
0.	10 minutos	El profesor pasa lista. Los alumnos escriben el resumen.
1.	6 minutos	<u>Lluvia de ideas sobre la palabra RESTAURANTE.</u> Inicialmente los alumnos visualizarán un <i>powerpoint</i> con palabras relacionadas con <i>Restaurante</i> (cf. <i>powerpoint</i> , adjunto 1). Después, el profesor escribe la palabra <i>Restaurante</i> en la pizarra y pide a los alumnos que digan palabras o expresiones que estén asociadas a ellas. Se espera que los alumnos digan palabras como: <i>comida, bebida, menú del día, tapas, comer fuera, cliente...</i>
2.	10 minutos	<u>Ejercicio de correspondencia de palabras, relacionadas con el restaurante y la comida española, con su respectiva definición</u> (cf. adjunto 2). El profesor distribuye por los alumnos un ejercicio de correspondencia en que éstos, en parejas, deberán relacionar las palabras con su respectiva definición. Al final, se corrige el ejercicio en grupo. Aparecerá en una diapositiva de <i>powerpoint</i> con las palabras y las definiciones para que los alumnos tengan un soporte escrito por donde puedan comprobar sus respuestas. (cf. <i>powerpoint</i> , adjunto 3)

3.	20 minutos	<p><u>Lectura, comprensión y comentario oral del texto: <i>Las comidas en España</i>.</u> (Cf. adjunto 4)</p> <p>Antes: El profesor escribe el título del texto en la pizarra y los alumnos deberán deducir su contenido.</p> <p>Durante: El profesor distribuye el texto. Los alumnos leen el texto y contestan al ejercicio de verdadero/falso.</p> <p>Después: Corrección del ejercicio de comprensión lectora (verdadero/falso) y breve diálogo con los alumnos sobre cuestiones relacionadas con el texto: <i>¿Los hábitos alimenticios de los españoles son similares a los nuestros? ¿Cuáles son las diferencias? ¿Cuáles son las semejanzas?; ¿Qué diferencias hay en relación a los horarios?; ¿Qué diferencias hay en relación a la comida?</i></p>
4.	7 minutos	<p><u>Visualización de un modelo de carta y menú españoles y comentario oral sobre las principales diferencias.</u>(cf. adjunto 5 y 6)</p> <p>El profesor distribuye por los alumnos un modelo de carta y menú españoles. Los alumnos tienen un minuto para ver las diferencias entre los dos documentos, para después comentarlas.</p>
5.	7 minutos	<p><u>Visualización de un menú portugués y de un menú español. Comentario oral sobre las principales diferencias y semejanzas entre los dos menús.</u> (cf. adjunto 6 - menú portugués)</p> <p>A partir del documento que contenía el ejemplo de menú, distribuido en la actividad anterior, los alumnos van a comentar las principales diferencias y semejanzas entre el menú portugués y el menú español.</p>
6.	30 minutos	<p><u>Construcción de un menú del día español a partir de una carta.</u></p> <p>Durante: Los alumnos van a trabajar en parejas. A partir de una <i>carta</i> distribuida por el profesor, ellos deberán construir un menú del día nunca olvidando su estructura - primer plato, segundo plato y postre. El menú también deberá tener el nombre del restaurante.</p>

Después: Presentación oral de los menús.

Contextualización de la próxima secuencia: Después de haber aprendido un poco más sobre la cultura española, restaurantes/bares y comer fuera, los alumnos trabajarán las situaciones reales de restaurante dónde aprenderán a pedir algo, solicitar un servicio y expresar cantidades en el restaurante.

Anexo F3.1 - Chuva de ideias sobre o *Restaurante*



Anexo F3.2 - Ficha de léxico sobre o *Restaurante*

1. Relaciona los palabras de la columna A con las definiciones de la columna B.

A

Propina •

Almuerzo •

Postre •

Menú •

Cena •

Cliente •

Camarero •

Carta •

Tapas •

Desayuno •

Merienda •

Restaurante •

Guarnición •

Plato

combinado •

Bocadillo •

B

- primera comida del día que se hace por la mañana.
- comida ligera que se hace por la tarde antes de la cena.
- alimento o conjunto de alimentos que se sirven como complemento con la carne o el pescado.
- establecimiento público en que se sirven comidas y bebidas que se consumen en el mismo local.
- gratificación con la que se recompensa un servicio.
- comida principal del día que se hace a mediodía.
- persona que compra en un establecimiento o que utiliza sus servicios.
- conjunto de platos que constituyen una comida.
- lista de platos y de las bebidas que se puede elegir.
- porciones de alimentos que se toman de aperitivo, como acompañamiento de la bebida.
- persona que se dedica a servir en un restaurante.
- alimento que se sirve al final de una comida.
- última comida del día, que se hace al atardecer o por la noche.
- comida que consiste en varios alimentos servidos en un mismo plato.
- trozo de pan cortado a lo largo en dos partes, y relleno con algún alimento.

Anexo F3.3 - Corrección da ficha de léxico sobre o *Restaurante* em *powerpoint*.

Propina	→	gratificación con la que se recompensa un servicio.
Almuerzo	→	comida principal del día que se hace a mediodía.
Postre	→	alimento que se sirve al final de una comida.
Menú	→	conjunto de platos que constituyen una comida.
Cena	→	última comida del día, que se hace al atardecer o por la noche.
Cliente	→	persona que compra en un establecimiento o que utiliza sus servicios.
Camarero	→	persona que se dedica a servir en un restaurante.
Carta	→	lista de platos y de las bebidas que se puede elegir.
Tapas	→	porciones de alimentos que se toman de aperitivo, como acompañamiento de la bebida.
Desayuno	→	primera comida del día que se hace por la mañana.
Merienda	→	comida ligera que se hace por la tarde antes de la cena.
Restaurante	→	establecimiento público en que se sirven comidas y bebidas que se consumen en el mismo local.
Guarnición	→	alimento o conjunto de alimentos que se sirven como complemento con la carne o el pescado.
Plato combinado	→	comida que consiste en varios alimentos servidos en un mismo plato.
Bocadillo	→	trozo de pan cortado a lo largo en dos partes, y relleno con algún alimento.

Anexo F3.4 - Ficha de comprensión escrita sobre o texto *Las comidas en España*.

1. Lee con atención el siguiente texto.

Las comidas en España

En España, la primera comida del día es el *desayuno*. Normalmente no es muy abundante, pues la mayoría de la gente suele tomar café con leche, tostadas, algún bollo o galletas.

La comida principal y más importante del día es el *almuerzo* o la *comida*, que se realiza a mediodía, entre la una y las tres de la tarde. Se come un primer plato a base de verduras, legumbres, arroz... y un segundo plato que puede ser carne o pescado. A continuación se toma el postre: algo de fruta o algún dulce. Es costumbre acompañar la comida con vino y tomar café después del postre.

En España, a la hora de la comida se puede optar por comer el menú del día, que es una posibilidad barata. Hay muchos restaurantes que ofrecen una variedad de platos combinados a un buen precio: pollo con arroz, lomo con patatas, calamares con guarnición o huevos fritos son algunos ejemplos. Sin embargo, para comer bien y beber un buen vino lo mejor es ir a un buen restaurante, pedir la carta y seleccionar los platos que nos gustan.

La *merienda* es habitual a media tarde, hacia las seis. Los niños suelen comer un bocadillo, fruta o tomar un vaso de leche con galletas.

La última comida del día es la *cena*, entre las nueve y diez de la noche. Normalmente se toma algo ligero como sopa, verduras, huevos, queso, fruta, etcétera.

1.1 Identifica si las afirmaciones son verdaderas (V) o falsas (F). Justifica las afirmaciones a través de expresiones del texto.

a) Normalmente las personas suelen tomar al desayuno café con leche. _____

b) El desayuno es la comida más importante del día. _____

c) La hora de la comida va hasta la una de la tarde. _____

d) Al almuerzo se suele comer el primer plato, el segundo plato y el postre. _____

e) El primer plato es carne o pescado y el segundo plato es a base de verduras, legumbres y arroz. _____

f) A la hora de comer, si los españoles no tienen mucho dinero para gastarse lo mejor es ir al restaurante y comer a la carta. _____

g) La hora de la merienda va de las cinco hasta las seis de la tarde. _____

h) A la hora de la cena, los españoles comen cosas más pesadas porque después van a tomar café. _____

Solución:

a) Verdadera. “(...) la mayoría de la gente suele tomar café con leche, tostadas, algún bollo o galletas.”

b) Falsa. “La comida principal y más importante del día es el almuerzo o la comida (...)”

c) Falsa. “(...) se realiza a mediodía, entre la una y las tres de la tarde.”

d) Verdadera. “Se come un primer plato (...) y un segundo plato (...) A continuación se toma el postre (...)”

e) Falsa. “(...) un primer plato a base de verduras, legumbres, arroz... y un segundo plato que puede ser carne o pescado (...)”

f) Falsa. “En España, a la hora de la comida se puede optar por comer el menú del día, que es una posibilidad barata.”

g) Falsa. “La merienda es habitual a media tarde, hacia las seis.”

h) Falsa. “Normalmente se toma algo ligero como sopa, verduras, huevos, queso, fruta, etcétera.”

Anexo F3.5 - Ementa espanhola

RESTAURANTE OLÉ

Entrantes

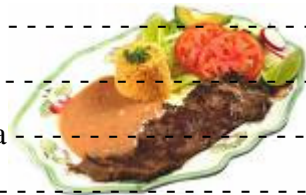
Ensalada verde	-----	3,00€
Ensalada mixta	-----	4,00€
Calamares a la Romana	-----	3,00€
Tortilla de patata	-----	3,00€
Jamón y queso	-----	5,00€
Jamón ibérico	-----	8,00€
Albóndigas de carne	-----	3,50€
Albóndigas de bacalao	-----	3,50€



Segundos platos

Carnes

Pollo al horno	-----	6,00€
Lomo a la brasa	-----	7,50€
Cordero a la brasa	-----	7,00€
Frito de cerdo	-----	7,00€
Chuletas de cordero con guarnición	-----	15,00€
Entrecot de cerdo con patatas	-----	9,00€
Bistec de ternera con arroz	-----	10,00€
Conejo al ajillo	-----	10,00€
Perdiz a la basa	-----	10,00€



Primeros platos

Sopa de pescado	-----	3,00€
Sopa de verdura	-----	2,50€
Sopa fría de pimiento	-----	2,50€
Crema de calabacín	-----	2,50€
Crema de champiñones	-----	2,50€
Gazpacho	-----	2,50€
Espárragos	-----	3,00€
Ensaladilla rusa	-----	2,50€
Paella	-----	4,00€
Canelones	-----	4,00€
Lasaña	-----	4,00€



Pescados

Combinado de pescado y marisco	-----	15,00€
Lenguado rebozado con huevo	-----	9,00€
Merluza frita	-----	6,00€
Dorada al horno	-----	8,50€
Lomo de salmón al horno	-----	10,00€
Bacalao rebozado con guarnición	-----	10,00€



Vinos

Rioja de la casa	-----	12,00€
Rioja de la casa (3/8)	-----	8,00€
Blanc Pescador	-----	12,00€
Cava Reserva Real	-----	25,00€



Postres

Flan con natas	-----	5,00€
Flan de calabaza	-----	4,00€
Tarta de queso	-----	5,00€



Profiteroles con chocolate	-----	5,00€
Sorbete de limón	-----	4,00€
Helado de chocolate y nueces	-----	3,00€
Biscocho de chocolate	-----	4,00€

Anexo F3.6 - Menu português e menu espanhol.

MENÚ DEL DÍA

1^{er} plato

- Tortilla de patatas
- Crema de guisantes con jamón
- Ensaladilla rusa

2^o plato

- Chuleta de cerdo con patatas
- Filete de ternera a la brasa
- Lenguado rebozado



Postre

- Flan
- Tarta del día

1^o + 2^o + pan + bebida + postre o café
12€ (IVA incl.)



Menu do dia 27 de Novembro

Entrada

Sopa do dia
ou
Petisco do chefe

Prato Principal

Posta de robalo do mar grelhada/cozida com vegetais (suplemento €5.00).
ou
Bacalhau à Brás com salada verde.
ou
Folhado de galinha com espinafres.
ou
Salada de salmão fumado com molho de iogurte light e redução de vinagre balsâmico.
ou
Tortellini de ricotta com cogumelos.

Sobremesa

Taça de frutas frescas
ou
Tentação do dia
ou
Bola de gelado

Preço total (bebidas não incluídas): €10,00

Iva incluído à taxa de 12%

Nota: Também disponível menu à la Carte

In <http://www.hotelfaro.pt/unlimitpages.asp?id=65>

Anexo F3.7 - Exemplo de tarefa final produzida pelos alunos.

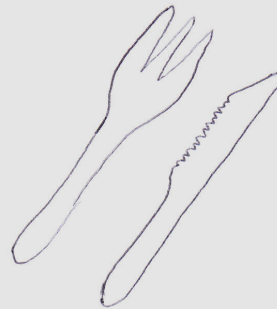
Restaurante

Platos. com

Menú del día*

1^{er} Plato*

Sopa de verdura
Ensaladilla rusa
Canelones



2^o Plato*

Pollo al horno
chuletas de cordero con guarnición
Dorada al horno

Postre*

Biscocho de chocolate
Profiteroles con chocolate

1^o + 2^o + pan + bebida + postre/café
12€ (IVA incl.)

Anexo F4 – Reflexão pós-acção.

Aula de Espanhol de 02 de Dezembro de 2009.

Os objectivos desta aula era que os alunos conhecessem um pouco mais da cultura espanhola, no que diz respeito aos hábitos alimentícios dos espanhóis, fossem capazes de distinguir *menu do dia* de *carta* e ainda que soubessem identificar as diferenças e semelhanças entre menus portugueses e espanhóis. Como tarefa final, os alunos tinham que construir um *menu do dia* espanhol a partir de uma *carta*.

O leque de actividades elaborado para esta aula foi pensado a partir da tarefa final. A primeira actividade, chuva de ideias sobre a palavra *RESTAURANTE*, tinha como objectivo a aquisição de vocabulário relacionado com o tema. A intenção da apresentação *powerpoint* com as quatro palavras-chave apresentada nesta actividade era testar os conhecimentos dos alunos. A actividade dois, exercício de correspondência de palavras relacionadas com o restaurante e comidas espanholas, tinha como objectivo introduzir mais léxico para além daquele que os alunos apreenderam na actividade anterior. É de referir que a introdução do novo léxico também estava relacionada com a actividade precedente. Na actividade três, leitura, compreensão e comentário oral do texto, o objectivo era dar a conhecer um pouco da cultura espanhola. As actividades quatro e cinco, tinham como principal objectivo dar a conhecer aos alunos a estrutura de um *menu do dia* e uma *carta* espanholas e demonstrar as diferenças e semelhanças entre menus portugueses e espanhóis. Na última actividade, os alunos realizaram um menu do dia, seguindo a estrutura dos menus espanhóis, a partir da carta apresentada na actividade quatro.

Em suma, poderei dizer que esta aula foi bem sucedida, uma vez que não cometi erros a nível científico, os alunos realizaram sem qualquer dificuldade as actividades

propostas e os trabalhos finais produzidos corresponderam àquilo que eram os objectivos propostos para esta aula. É de referir também que a planificação estava bem estruturada e os materiais bem elaborados.

Anexo G1 - Planificação de aula sobre o conteúdo *narrar acontecimentos recentes*

Escola Secundária de Pinheiro e Rosa
2009/2010
11º ano

Profesor: Carlos Mangas

Número de sesiones previstas: 1 x 90m

Fechas: 09/12/09

Destinatarios: 11ºF/G (20 alumnos)

Nivel de lengua: A2

TAREA: Elaboración de una página de diario.

DESTREZAS A DESARROLLAR: Comprensión Lectora; Comprensión Oral y Expresión Escrita

OBJETIVOS DE PROCESO	CONTENIDOS				ACTIVIDADES	INTERACCIÓN	MATERIALES/ RECURSOS	PROCESOS DE EVALUACIÓN
	FUNCIONALES	GRAMATICALES	LÉXICOS	SOCIOCULTURALES				
<ul style="list-style-type: none"> - Captar e comprender o sentido global da palavra diário. - Captar o sentido global de textos escritos simples. - Procurar e localizar informações concretas em textos do quotidiano (diário). 	- Hablar de lo que se ha hecho recientemente	<ul style="list-style-type: none"> - Pretérito Perfecto - Participio Pasado 	- Hechos recientes	<ul style="list-style-type: none"> - La elaboración de un diario donde se habla de acciones cotidianas. Tiene como objetivo aumentar el sentido de responsabilidad y de organización del estudiante. 	<ul style="list-style-type: none"> 1. Visualización y audición de un cortometraje intitulado Querido Diario. 2. Lectura y comprensión del texto: Querido Diario. 3. Identificación, en 	<ul style="list-style-type: none"> Individual Individual GC 	<ul style="list-style-type: none"> - Vídeo proyector - Ordenador - Cortometraje Querido Diario - Crucigrama - Powerpoint - Texto Querido Diario - Ficha con preguntas de verdadero o falso y elección múltiple. - Ficha de sistematización del pretérito perfecto. 	

Escrita de textos simples (diario).					<p>el texto, de las formas verbales que expresan narración de hechos recientes.</p> <p>4. Elaboración y presentación, oral, de una página de diario.</p>	<p>Individual Parejas</p> <p>Individual GC</p>		
-------------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--

Anexo G2 - Roteiro de aula sobre o conteúdo *narrar acontecimentos recentes*

- **Clase:** 11° F/G
- **Número de alumnos:** 20
- **Sesiones previstas:** 1x 90 min.
- **Nivel de lengua:** A2

Objetivos: En esta clase se pretende que los alumnos aprendan a narrar hechos relacionados con el cotidiano. Los alumnos deberán ser capaces de hablar de lo que se ha hecho recientemente. Al final, se espera que los alumnos construyan una página de diario.

ACTIVIDAD	DURACIÓN	PROCEDIMIENTO
0.	10 minutos	El profesor pasa lista y los alumnos escriben el resumen.
1.	20 minutos	<p><u>Visualización y audición de un cortometraje intitolado <i>Querido Diario</i>.</u></p> <p>Pre-actividad: La clase empieza con una breve discusión sobre la palabra <i>diario</i>. Los alumnos deberán contestar a preguntas como: <i>¿qué es un diario?</i> y <i>¿qué solemos escribir en un diario?</i> Se espera que los alumnos digan que un diario es un objeto donde podemos escribir y que solemos escribir cosas relacionadas con nuestros sentimientos, cosas que nos hayan ocurrido, disgustos amorosos...</p> <p>Actividad: Los alumnos visualizan los dos primeros minutos y 52 segundos del vídeo - “Solo deseo que todo me vaya mejor de como me ha ido hasta ahora.” (cf. adjunto 1 - http://www.youtube.com/watch?v=909ZW7mZO7Y) y contestan a las preguntas que el profesor escribe en la pizarra: <i>¿De qué trata el vídeo?</i>, <i>¿Cómo empieza el diario?</i>, <i>¿Qué escribe el hombre en el diario?</i>, <i>¿Cómo termina el diario hasta dónde se ha visto?</i> Posteriormente, se corrigen las preguntas.</p> <p>Pos-actividad: Los alumnos realizan, en parejas, un crucigrama con palabras relacionadas con un <i>diario</i> (Cf. adjunto 2). Al final, se corrige el ejercicio en grupo. Aparecerá en una diapositiva de <i>powerpoint</i> con la corrección del crucigrama para que los alumnos tengan un soporte escrito por donde puedan comprobar sus respuestas. (cf. <i>powerpoint</i>, adjunto 3)</p>
2.	15 minutos	<p><u>Lectura y comprensión del texto: <i>Querido diario</i>.</u> (Cf. adjunto 4)</p> <p>Pre-actividad: El profesor escribe en la pizarra tres palabras relacionadas con el texto (<i>diario - gato - despertador</i>) y los alumnos deberán deducir su contenido.</p> <p>Actividad: El profesor distribuye el texto. Los alumnos lo leen, realizan el ejercicio de elección múltiple relacionado con el vocabulario que ellos podrán no entender y contestan al ejercicio de verdadero/falso. Posteriormente, se corrigen los dos ejercicios.</p>
3.	20 minutos	<u>Identificación, en el texto, de las formas verbales que expresan narración de hechos recientes.</u>

Pre-actividad: Los alumnos visualizan, en un *powerpoint*, un fragmento del texto trabajado anteriormente (Cf. adjunto 5). A través del texto, los mismos deberán contestar a las siguientes preguntas hechas oralmente por el profesor: *¿Qué idea transmiten las formas verbales subrayadas: pasado, presente o futuro?, ¿Os parece qué son formas verbales simples o compuestas? ¿Por qué?, ¿En qué tiempo estará el primer verbo? ¿Cuál será su infinitivo?, ¿Y el segundo verbo? ¿Y su infinitivo?*

Actividad: Para consolidar lo que los alumnos han dicho, el profesor presenta un *powerpoint* con la estructura de ese tiempo verbal que sirve para narrar hechos recientes, pretérito perfecto. (Cf. diapositiva 1 y 2, adjunto 6). Después de presentada la estructura, el profesor pide a los alumnos que hagan dos columnas en el cuaderno: una para poner las formas verbales que tienen la estructura presentada y otra para poner las formas verbales que no tienen la estructura presentada. Hay una puesta en común de la separación que los alumnos han hecho y el profesor presentará una diapositiva con la separación correcta (Cf. diapositiva 3, adjunto 6). Después, el profesor pedirá a los alumnos que identifiquen los infinitivos de las formas verbales irregulares que aparecen en la columna que corresponde a las terminaciones no presentadas. Posteriormente, el profesor presentará otra diapositiva con los otros participios pasados irregulares y los alumnos tienen que deducir su respectivo infinitivo (Cf. diapositiva 4, adjunto 6). También se pedirá a los alumnos que identifiquen las expresiones temporales que acompañan a las formas verbales presentes en el texto. Como solo van a identificar la expresión “*hoy*” y “*hace un ratito*”, el profesor presentará una diapositiva con otras expresiones temporales. (Cf. diapositiva 5, adjunto 6)

Pos-actividad: Los alumnos completan un diario con la forma del pretérito perfecto adecuada. Este ejercicio sirve de sistematización de aquello se ha presentado. (Cf. adjunto 7)

4. 25 minutos

Elaboración de una página de diario.

Actividad: Los alumnos elaborarán, individualmente, una página de un diario en el que describirán hechos que les hayan ocurrido este mes en clase o con la familia o con los amigos. Además de escribir la página del diario, los alumnos deberán firmar la misma con un seudónimo. (cf. *powerpoint*, adjunto 8)

Después: El profesor recoge los diarios y vuelve a distribuir al acaso. Los alumnos deberán leer el diario y el pseudónimo que les ha tocado y la clase intentará adivinar quién es.

Contextualización de la próxima secuencia: Después de aprender a hablar de lo que se ha hecho recientemente, los alumnos trabajarán situaciones reales del cotidiano que tienen que ver con retrasos en las citas, donde aprenderán a disculparse y a poner excusas.

Anexo G3.2 - Correção do exercício de palavras cruzadas a partir do vocábulo DIARIO.

	¹ R	E	S	E	R	V	A	D	A				
		² S	E	N	T	I	M	I	E	N	T	O	S
	³ I	N	T	I	M	I	D	A	D				
					⁴ E	S	C	R	I	B	I	R	
				⁵ O	P	I	N	I	O	N			
				⁶ H	E	C	H	O	S				

1. Ella no cuenta sus problemas a nadie. Es muy **reservada**.
2. El amor y el odio son **sentimientos** muy fuertes.
3. Violaron su **intimidación** al hacerle las fotos sin que se diera cuenta.
4. En la carta debes **escribir** todo lo que ocurrió.
5. Él dio su **opinión** sobre el asunto y algunas personas no estuvieron de acuerdo con lo que dijo.
6. Los **hechos** tuvieron lugar al atardecer.

Adjunto 3

Anexo G3.3 - Ficha de comprensión escrita sobre o texto *Querido diario*

1. Lee con atención el siguiente texto.

Querido diario:

Hoy ha sido un día terrible; me acabo de despertar hace un ratito y, como no logro volverme a dormir, he pensado que quizá escribiendo se me pase el tiempo; puede que incluso me llegue el sueño o que llegue mamá; no lo sé, pero cuando escribo, se pasan las horas sin que apenas lo note. Como te decía, hoy ha sido un día terrible.

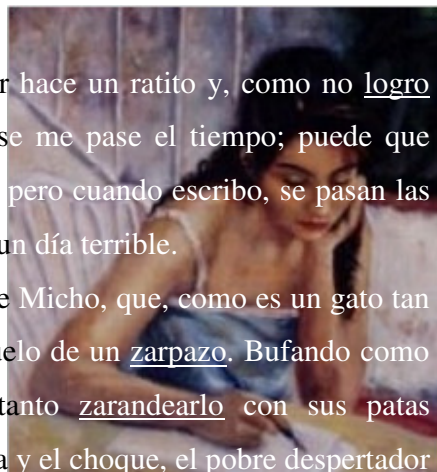
Para empezar, el despertador se ha roto por culpa de Micho, que, como es un gato tan malo, se ha enfadado al oír la alarma y lo ha tirado al suelo de un zarpazo. Bufando como loco, ha atormentado al despertador hasta que, de tanto zarandearlo con sus patas delanteras, lo ha estampado contra la pared. Entre la caída y el choque, el pobre despertador ha muerto para siempre.

Quizá no te parezca grave que mi despertador se haya roto, pero, sin él, no podré levantarme a las siete en punto de la mañana, ni mirar la hora para saber cuándo tengo que ir a clase, ni comprobar a qué hora llega mamá cada madrugada. Desde que el reloj de pulsera que me regalaron el año pasado se me mojó mientras fregaba los platos, no hay en todo este miserable piso un solo reloj que marque el paso del tiempo.

Después de regañar inútilmente a Micho, he ido al baño, pero mamá estaba dentro y no parecía querer salir en un buen rato. Se oía correr el agua de la ducha, así que me fui al colegio sin poder bañarme primero. Hoy tampoco he desayunado.

En el recreo, Ana me ha dado la mitad de su bocadillo a cambio de que le hiciera los deberes de matemáticas; gracias a este sistema de cambiar un servicio por comida, me he salvado hoy de caer desmayada en mitad de la clase, como me ocurrió hace dos días.

Creo que lo único bueno que me ha sucedido hoy ha sido haber sacado sobresaliente en los dos exámenes que hice la semana pasada, un 9 en lengua y un 10 en historia. (...)



In *Querido Diario* por Carolina Fernández Pérez (adaptado)

(http://www.gibralfaro.uma.es/narbreve/pag_1520.htm)

1.1 Selecciona la opción más adecuada al contexto.

1. “no logro volverme a dormir” (1.2/3)
 - A) no consigo volverme a dormir.
 - B) no quiero volverme a dormir.
 - C) no tengo que volverme a dormir.

2. “lo ha tirado al suelo de un zarpazo” (1.7)
 - A) lo ha tirado al suelo con un golpe dado muy fuerte con el cuerpo
 - B) lo ha tirado al suelo con un golpe dado con la cabeza
 - C) lo ha tirado al suelo con un golpe dado con las garras

3. “de tanto zarandearlo con sus patas delanteras” (1.7)
 - A) de tanto empujarlo con sus patas delanteras
 - B) de tanto moverlo con energía de un lado a otro con sus patas delanteras
 - C) de tanto provocarlo repetidamente con sus patas delanteras

4. “Después de regañar inútilmente a Micho” (1.16)
 - A) Después de acariciar con la mano inútilmente a Micho
 - B) Después de elogiar inútilmente a Micho
 - C) Después de reñir inútilmente a Micho

5. “no parecía querer salir en un buen rato” (1.17)
 - A) no parecía querer salir tan pronto hoy
 - B) no quería salir en dos meses
 - C) no quería salir dentro de un ratón

1.2 Identifica si las afirmaciones son verdaderas (V) o falsas (F).

- a) Según lo que dice la chica en su diario, el día ha sido complicado porque ha tenido muchos inconvenientes. _____
- b) La chica ha roto el despertador porque estaba enfadada y quería dormir. _____
- c) Para ella no tiene importancia el despertador estropeado pues su madre le va a prestar el suyo. _____
- d) A causa de su madre, la chica no pudo bañarse ni desayunar. _____
- e) La autora del diario dice que suele compartir su desayuno con Ana, mientras ella le hace los deberes de matemáticas. _____
- f) A lo largo del día, lo único que le ha salido bien fue saber que ha sacado buenas notas en los exámenes que ha hecho hace unos días. _____

Solución:

1.1 1 – A 2 – C 3 – B 4 – C 5 – A

1.2 a) V b) F c) F d) V e) F f) V

Anexo G3.4 - Excerto do texto do anexo G3.3.

Hoy ha sido un día terrible; me acabo de despertar hace un ratito y, como no logro volverme a dormir, he pensado que quizá escribiendo se me pase el tiempo; (...) el despertador se ha roto por culpa de Micho, que, como es un gato tan malo, se ha enfadado al oír la alarma y lo ha tirado al suelo de un zarpazo. Bufando como loco, ha atormentado al despertador hasta que, de tanto zarandearlo con sus patas delanteras, lo ha estampado contra la pared. Entre la caída y el choque, el pobre despertador ha muerto para siempre.



Adjunto 5

Anexo G3.5 - Apresentação *powerpoint* sobre *narrar acontecimientos recientes* (estructuras do pretérito perfecto).

Narrar hechos recientes.

- Pretérito Perfecto

Terminaciones del Pretérito Perfecto:

Verbo <i>haber</i> en Presente de indicativo	+	Participio Pasado
Yo he		-AR → -ADO
Tú has		<i>Pensado</i> (<i>pensar</i>)
Él/ella/usted ha		-ER/-IR → -IDO
Nosotros hemos		<i>sido</i> (<i>ser</i>)
Vosotros habéis		<i>ido</i> (<i>ir</i>)
Ellos/ellas/ustedes han		

Ejemplos:

- Hoy he cantado con mis primos en la fiesta de Navidad.
- Esta semana has comido demasiado.
- El tren ha partido hace una hora.
- Este mes no hemos desayunado ningún día en casa.
- En estas vacaciones habéis tenido mucha suerte.
- Esta mañana sus hijos han estado en casa.

¡Ojo! El participio pasado es invariable, no tiene género ni número.

2

Tienen las terminaciones presentadas



ha sido
he pensado
se ha enfadado
ha tirado
ha atormentado
ha estampado
he ido
he desayunado
me ha dado
me he salvado
me ha sucedido

No tienen las terminaciones presentadas



se ha roto
ha muerto

3

Participios pasados irregulares

roto	→	romper
muerto	→	morir
abierto	→	abrir
resuelto	→	resolver
puesto	→	poner
hecho	→	hacer
descubierto	→	descubrir
vuelto	→	volver
escrito	→	escribir
dicho	→	decir
visto	→	ver

Decir – hacer – **morir** – descubrir – **romper** – escribir – resolver – ver – volver – poner – abrir

4

Pretérito perfecto:
- Expresiones de tiempo.

- Hace una hora/dos horas/cinco horas...
- Hace cinco minutos/diez minutos...

Hoy

Hace un rato

- Este mes/año/verano/fin de semana/sábado
- Esta noche/semana/mañana/tarde/noche
- Estos días/meses/años
- Estas vacaciones/semanas

Anexo G3.6 - Ficha de consolidação sobre o pretérito perfeito.

1. Completa este diario con la forma correcta del pretérito perfecto.

Mi diario

Hoy (ser) *ha sido*⁽¹⁾ un día maravilloso.
Por la mañana (tener) _____⁽²⁾ cuatro clases, matemáticas, lengua, historia y filosofía. Y a la hora del recreo, (ver) _____⁽³⁾ a Carlos: está guapísimo.
Yo le (preguntar) _____⁽⁴⁾ por sus clases y él me (contestar) _____⁽⁵⁾ que no le van muy bien. Entonces yo le (decir) _____⁽⁶⁾ que, si quiere, puedo ayudarle. Él me (contestar) _____⁽⁷⁾ que sí, que necesita ayuda.

28 de abril

Así que por la tarde (ir, nosotros) _____⁽⁸⁾ a la biblioteca del instituto y (estudiar) _____⁽⁹⁾ juntos las matemáticas. Y, después, al salir, me (invitar) _____⁽¹⁰⁾ a tomar un café. Después del café él me (acompañar) _____⁽¹¹⁾ en metro hasta mi casa. Todo (ser) _____⁽¹²⁾ muy romántico y (hablar, nosotros) _____⁽¹³⁾ mucho de nuestras cosas. Espero verlo mañana otra vez. ¡Qué guapo es!

Ejercicio de producción escrita.

- Elaborad una página de diario en el que describáis un hecho que os haya ocurrido este mes en clase o con vuestra familia o con vuestros amigos. Podéis empezar así:

Querido diario, este mes ha sido...

¡Ojo!, debes firmar el diario con un seudónimo.

Anexo G4 – Reflexão pós-acção.

Aula de Espanhol de 09 de Dezembro de 2009.

O objectivo desta aula era que os alunos aprendessem a narrar acontecimentos relacionados com o quotidiano. No final, pretendia-se que os mesmos elaborassem uma página de diário onde descrevessem algo que lhes tivesse sucedido durante o mês na aula, com a família ou com os amigos.

O leque de actividades preparado para esta aula foi elaborado a partir da tarefa final. A primeira actividade, visualização e audição da curta-metragem intitulada *Querido Diário*, tinha como objectivo introduzir o tema que se iria trabalhar ao longo da aula, narrar acontecimentos através de diários. Na visualização do vídeo, os alunos tiveram alguma dificuldade em perceber o que era dito, uma vez que o som do mesmo não era muito bom. No entanto, como já tinha detectado esse problema durante a planificação da aula, pensei numa estratégia para o resolver. Pedi aos alunos que tomassem atenção às frases que apareciam destacadas no vídeo, enquanto a personagem escrevia no diário, porque eram as mesmas frases que não se conseguiam entender. Penso que foi uma boa estratégia, uma vez que os mesmos conseguiram perceber melhor o conteúdo do vídeo e responderam às questões colocadas posteriormente sobre o mesmo. A segunda actividade, leitura e compreensão do texto *Querido diário*, tinha como objectivo principal trabalhar os sinónimos de palavras. É de referir que nesta actividade esqueci-me de realizar a pré-actividade, em que os alunos a partir de algumas palavras tinham de deduzir o conteúdo do texto. Depois de me aperceber do lapso, tentei introduzir a pré-actividade antes da correcção da ficha de compreensão, mas considero que não foi bem conseguida uma vez que foi usada de forma descontextualizada. Na terceira actividade, depois de uma breve apresentação *powerpoint*, em que os alunos identificaram num excerto do texto as formas verbais como estando relacionadas com o

passado e deduziram a estrutura do pretérito perfeito em espanhol, foi mostrada uma outra apresentação *powerpoint*, que serviu de síntese daquilo que eles tinham dito. A partir desta apresentação, os alunos identificaram no texto da actividade dois os verbos que serviam para narrar acontecimentos recentes e repartiram os que seguiam a estrutura apresentada e os que não seguiam a estrutura. Como tinha dado exemplos das formas verbais que pretendia que fossem identificadas no texto, através do diapositivo de *powerpoint*, pensei que os alunos tinham percebido quais as formas verbais que deveriam ser retiradas do texto e como deveriam reparti-las. No entanto, enquanto percorria a sala, apercebi-me que eles estavam a retirar todas as formas verbais existentes no texto. Assim que verifiquei tal situação, voltei a dizer-lhes o que é que se pretendia que eles retirassem do texto e, inclusive, dei um exemplo. Perante esta situação, considero que as instruções não foram bem dadas e por isso os alunos não entenderam a actividade. É de referir que quando apresentei o diapositivo de *powerpoint* que sintetizava as ideias, os alunos começaram a passar sem eu ter dito nada. Todos estes factores contribuíram para que a actividade demorasse muito mais tempo do que estava previsto. Uma das hipóteses era ter realizado uma ficha com as informações que constavam na apresentação *powerpoint*. Ainda na actividade três, foi mostrado aos alunos dois diapositivos sobre as formas irregulares do pretérito perfeito em espanhol e dos marcadores temporais. Acho que estes dois conteúdos gramaticais deveriam ter sido dados numa outra aula, pois considero ser muita informação para uma aula de 90 minutos. É de referir que a leccionação destes dois conteúdos fez com que os alunos não chegassem a realizar a tarefa final nem a ficha de consolidação do pretérito perfeito, correspondente à pós-actividade da actividade três. Como perdi muito tempo na referida actividade e verifiquei que o tempo era insuficiente para a elaboração da tarefa, optei

por eliminar a última actividade (tarefa final) e mandar para trabalho de casa a ficha de consolidação do pretérito perfeito (pós-actividade da actividade 3).

No que refere a planificação, acho que deveria ter reflectido melhor sobre as actividades programadas e o tempo dispensado para cada uma delas.

Em suma, poderei dizer que esta aula não foi bem sucedida devido a todos os factores supramencionados.

Anexo H1 - Planificação de uma sequência de aprendizagem sobre *As Compras*.

Escola Secundária de Pinheiro e Rosa
2009/2010
11º ano

Profesores: Carina Jesus; Carlos Mangas; Inês Pinheiro e Isabel Monteiro

Número de sesiones previstas: 6 x 90m

Fechas: de 15/01/10 a 03/02/10

Destinatarios: 11ºF/G (20 alumnos)

Nivel de lengua: A2

TAREA: Realización de un mercadillo en clase

DESTREZAS A DESARROLLAR: Expresión Escrita; Comprensión lectora; Expresión oral; Comprensión oral; Interacción oral.

OBJETIVOS DE PROCESO	CONTENIDOS				ACTIVIDADES	INTERACCIÓN	MATERIALES/ RECURSOS	PROCESOS DE EVALUACIÓN
	FUNCIONALES	GRAMATICALES	LÉXICOS	SOCIOCULTURALES				
- Contrastar com a língua materna léxico e expressões de uso frequente relacionados com a roupa.	- Hablar de la ropa; - Decir qué ropa lleva otra persona; - Hacer comparaciones; - Comprar un	- Comparaciones; Pronombres de objeto directo: <i>lo, la, los, las.</i>	- Prendas de vestir y materiales;	- La importancia de los mercados en la caracterización de un país o cultura; - La moda en la actualidad.	1. Buscar la ropa adecuada para una situación específica.	Parejas	Radio Cd Diccionario Video proyector <i>PowerPoint</i> Ordenador Internet	- Parrilla de evaluación de la expresión oral

<ul style="list-style-type: none"> - Descrever e comparar roupas em termos simples. - Explorar ideias, associar e recolher informação para produzir texto escrito. - Expressar opinião sobre temas da actualidade. - Utilizar formas de cortesia habituais para pedir produtos numa loja de roupa. - Pedir e dar informações sobre as características e o preço de um produto. 	artículo en una tienda de ropa.				<p>2. Elaboración de un cartel para promocionar las rebajas en una tienda de ropa.</p> <p>3. Elaboración de un catálogo de moda Primavera - Verano 2010.</p> <p>4. Realización de un debate sobre moda.</p> <p>5. Escenificación de de un diálogo en una tienda de ropa</p>	<p>TG</p> <p>TG</p> <p>GC</p> <p>Parejas</p>		
---	---------------------------------	--	--	--	--	---	--	--

					6. Realización de un mercadillo en clase.	GC		
--	--	--	--	--	---	----	--	--

Anexo H2 - Roteiro da 2ª aula da sequência de aprendizagem sobre *As Compras*.

- **Clase:** 11º F/G
- **Número de alumnos:** 20
- **Sesiones previstas:** 1 x 90 min.
- **Nivel de lengua:** A2

Objetivos: En esta clase se pretende que los alumnos trabajen el vocabulario que aprendieron en la primera clase de la secuencia de aprendizaje. Los mismos deberán ser capaces de decir qué ropa lleva una persona y también deberán ser capaces de hacer comparaciones entre estilos de ropa qué lleva una persona. Al final de esta clase, se espera que los alumnos, en grupos, construyan un cartel de una tienda de ropa a partir de un modelo.

ACTIVIDAD	DURACIÓN	PROCEDIMIENTO
0.	10 minutos	El profesor pasa lista y, posteriormente, los alumnos escriben el resumen.
1.	12 minutos	<p><u>Descripción de la ropa de un compañero de clase a partir del léxico aprendido en la clase anterior.</u></p> <p>Actividad: A partir del léxico aprendido en la primera clase de la secuencia de aprendizaje, cada alumno deberá hacer en su cuaderno la descripción de la ropa de un compañero de clase. Posteriormente, los alumnos leen la descripción que escribieron y la clase intenta adivinar quién es la persona.</p>
2.	10 minutos	<p><u>Audición de una música intitulada “Rebajas, rebajas.” (cf. adjunto 1).</u></p> <p>Actividad: El profesor distribuye por los alumnos la letra de una música en que faltan algunas palabras. Los alumnos deberán escuchar la música y rellenar su letra con las palabras que faltan. Posteriormente, los alumnos comprueban con el compañero las respuestas y después se corrige en la pizarra. Al final, se escucha una segunda vez para que los alumnos comprueben una vez más las respuestas.</p> <p>Post-actividad: A partir de la letra de la música, los alumnos aprenderán léxico relacionado con el material que se utiliza para hacer las prendas de vestir.</p>

3.	20 minutos	<p><u>Lectura y comprensión del texto: <i>Las rebajas en España</i>.</u> (cf. adjunto 2)</p> <p>Pre-actividad: El profesor escribe la palabra “rebajas” en la pizarra y pide a los alumnos que digan palabras que estén relacionadas con ese vocablo. Se espera que los alumnos digan palabras como <i>compras, ropa, calzado...</i></p> <p>Actividad: El profesor distribuye el texto. Los alumnos lo leen y contestan al ejercicio de elección múltiple y verdadero/falso.</p> <p>Pos-actividad: Los alumnos identifican las comparaciones presentes en el texto (último párrafo) y deducen la estructura de los tres tipos de comparativo (superioridad, igualdad e inferioridad). Posteriormente, se presentará una diapositiva en <i>powerpoint</i> con los ejemplos que los alumnos deben identificar en el texto y las tres estructuras del comparativo (cf. adjunto 3, diapositiva 1).</p>
4.	13 minutos	<p><u>Visualización de personas famosas portuguesas y españolas y comparación de estilos de ropa.</u> (cf. adjunto 3, diapositivas 2 y 3)</p> <p>Actividad: Después de presentada la estructura de los comparativos, los alumnos visualizarán dos diapositivas en <i>powerpoint</i> con varios hombres y mujeres famosos vestidos de maneras diferentes. A partir de los adjetivos que aparecen en la diapositiva, los alumnos deben construir en parejas tres frases (una para cada comparativo) donde comparen los estilos de los famosos. Al final, se pedirá a un alumno de cada pareja que lea las frases y la clase comprobará si las frases están correctas.</p>
5.	25 minutos	<p><u>Elaboración de un cartel para promocionar las rebajas en una tienda de ropa a partir de un modelo.</u> (cf. adjunto 4)</p> <p>Actividad: En parejas, los alumnos deberán elaborar un cartel para promocionar la llegada de las rebajas a una tienda de ropa. En el cartel los alumnos deberán inventar un nombre para la tienda de ropa. También deberá contener la palabra “rebajas”, precios, dibujos de una o dos prendas de vestir y un eslogan que contenga una comparación. Para que los alumnos no se sientan “perdidos” será presentado en una diapositiva de <i>powerpoint</i> un modelo de cartel.</p>

Contextualización de la próxima secuencia: Después de haber aprendido un poco más sobre el léxico de la ropa y hablar sobre la ropa que lleva otra persona, los alumnos trabajarán el sentido de algunas expresiones idiomáticas relacionadas con la moda y, al final, elaborarán un catálogo a partir de ejemplos.

Anexo H3.1 - Exercício de compreensão oral da música *Rebajas, Rebajas*.

1. Escucha la música y rellena los espacios con las palabras que faltan.

Rebajas, Rebajas.

<p>Chanel, Chistian Dior, Moschino,¹ _____, Nike, Levi's Strauss, Lacoste, Calvin Klein. Las mejores marcas a los mejores precios en nuestras ² _____.</p>  <p>Mira los ³ _____, qué bonitos son. Mira esas ⁴ _____, qué preciosidad. Mira las chaquetas, qué ⁵ _____ son. Mira los ⁶ _____, qué buena calidad.</p>  <p>No importa qué, ni para quien. Me gusta ⁷ _____. Quiero ⁸ _____. ¿Y cuánto es? Son cien mil cien.</p>  <p>De _____, de poliéster o de algodón, de lana, de _____, de seda o de visón. Los mejores materiales a los _____ en nuestras _____</p> 	<p>Mira esos ⁹ _____, qué monos son. Mira esos ¹⁰ _____, qué preciosidad. Mira los relojes, qué ¹¹ _____ son. Mira, ¹² _____, bonitos de verdad.</p>  <p>No importa qué, ni para quién. ¹³ _____. Quiero ¹⁴ _____. ¿Y cuánto es? Son cien mil cien.</p>  <p>¹⁵ _____, verde, negro o ¹⁶ _____, lila, gris, azul, blanco o ¹⁷ _____. Los colores más ¹⁸ _____, los mejores precios, en nuestras ¹⁹ _____.</p> <p style="text-align: right;"><i>In Gente que canta.</i></p>
--	--

Rebajas, Rebajas.

Chanel, Chistian Dior,
Moschino, Adidas, Nike,
Levi's Strauss, Lacoste, Calvin Klein.

Las mejores marcas
a los mejores precios
en nuestras rebajas.



Mira los zapatos, qué bonitos son.
Mira esas camisas, qué preciosidad.
Mira las chaquetas, qué baratas son.
Mira los vestidos, qué buena calidad.



No importa qué,
ni para quien.

Me gusta comprar.

Quiero gastar.

¿Y cuánto es?

Son cien mil cien.



De cuero, de poliéster o de algodón,
de lana, de lino, de seda o de visón.

Los mejores materiales
a los mejores precios
en nuestras rebajas.



Mira esos chalecos, qué monos son.

Mira esos abrigos, qué preciosidad.

Mira los relojes, qué modernos son.

Mira, pantalones, bonitos de verdad.



No importa qué,
ni para quién.

Me gusta comprar.

Quiero gastar.

¿Y cuánto es?

Son cien mil cien.



Rojo, verde, negro o marrón,

lila, gris, azul, blanco o amarillo.

Los colores más bonitos,

los mejores precios,

en nuestras rebajas.

In Gente que canta.

Anexo H3.2 - Exercício de compreensão escrita do texto *Las Rebajas en España*.

1. Lee con atención el siguiente texto.

Las rebajas en España.

Cada año, miles de personas se lanzan hacia una loca carrera para encontrar las mejores gangas. ¿Por qué es tan difícil resistir a esta pasión por las rebajas?

En nuestra sociedad, poseer es señal de estatus y de éxito social. Las rebajas activan ese deseo en nosotros con la promesa de conseguirlo “por un módico precio”.

5 En ese período, todos tenemos la oportunidad de comprar algunas cosas que podríamos comprar de otro modo.

Es imposible no darse cuenta de que las rebajas han llegado porque las tiendas exhiben grandes letreros que lo proclaman, los altavoces de las grandes superficies lo repiten machaconamente y los medios de comunicación se llenan de anuncios que tratan
10 de transmitir el mensaje de que “Todos estamos de rebajas” y que “Quien no las aprovecha se pierde una gran oportunidad”.

La gran diferencia entre “ir de compras” e “ir de rebajas” es que, en el primer caso, se va primero a mirar con calma, a buscar, y sólo se compra cuando se encuentra algo que realmente gusta y se necesita. En general, cuando uno va de rebajas, sale a
15 comprar; el objetivo es conseguir lo mejor al mínimo precio.

La presión publicitaria ha hecho que se asocie “ir de rebajas” a una situación relacionada con el ocio. De hecho, a menudo se sale a comprar con amigos o familiares. Es como si se fuese a una fiesta.

Las tiendas que se tienen que tener en mente a la hora de ir de compras son:
20 **Blanco, Cold Alaska, Cortefiel y Pedro del Hierro**, que generalmente son de las primeras rebajas de temporada en España. Por otro lado, las tiendas online son más accesibles que las tiendas tradicionales para las personas que no tienen tiempo para ir de compras. Además, también son menos estresantes que las tiendas tradicionales. Sin embargo, hay que añadir que las tiendas online presentan ofertas tan buenas como las
25 tiendas tradicionales.

Dietética y salud, Begoña Odriozola (adaptado)

1.1 Señala con una (X) la opción sinónima más adecuada.

- a) “las mejores gangas” (l. 2)
 1. lo mejor y más moderno _____
 2. lo mejor y más económico _____
- b) “señal de estatus” (l. 3)
 1. símbolo de posición social _____
 2. señal de fuerza _____
- c) “módico precio” (l. 4)
 1. precio exagerado _____
 2. precio económico _____
- d) “lo repiten machaconamente” (l. 9)
 1. lo repiten sin parar _____
 2. lo repiten a los machistas _____
- e) “con el ocio” (l. 17)
 1. con la fatiga _____
 2. con el descanso _____
- f) “a menudo” (l.17)
 1. a veces _____
 2. frecuentemente _____



1.2 Contesta si las afirmaciones son VERDADERAS (V) o FALSAS (F).

- a) Mucha gente aprovecha las rebajas para comprarse algo. _____
- b) Hoy día no es importante exhibir el poder económico. _____
- c) La publicidad no nos deja ignorar las rebajas. _____
- d) La actitud de la gente que va de compras es diferente de la que va de rebajas.

- e) Para algunos, ir de compras es también una forma de estar con los amigos.

- f) En las tiendas tradicionales se encuentran prendas más baratas que en las tiendas online. _____

Solución:

1.1 a) - 2 / b) - 1 / c) - 2 / d) - 1 / e) - 2 / f) - 2

1.2 a) V / b) F / c) V / d) V / e) V / f) F

Anexo H3.3 - Apresentação *powerpoint* sobre o grau comparativo dos adjetivos.

Comparaciones

Ej.: Las tiendas online son más accesibles que las tiendas tradicionales.



Comparativo de superioridad

más + adjetivo + que

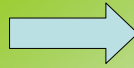
Ej.: Las tiendas online son menos estresantes que las tiendas tradicionales.



Comparativo de inferioridad

menos + adjetivo + que

Ej.: Las tiendas online presentan ofertas tan buenas como las tiendas tradicionales.



Comparativo de igualdad

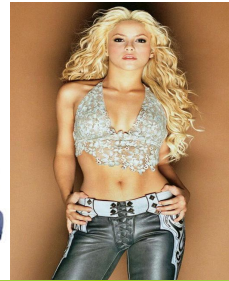
tan + adjetivo + como



Rita Pereira



Penélope Cruz



Shakira



Naide Gomes



Paz Vega



Cláudia Vieira



Fernanda Serrano

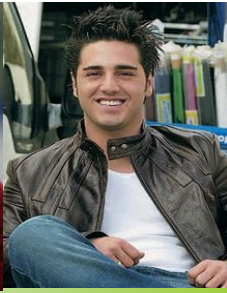


Chenoa

Elegante – deportiva – moderna / clásica – bonita / fea – formal / informal



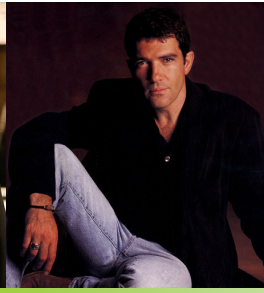
Luís Figo



David Bustamante



Ricardo Pereira



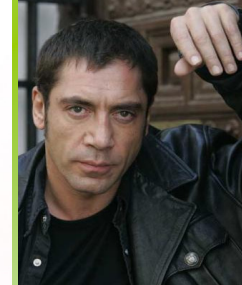
Antonio Banderas



Cristiano Ronaldo



Vitor Fonseca



Javier Bardem



Diogo Morgado

Elegante – deportivo – moderno / clásico – bonito / feo – formal / informal

Anexo H3.4 - Exercício de produção escrita - *Construção de um anúncio publicitário que promova a chegada dos saldos.*

Tarea final

- Construye un cartel para promocionar la llegada de las rebajas en una tienda de ropa.

¡Atención!, el cartel debe contener:

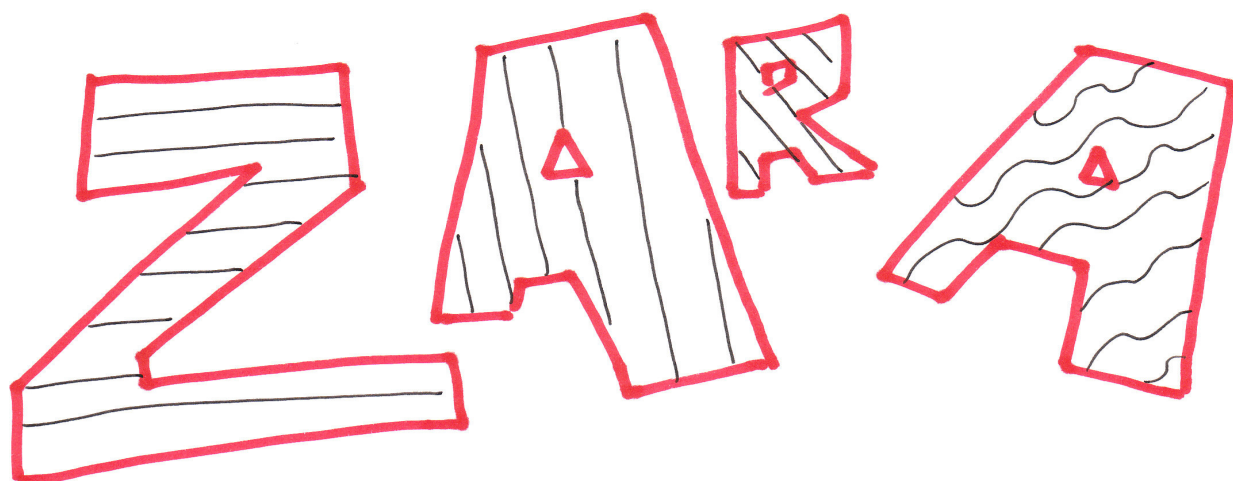
- La palabra “Rebajas”;
- El dibujo de una o más prendas de vestir;
- Precios;
- Eslogan que contenga una comparación;
- Un nombre (inventado).



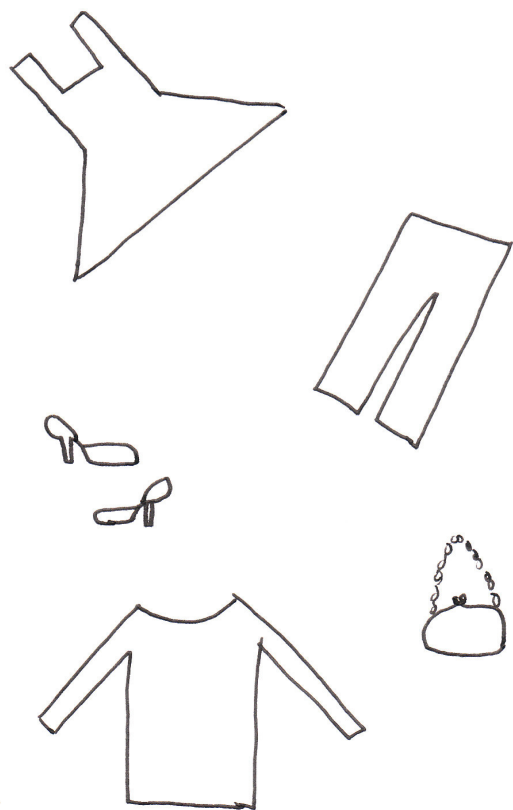
Prada, tan moderna como tú.

Anexo H3.5 - Exemplo de tarefa final - Construção de um anúncio publicitário que promova a chegada dos saldos - elaborada pelos alunos.

¡LA FIEBRE DE LAS REBAJAS!



¡REBAJAS!



Vestidos	-50%
Vaqueros	-75%
Calzado	-85%

¡Tan
PRECIOSA
como
TÚ MISMA!

Anexo H4 – Reflexão pós-acção.

Aula de Espanhol de 21 de Janeiro de 2010.

Os objectivos desta aula era que os alunos trabalhassem o vocabulário que tinham aprendido na primeira aula da sequência de aprendizagem e fossem capazes de comparar estilos de roupas. Os alunos tinham como tarefa final a construção de um anúncio publicitário promovendo as “rebajas” (saldos) numa loja de roupa.

O leque de actividades preparado para esta aula foi elaborado a partir da tarefa final. A primeira actividade tinha como objectivo rever o vocabulário que os alunos tinham aprendido na primeira aula da sequência. A segunda actividade, audição da música, também tinha como objectivo rever vocabulário relacionado com a roupa e introduzir mais léxico relacionado com o material de que é feita a roupa. No que se refere à actividade 3, o objectivo principal era introduzir o tema principal da aula, as “rebajas”. Ainda em relação à actividade 3, o que se pretendia com o texto era que os alunos conhecessem um pouco da cultura espanhola e que percebessem como funciona a época das “rebajas” em Espanha. A partir deste texto os alunos também aprenderam a fazer comparações em espanhol. Na actividade 4, o objectivo era que os alunos aplicassem o conteúdo gramatical aprendido. A comparação entre personagens portuguesas e espanholas deve-se ao facto de os alunos conhecerem um pouco mais da cultura espanhola, nomeadamente algumas das celebridades que compõem o mundo espanhol. Na actividade 5, que corresponde à tarefa final, a intenção era que os alunos construíssem um anúncio publicitário e aplicassem tudo aquilo que tinham aprendido ao longo da aula. O exemplo de anúncio publicitário tinha como objectivo orientar os alunos para que estes percebessem também o que se pretendia. É de referir que, depois da recolha dos trabalhos verifiquei que os alunos fizeram aquilo que se pretendia e

aplicaram tudo o que se pedia. Portanto, poder-se-á dizer que os objectivos foram cumpridos uma vez que os alunos fizeram e aprenderam o que estava previsto.

No que se refere ao material que utilizei na minha aula, mesmo sabendo que havia computador na sala de aula, levei premeditadamente o rádio porque previ que as colunas poderiam não funcionar ou o som das mesmas poderia não ser muito bom e foi o que acabou por acontecer. Esta minha decisão deveu-se ao facto de, através de várias observações, verificar que a escola onde estava a realizar a estágio estava bem equipada, no entanto o material por vezes não funcionava bem. Penso que é importante pensar nestes imprevistos, pois, por vezes, por mais pequenos que eles sejam podem condicionar a nossa aula.

Em suma, poderei dizer que esta aula foi bem sucedida, uma vez que não cometi erros a nível científico, os alunos realizaram sem qualquer dificuldade as actividades propostas e os trabalhos finais produzidos corresponderam àquilo que eram os objectivos propostos para esta aula.

Anexos I – Reflexões sobre as aulas de Português dos colegas do núcleo de estágio.

Anexo I1 - Reflexões das aulas de Português da Inês.

▪ Reflexão: aula de Português da Inês, 20 de Maio de 2009.

De um modo geral, considero que a aula da Inês correu bem. No que se refere à sua postura na aula, acho que foi bastante positiva, pois a Inês incentivou sempre os alunos a participarem e tentou sempre, na medida do possível, aproveitar ao máximo aquilo que eles diziam. Penso que a intenção da Inês era que os alunos percebessem que as informações que davam, mesmo sendo umas melhores do que outras, eram produtivas para o desenvolvimento e enriquecimento da aula, que do meu ponto de vista foi bem conseguido. Também é de referir que um dos motivos que fez com que a aula da Inês corresse bem teve a ver com o facto de os alunos serem muitos participativos.

No que diz respeito às actividades descritas no plano de aula, a Inês fez algumas trocas. Acho que essas trocas foram acertadas, pois não alteraram em nada aquilo que estava programado, ou seja, não prejudicou em nada a sequência lógica das actividades.

Ainda em relação às actividades, a Inês cometeu uma gafe relacionada com o funcionamento da língua, enquanto analisava os poemas com os alunos. Depois de se ter apercebido que a tinha cometido, rectificou-a no momento certo. Contudo, considero que este “pequeno lapso” não influenciou em nada a aprendizagem dos alunos, pois penso que depois da rectificação ficaram esclarecidos.

Para finalizar, é de salientar que a última actividade não foi realizada, uma vez que a professora orientadora cooperante já a tinha feito na aula anterior.

▪ Reflexão: aula de Português de 09 de Novembro de 2009.

O objectivo da aula da Inês era introduzir a temática do Barroco, mais concretamente falar sobre as principais características da corrente e mencionar também a vida e obra de Padre António Vieira, um dos cânones da época barroca.

De um modo geral, considero que a aula da Inês foi bastante positiva, uma vez que os alunos estiveram durante toda a aula muito motivados, não só pelas actividades desenvolvidas como também pelo entusiasmo que a Inês lhes transmitiu. Durante todas as actividades a Inês demonstrou segurança nos conteúdos que estava a leccionar.

No que diz respeito a aspectos positivos e menos positivos, penso que quase toda a aula pode ser considerada positiva, uma vez que o único aspecto menos positivo que verifiquei teve a ver com as duas últimas actividades. Durante a discussão do título do

vídeo, *Missão*, a Inês não deu tempo aos alunos para que estes reflectissem sobre o mesmo e passou logo para a projecção do vídeo. Esta opção talvez se deva ao facto da Inês ter-se apercebido que a aula estava quase a acabar e quis passar um excerto do filme. De qualquer das formas, considero que não é grave a Inês não ter cumprido o plano de aula, pois acho que a aula acabou bem com a visualização do excerto do vídeo. O facto de a planificação não ter sido cumprida não implica que os alunos não tenham assimilado os conteúdos.

No que se refere à postura, a Inês preocupou-se sempre em esclarecer os alunos nas dúvidas que foram surgindo.

Para finalizar, acho que a aula apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam muito bem elaborados, principalmente o vídeo do Padre António Vieira.

▪ **Reflexão: aula de Português de 30 de Novembro de 2009.**

O objectivo desta aula era analisar criticamente o capítulo IV do *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira, fazendo sempre referência aos capítulos anteriormente estudados e à estrutura do sermão.

De um modo geral, considero que a aula da Inês foi positiva uma vez que os alunos assimilaram os conteúdos leccionados. Isso verificou-se através da actividade 9 de análise dos excertos do capítulo IV do sermão, em que os alunos dão contributos bastante assertivos. Considero que o momento mais bem sucedido da aula da Inês foi a actividade da música. Apesar de a Inês não ter posto a música completa do *youtube* numa primeira audição e o som da mesma não ser muito bom, foi uma actividade bem conseguida porque os alunos no pré e pós-actividade da música contribuíram com comentários bastante bons. É de salientar que a Inês dirige muito bem a participação dos alunos e aproveita muito bem as opiniões dos mesmos. O facto de a actividade ter corrido bem deve-se muito aos alunos, uma vez que os seus contributos eram importantes para o desenrolar da actividade. O momento menos bem conseguido teve a ver com a primeira actividade, em que a Inês perdeu-se um pouco na explicação do termo ‘alegoria’.

O plano de aula não foi cumprido, pois a aula acabou a meio da actividade 9. Penso que a Inês deveria ter orientado melhor o tempo para cada actividade. De qualquer das formas, não considero que tenha sido muito grave, pois é normal este tipo de situações acontecer quando não se conhece muito bem a turma.

No que se refere à postura da Inês, penso que, durante a realização dos exercícios, percorreu sempre a sala e mostrou-se sempre disponível para auxiliar os alunos nas actividades.

Para finalizar, acho que a aula apresentava uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem construídos.

▪ **Reflexão: aulas de Português de 12/14 de Janeiro de 2010.**

O objectivo desta sequência era que os alunos, através de trabalhos de pesquisa, abordassem questões relacionadas com Almeida Garrett, nomeadamente vida, obra (*Frei Luís de Sousa*) e contextualização histórico-social em que viveu o autor. Este trabalho serviu de introdução ao estudo da referida obra, que será analisada em aulas posteriores. Penso que é importante que os alunos percebam que para uma análise mais detalhada de uma obra literária é necessário conhecer um pouco do autor e da época em que o mesmo viveu.

De um modo geral, considero que as aulas leccionadas pela Inês foram bem sucedidas, uma vez que os alunos assimilaram aquilo que estava previsto. Isto verificou-se nas apresentações orais feitas pelos mesmos na segunda aula da sequência, em que alguns dos alunos apresentaram esquemas e, ainda, deram a sua opinião sobre temas relacionados com a época do autor e da obra, o que denota que apreenderam os conteúdos. No que diz respeito à primeira aula, aula de pesquisa, a Inês auxiliou sempre os alunos e esclareceu as dúvidas que foram surgindo ao longo do trabalho. Notou-se que houve algumas dúvidas dos alunos em relação às respostas que deveriam dar em algumas questões apresentadas nos guiões, pois havia perguntas muito abrangentes. De qualquer das formas, considero que esse factor não contribui em nada para que a aula não funcionasse bem, uma vez que, como já foi referido, a Inês esclareceu sempre os alunos em dúvidas que foram surgindo. Ainda no que se refere às questões dos guiões, penso que o objectivo das mesmas era que os alunos trabalhassem a capacidade de síntese e selecção de informação e acho que o trabalho dos alunos foi bastante bem conseguido pelos motivos apresentados anteriormente relacionados com as apresentações orais. Quanto à segunda aula da sequência, verificou-se que a Inês desenvolveu um trabalho prévio bastante bom, uma vez que no final de cada apresentação oral a mesma acrescentou sempre informações pertinentes em relação aos temas apresentados. Houve uma situação de hesitação durante uma apresentação oral de

um aluno, mas penso que isso não contribuiu em nada para o sucesso ou insucesso da segunda aula.

Para finalizar, acho que as aulas apresentaram uma sequência lógica e coerente, contudo a tarefa final apresentada pela Inês na planificação era de produção oral e durante o decorrer da aula verificou-se que a tarefa final aplicada foi de produção escrita.

Anexo I2 - Reflexões das aulas de Português da Carina.

▪ Reflexão: aula de Português da Carina, 25 de Maio de 2009.

Em primeiro lugar, tendo em conta o excesso de actividades do plano de aula e a pouca participação dos alunos, considero que a aula da Carina correu bem. Depois, no que diz respeito à postura da Carina na aula, acho que foi bastante positiva, pois preocupou-se sempre se os alunos entendiam aquilo que estava a ser dito e explicado. Mesmo durante a realização da ficha de trabalho e o preenchimento do mapa conceptual, a Carina mostrou-se sempre disponível para esclarecer qualquer dúvida exposta pelos alunos.

No que se refere à sequência de actividades, acho que se a Carina tivesse realizado primeiro a ficha de trabalho, antes de abordar a questão da moral do conto, teria sido mais fácil para os alunos deduzi-la e entendê-la, uma vez que a ficha de trabalho era um instrumento fundamental não só para perceber a moral do conto como também para entender outras questões importantes.

Ainda em relação às actividades, mais concretamente a actividade final descrita no plano de aula, penso que a Carina deveria ter dado mais tempo para o preenchimento do mapa conceptual e deveria ter entregado a correcção para que os alunos confrontassem as suas respostas em casa. É de salientar que tudo isto deve ao facto de haver excesso de actividades. Daí o meu comentário no início da reflexão acerca da aula.

Por último, quanto ao tempo destinado para cada actividade, acho que o tempo proposto para a realização e correcção da ficha de trabalho foi demasiado, pois estas actividades foram realizadas em 25 minutos e estavam propostos 35 minutos. Isto deveu-se ao facto de a turma realizar rapidamente as tarefas propostas, apesar de não ser muito participativa.

▪ **Reflexão: aula de Português de 05 de Novembro de 2009.**

O objectivo da aula da Carina era introduzir a temática do Barroco, mais concretamente abordar as principais características da corrente e mencionar também a vida e obra de Padre António Vieira, um dos cânones da época barroca.

De um modo geral, considero que a aula da Carina foi bastante positiva, uma vez que os alunos aderiram muito bem às actividades e participaram activamente nas mesmas.

No que diz respeito a aspectos positivos e negativos, acho que o aspecto mais bem conseguido teve a ver com a motivação que a Carina transmitiu aos alunos para participarem nas actividades. Houve alguns momentos de hesitação dos alunos, na primeira actividade, mas a Carina conseguiu que eles dessem os seus contributos. Os aspectos menos bem conseguidos tiveram a ver com a actividade 6, em que a professora faz a sistematização das características do Barroco, através de um diapositivo em *powerpoint*, e não pede aos alunos para passarem para o caderno a informação transmitida. Outro dos aspectos menos bem conseguidos teve a ver com a exploração da ficha de compreensão do documentário. Acho que a Carina devia ter explorado mais a ficha, pois essa falta de exploração verificou-se no final da aula, em que a Carina tinha terminado o que estava programado e teve de improvisar duas actividades. De qualquer das formas, as duas actividades foram bem conseguidas e os alunos participaram.

No que se refere à postura na sala de aula, a Carina preocupou-se sempre em esclarecer os alunos nas dúvidas que foram surgindo.

Para finalizar, acho que a aula apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados.

▪ **Reflexão: aula de Português de 23 de Novembro de 2009.**

O objectivo desta aula era analisar criticamente o capítulo III do *Sermão de Santo António aos Peixes* de Padre António Vieira, fazendo sempre referência aos capítulos anteriormente estudados e à estrutura do sermão.

De um modo geral, considero que a aula da Carina correu bem mas teve alguns momentos menos bem conseguidos. Na actividade 3 da chuva de ideias, a Carina pediu aos alunos que dissessem palavras ou expressões relacionadas com o termo 'louvor'. O Pedro foi um dos alunos a dizer uma expressão adequada que poderia estar na chuva de ideias e a Carina mandou-o ao quadro escrever a frase e o aluno recusou-se. Considero

que, perante esta situação, a Carina reagiu bem. Contudo, se o aluno não queria ir ao aluno ela deveria ter escrito o que o aluno disse, pois acabou por não escrever o que este aluno disse nem os outros contributos que os alunos foram dando. Depois na actividade 4, penso que a explicação de Tobias não foi muito esclarecedora, uma vez que houve alunos que ficaram sem perceber se Tobias era um peixe ou uma pessoa. Ainda na actividade 4, segundo excerto, também houve alguns problemas com a identificação dos recursos estilísticos. Penso que a Carina deveria ter explicado os recursos estilísticos para que os alunos os identificassem no excerto. E também, em vez de dizer directamente onde estavam os recursos, poderia ter delimitado três ou quatro linhas do excerto onde estive esse recurso estilístico para que o aluno tentasse identificar. Considero que desta forma ajuda os alunos a pensar, pois estes, na maior parte das vezes, não querem pensar/reflectir e estão a espera que o professor dê logo as respostas.

A última actividade não foi realizada, mas também não interferiu no sucesso ou insucesso da aula.

No que se refere à postura da Carina, penso que tentou sempre auxiliar os alunos nas dúvidas que tinham.

Para finalizar, penso que a aula apresentava uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem construídos.

▪ **Reflexão: aulas de Português de 18/21 de Janeiro de 2010.**

As aulas da Carina tinham como objectivos principais a análise crítica dos actos I e II da obra *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett e, como tarefa final da sequência, a elaboração de uma sinopse dos actos da referida obra.

De um modo geral, considero que as aulas da Carina foram positivas uma vez que os alunos aprenderam aquilo que estava previsto, ou seja, a partir de uma leitura orientada conseguiram analisar os dois primeiros actos da obra mencionada no parágrafo anterior. Será importante referir que este tipo de aulas dadas pela Carina depende muito do trabalho e da participação dos alunos. Na primeira aula, os alunos não participaram muito e isto fez com que a aula se centrasse mais no professor do que nos alunos, que não é o que se pretende. Visto ser uma aula de análise de uma obra literária, supunha-se que os alunos já a tivessem lido. Se não houve uma leitura preliminar por parte dos alunos torna-se muito difícil analisar uma obra que não se conhece. Foi isto que se verificou na primeira aula dada pela Carina. Contudo, penso que este factor não interferiu no decorrer da aula. Também acho que a Carina realizou um trabalho prévio

muito bom e isso verificou-se durante análise da obra em que uma aluna questionou sobre uma determinada situação da obra – aflição de D. madalena em salvar o quadro – e a Carina conseguiu esclarecer a dúvida da aluna sem hesitações. No entanto, no que se refere a questões relacionadas com o funcionamento da língua, penso que a Carina demonstrou alguma insegurança na explicação dos recursos estilísticos na ficha de comentário de excertos do acto I – anexo 2a, excerto 1, pergunta 3. Fiquei com a percepção de que os alunos não perceberam de que modo os recursos estilísticos reflectiam o estado de espírito de D. Madalena.

No que se refere à segunda aula, se na primeira aula a Carina demonstrava segurança na apresentação dos conteúdos e conhecimento da obra literária, nesta aula verificou-se muito mais essa segurança e à-vontade, pois, quer na ficha de verdadeiro/falso sobre a caracterização das personagens (anexo 5a) quer na ficha de comentário de excertos do acto II (anexo 6), a Carina não demonstrou hesitações nas informações que estava a transmitir. Inclusive, na ficha de verdadeiro/falso quando os alunos tinham dúvidas, a Carina remeteu sempre a justificação das afirmações para a obra. Será importante referir que o sucesso desta segunda aula deve-se também ao facto dos alunos estarem mais participativos.

No que se refere à sua postura na sala de aula, considero que a mesma preocupou-se em saber se os alunos entendiam as informações que estavam a ser transmitidas e durante a elaboração dos exercícios percorreu sempre a sala e esclareceu as dúvidas dos alunos.

Para finalizar, penso que as aulas apresentaram uma sequência lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados.

Anexos J – Reflexões sobre as aulas de Espanhol dos colegas do núcleo de estágio.

Anexo J1 - Reflexões das aulas de Espanhol da Inês.

▪ Reflexão: aula de Espanhol de 20 de Novembro de 2009 - Inês.

O objectivo desta aula era que os alunos relembassem o vocabulário estudado na aula anterior sobre os alimentos e respectivas lojas que os vendiam e aprendessem léxico relacionado com medidas e quantidades dos produtos alimentares. No final da aula, pretendia-se que os alunos elaborassem uma lista de compras a partir de um folheto de supermercado.

De um modo geral, considero que a aula da Inês foi bem sucedida, uma vez que os alunos cumpriram os objectivos propostos e participaram activamente nas actividades. Isso verificou-se através do empenho e motivação que os alunos tiveram não só nas actividades desenvolvidas ao longo da aula como também na tarefa final.

Relativamente a aspectos positivos e negativos da aula, considero que o momento mais positivo desta aula esteve relacionado com a primeira actividade, discussão de ideias sobre as vantagens e desvantagens de ir às compras ao mercado, ao hipermercado ou fazer compras através da internet, pois os alunos participaram activamente e fizeram intervenções muito assertivas. Também nesta actividade, a Inês dirige muito bem as intervenções dos alunos. Quanto aos aspectos negativos, não considero que tenha havido nada que se possa destacar. A Inês não realizou a pós-actividade da actividade três mas não acho que seja um aspecto negativo, uma vez que não interferiu no encadeamento das actividades.

No que diz respeito ao modo como a Inês dirigiu as actividades da sua planificação, considero positivo.

No que se refere à postura na sala de aula, a Inês preocupou-se sempre em esclarecer os alunos nas dúvidas que foram surgindo. Durante as várias actividades, ela percorreu sempre a sala de aula para certificar-se de que os alunos estavam a realizar os trabalhos sem dificuldades e incentivando-os sempre a falar espanhol.

Para finalizar, acho que a aula apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados.

▪ **Reflexão: aula de Espanhol de 04 de Dezembro de 2009 - Inês.**

O objectivo desta aula era que os alunos adquirissem vocabulário relacionado com o café e restaurante e aprendessem expressões que se utilizam nesses lugares. Esperava-se que no final desta aula os alunos fossem capazes de comunicar em espanhol em situações reais do quotidiano, nomeadamente num café ou restaurante.

De um modo geral, penso que a aula da Inês foi bem sucedida, uma vez que os alunos aprenderam aquilo que estava previsto. Isso verificou-se através da tarefa final em que eles aplicaram tudo o que tinham aprendido ao longo da aula.

Relativamente a aspectos positivos e negativos, considero que toda a aula foi positiva uma vez que os alunos demonstraram interesse, participaram e se empenharam nas actividades propostas. No entanto, a última actividade, dramatização dos diálogos, foi a única onde isso não se verificou adesão por parte dos alunos pois tinham vergonha de representar os diálogos. Considero que a Inês deveria ter dar mais tempo aos alunos para prepararem a actividade, para que estes também se sentissem mais à-vontade.

No que diz respeito ao modo como a Inês dirigiu as actividades da sua planificação, considero que foi positivo. Mesmo na última actividade, em que houve pouca adesão por parte dos alunos, ela tentou sempre incentivar os alunos. Quanto à postura, preocupou-se sempre em esclarecer os alunos nas dúvidas que foram surgindo ao longo das actividades.

Para finalizar, acho que a aula apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados.

▪ **Reflexão: aula de Espanhol de 27 de Janeiro de 2010 - Inês.**

O objectivo desta aula era que os alunos aprendessem o sentido de algumas expressões idiomáticas relacionadas com moda (roupa e acessórios) e que elaborassem um catálogo de moda a partir de exemplos.

De um modo geral, considero que a aula da Inês foi bem sucedida, uma vez que os alunos cumpriram os objectivos propostos e participaram activamente nas actividades. Isso verificou-se através do empenho e motivação que os alunos tiveram não só nas actividades desenvolvidas ao longo da aula como também na tarefa final.

Relativamente a aspectos positivos e negativos da aula, considero que o aspecto mais bem sucedido desta aula foi a segunda actividade, reelaboração da banda desenhada de Maitena. Acho que a actividade foi muito bem elaborada e os alunos demonstraram ser criativos e originais na elaboração dos textos.

Quanto aos aspectos negativos, penso que a actividade dois das expressões idiomáticas (*cf. anexo 2*) não foi bem conseguida, pois considero desadequada ao nível de língua dos alunos. Neste exercício verificou-se que os eles tiveram dificuldades em perceber o sentido transmitido pelas expressões idiomáticas.

No que diz respeito ao modo como a Inês dirigiu as actividades da sua planificação, acho que o facto de não ter realizado a pré-actividade da actividade 4 e a actividade 5 não interferiu no sucesso ou insucesso da aula.

No que se refere à postura na sala de aula, a Inês preocupou-se sempre em esclarecer os alunos nas dúvidas que foram surgindo. Durante as várias actividades, ela percorreu sempre a sala de aula para certificar-se de que os alunos estavam a realizar os trabalhos sem dificuldades.

Para finalizar, acho que a aula apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados, à excepção do anexo 2, como já foi referido anteriormente.

Anexo J2 - Reflexões das aulas de Espanhol da Carina.

▪ Reflexão: aula de Espanhol de 13 de Novembro de 2009 - Carina.

O objectivo desta aula era que os alunos trabalhassem o léxico relacionado com os *alimentos*, nomeadamente aprender os nomes dos alimentos em espanhol, relacionando-os com imagens, e ainda saber distribuí-los pelas diferentes partes que constituem a pirâmide alimentar. No final da sequência de actividades, espera-se que os alunos sejam capazes de construir adivinhas sobre os alimentos.

De um modo geral, penso que a aula da Carina foi bem sucedida, uma vez que os alunos aprenderam o que estava previsto. Como exemplo disso tivemos as adivinhas que os alunos construíram na actividade 4.

Relativamente a aspectos positivos e negativos da aula, considero que o aspecto mais positivo desta aula teve a ver com a actividade em que os alunos construíram adivinhas sobre alimentos que se encontravam numa pirâmide alimentar. Um exemplo que ilustra muito bem a minha afirmação é o seguinte: “*Tiene corona y no es rey, tiene escama y no es pez y es amarillo pero no es el sol. ¿Qué es? - La piña*”. No que se refere aos aspectos negativos, penso que a pré-actividade da actividade 1 não foi bem conseguida, uma vez que os alunos já sabiam o que iam fazer através do sumário. Uma das estratégias que poderia ser utilizada era escrever o sumário no final da aula. Ainda

em relação aos aspectos negativos, considero que a última actividade, realização do concurso de adivinhas, também não foi bem conseguida pois houve alguns problemas com a participação e distribuição dos pontos. A Carina poderia ter posto no quadro o nome dos grupos e registar ela os pontos, pois, assim seria fácil detectar o grupo vencedor. Em relação à participação dos alunos nesta actividade, em vez de levantarem o braço para responder, os grupos deveriam escrever as respostas num papel e mostrar ao mesmo tempo à Carina.

No que diz respeito ao modo como a Carina dirigiu as actividades da sua planificação, à excepção do que foi referido no parágrafo anterior, considero que foi positivo. Quanto à postura, demonstrou à-vontade com os alunos e disponibilizou-se sempre para esclarecer os alunos nas dúvidas que foram surgindo.

Para finalizar, acho que a aula apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados.

▪ **Reflexão: aula de Espanhol de 27 de Novembro de 2009 - Carina.**

O objectivo desta aula era que os alunos trabalhassem a cultura espanhola, nomeadamente os *Mercados*. Do ponto de vista comunicativo, esperava-se que os mesmos fossem capazes de reconhecer e empregar expressões relacionadas com as compras nos mercados (pedir um produto num mercado, perguntar sobre a qualidade de um produto, perguntar o preço, perguntar o que deseja ou se deseja mais alguma coisa...). No final desta aula, os alunos deveriam ser capazes de falar dos mercados espanhóis e compará-los com os mercados portugueses.

De um modo geral, apesar de a tarefa não ter sido cumprida, penso que a aula da Carina foi bem sucedida. Através da observação naturalista, pude verificar que os alunos estavam a realizar a tarefa final sem dificuldades.

Relativamente a aspectos positivos e negativos da aula, considero que o aspecto mais positivo desta aula teve a ver com a primeira actividade, em que se verificou que os alunos tinham entendido muito bem o texto pois contribuíram com opiniões muito pertinentes sobre o tema abordado. Ainda nesta actividade, os mesmos deram títulos muito originais ao texto, como por exemplo, “*cada país un mercado*”. Ainda no que se refere a aspectos positivos, acho que a última actividade estava muito bem elaborada, nomeadamente o exemplo apresentado para que os alunos soubessem qual deveria ser o produto final da actividade. Quanto aos aspectos negativos, penso que a Carina não distribuiu bem o tempo pelas actividades e isso verificou-se na tarefa final, em que os

alunos não a acabaram nem a apresentaram. Se a Carina tivesse optado por outro método de correcção da actividade 3, uma apresentação *powerpoint* por exemplo, provavelmente o tempo dispensado para a correcção seria menor e, deste modo, os alunos teriam tido mais tempo para a elaboração da tarefa final.

No que diz respeito ao modo como a Carina dirigiu as actividades da sua planificação, à excepção do que foi referido no parágrafo anterior, considero que foi positivo. Quanto à postura, preocupou-se sempre em esclarecer os alunos nas dúvidas que foram surgindo.

Para finalizar, acho que a aula apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados.

▪ **Reflexão: aula de Espanhol de 20 de Janeiro de 2010 - Carina.**

O objectivo desta aula era que os alunos aprendessem a falar da roupa em espanhol e fossem capazes de sugerir o vestuário ideal para usar numa situação determinada.

De um modo geral, considero que a aula da Carina foi bem sucedida, uma vez que os alunos aprenderam aquilo que estava previsto. Isso verificou-se através da tarefa final, em que eles aplicaram todos os conteúdos que aprenderam ao longo da aula.

Relativamente a aspectos positivos e negativos da aula, considero que o aspecto mais bem sucedido desta aula foi a última actividade, correspondente à tarefa final. Acho que a actividade estava muito bem elaborada, nomeadamente o exemplo apresentado para que os alunos soubessem o que se pedia. Quanto aos aspectos negativos, penso que a Carina não dirigiu bem as perguntas relacionadas com o vídeo da actividade 1 e centrou-se sempre no mesmo aluno para responder às questões.

No que diz respeito ao modo como a Carina dirigiu as actividades da sua planificação foi bastante positivo. Penso que a decisão que ela tomou de eliminar a actividade 5, ao verificar que não tinha tempo, foi a mais acertada, uma vez que a mesma não interferiu na realização da tarefa final.

No que se refere à postura na sala de aula, a Carina preocupou-se sempre em esclarecer os alunos nas dúvidas que foram surgindo. Inclusive na tarefa final, quando verificou que os alunos não tinham percebido que era para escolher uma das situações, ela preocupou-se em explicar mais uma vez a actividade e distribuiu as situações pelos grupos para que não houvesse situações repetidas.

Para finalizar, acho que a aula apresentou uma estrutura lógica e coerente e os materiais estavam bem elaborados.

Anexo K1 - Reflexão *pré-acção* sobre a sequência de aprendizagem de Português do 3º ciclo.

Nesta sequência de aprendizagem pretende-se que os alunos realizem como tarefa final a construção de um diálogo seguindo a estrutura da obra *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, para posterior dramatização. A tarefa é relevante para os alunos, uma vez que os mesmos vão abordar nos seus textos temas relacionados com o quotidiano. O objectivo desta sequência de aprendizagem é que o aluno aprenda a reflectir e a argumentar sobre os assuntos do dia-a-dia.

A primeira aula iniciará com uma apresentação em *powerpoint* sobre a vida e obra de Gil Vicente. O objectivo desta actividade é, para além de introduzir o texto dramático, dar a conhecer aos alunos o autor que vão estudar e que se destacou na dramaturgia portuguesa. Seguidamente, os alunos realizarão uma ficha de compreensão sobre o conteúdo apresentado no *powerpoint*. A intenção desta actividade é que os alunos fiquem com um suporte escrito sobre as informações apresentadas na primeira actividade, pois ela resume praticamente todas as questões abordadas. Posteriormente, corrige-se a ficha de compreensão e depois será feita uma actividade com palavras cruzadas a partir do título da obra de Gil Vicente: *Auto da Barca do Inferno*. O objectivo desta actividade é que os alunos contactem com aspectos constantes na obra de forma lúdica. Depois de corrigidas as palavras cruzadas, os alunos deverão repartir as várias palavras pelas três colunas que obedecem a determinados temas: personagens, espaço (lugares) e símbolos que caracterizam as personagens. Nesta actividade, os alunos poderão fazer alguma confusão entre as personagens e os símbolos. Por isso, optei por fornecer-lhes um excerto de um texto de Paul Teyssier, retirado do manual de *Língua Portuguesa 9*, p.23, onde as personagens e os símbolos distinguem-se claramente. A aula finaliza com a correcção deste exercício.

A segunda aula da sequência de aprendizagem começará com a visualização da primeira parte de um vídeo do *youtube* sobre a obra de Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*, em que os alunos terão de retirar as ideias principais do excerto. Posteriormente, realizar-se-á uma discussão sobre os aspectos a destacar. Este vídeo para além de servir de introdução à aula servirá também de resumo de alguns temas abordados na aula anterior. Depois, os alunos visualizarão a segunda parte do vídeo onde terão de identificar as personagens que aparecem. O objectivo da visualização da segunda parte do vídeo deve-se ao facto de este acabar na cena que os alunos vão analisar em aula (cena IV - *Joane, o parvo*). Será distribuída a referida cena em suporte escrito e os alunos farão uma leitura silenciosa. Depois, ser-lhes-á fornecido um questionário. Depois de corrigido o exercício, será pedido aos alunos que construam um diálogo com a mesma estrutura do texto que acabaram de analisar, tendo em conta alguns tópicos: inventar uma figura, que deverá representar uma classe social; a personagem deve ter símbolos que a caracterizem; no diálogo devem constar acusações feitas pelo Anjo e pelo Diabo; e no final a personagem deverá ser condenada ou absolvida. Para concluir esta actividade, os alunos preencherão uma ficha de auto-avaliação. Os textos serão levados, corrigidos e avaliados por mim, através de uma grelha de avaliação de produção escrita, e entregues na aula a seguir para que os alunos possam dramatizar as suas peças.

Anexo K2 - Planificação de uma sequência para o 3º ciclo sobre o *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente.

Professores: Carlos Mangas

Número de sessões previstas: 4 x 45m

Destinatários: 9º ano

TAREFA: CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO SEGUINDO A ESTRUTURA DA OBRA *AUTO DA BARCA DO INFERNO* DE GIL VICENTE PARA POSTERIOR DRAMATIZAÇÃO.

Competências	Objectivos	Conteúdos	Actividades	Padrões de Interacção	Materiais / Recursos	Avaliação
CE Compreensão Escrita	<p>- Contextualizar a obra para aprofundamento da sua interpretação, sobre aspectos relativos a biografia do autor, história e sociedade</p> <p>- Apreender criticamente o significado e a intencionalidade de mensagens em discurso variados.</p> <p>- Fazer inferências a partir de dados textuais.</p>	Gil Vicente: vida e obra.	<p>1) Tomada de notas a partir de uma apresentação em <i>powerpoint</i> sobre a vida e obra de Gil Vicente.</p> <p>2) Realização de uma ficha de compreensão sobre o conteúdo apresentado no <i>powerpoint</i>.</p> <p>3) Correção da ficha.</p> <p>4) Realização de palavras cruzadas a partir do título da obra a estudar: <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.</p> <p>5) Correção das palavras cruzadas.</p> <p>6) Divisão das palavras obtidas</p>	<p>GT</p> <p>Individual</p> <p>GT</p> <p>TP</p> <p>GT</p>	<p>Computador</p> <p>Videoprojector</p> <p>Apresentação powerpoint</p> <p>Questionário de escolha múltipla</p> <p>Fichas</p> <p>Vídeo do youtube http://www.youtube.com/watch?v=RKuqNsmFFmo.</p>	Grelha de avaliação da Expressão Escrita

EO Expressão Oral	<ul style="list-style-type: none"> - Ler peças ou extratos de peças seleccionadas. - Dramatizar pequenas peças de teatro, próprias ou de outros autores. - Descobrir, através dos vários processos de caracterização, o retrato físico e psicológico das personagens. 	<p><u>Tipos de texto</u> Texto Dramático</p> <p><u>Leitura</u> <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente (cap. IV - Joane, o Parvo).</p>	na actividade anterior num quadro temático.	TP	Excerto da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente (Cena IV - Joane, o Parvo).
	7) Visualização da 1ª parte de um vídeo do youtube sobre a obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.		GT		
	9) Identificação de algumas personagens da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente através da visualização da 2ª parte de um vídeo do youtube.		GT		
	11) Leitura silenciosa da "cena IV - Joane, o Parvo", da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.		GT		
	12) Realização de um questionário sobre "cena IV - Joane, o Parvo", da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.		TP		
	13) Correção do questionário.		GT		
- produzir discursos variados tendo em conta a situação concreta e os participantes.		8) Discussão com os alunos sobre os aspectos a destacar do vídeo.	GT		

<p style="text-align: center;">EE Expressão Escrita</p>	<p>- intervir oportuna e eficazmente.</p>	<p>Fases da produção escrita</p>	<p>10) Breve diálogo com os alunos sobre as personagens existentes no excerto.</p>	<p>GT</p>	<p>Ficha de auto-avaliação do trabalho de grupo produzido pelos alunos.</p>
	<p>- escrever textos dramáticos a partir da leitura de um texto literário.</p>		<p>14) Planificação de um diálogo seguindo a estrutura da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.</p>	<p>TG (3)</p>	
			<p>15) Textualização dos diálogos.</p>	<p>TG (3)</p>	
			<p>16) Revisão dos diálogos através de uma ficha de auto-avaliação de grupo.</p>	<p>TG (3)</p>	

Anexo K3.1 - Roteiro de aula sobre o *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente.

- **Turma:** 9º
- **Número de alunos:** 20
- **Sessões previstas:** 2 x 45 m

ACTIVIDA DE	DURACÃO	PROCEDIMENTO
0.	10 minutos	O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.
1.	10 minutos	<u>Tomada de notas a partir de uma apresentação em <i>powerpoint</i> sobre a vida e obra de Gil Vicente.</u> Depois de escreverem o sumário, o professor projectará no quadro uma apresentação sobre a vida e obra de Gil Vicente, em <i>powerpoint</i> , para iniciar a sequência do Texto Dramático. Será pedido aos alunos que tomem atenção às informações apresentadas no <i>powerpoint</i> , uma vez que a actividade seguinte será uma ficha de compreensão daquilo que foi apresentado (<i>cf. Anexo 1</i>).
2.	15 minutos	<u>Realização de uma ficha de compreensão sobre o conteúdo apresentado no <i>powerpoint</i>.</u> Após a apresentação, o professor distribuirá uma ficha de escolha múltipla com questões sobre a vida e obra de Gil Vicente, conteúdo apresentado na actividade anterior. Este trabalho é individual.
3.	10 minutos	<u>Correcção oral da ficha de compreensão sobre o conteúdo apresentado no <i>powerpoint</i>.</u>
4.	30 minutos	<u>Realização de palavras cruzadas a partir do título da obra a estudar: <i>Auto da Barca do Inferno</i>.</u> Depois da realização da ficha de compreensão sobre a vida e obra de Gil Vicente, será distribuída aos alunos uma ficha com um quadro de palavras cruzadas feitas a partir do título <i>Auto da Barca do Inferno</i> (<i>cf. Anexo 3, exercício 1</i>). Ser-lhes-á pedido que, a partir das definições apresentadas, escrevam as respectivas palavras relacionadas com a obra em questão. Nesta actividade os alunos vão trabalhar a pares.
5.	5 minutos	<u>Correcção oral das palavras cruzadas.</u>

6. 15 minutos

Seleção e associação das palavras obtidas na actividade anterior num quadro temático.

Depois de decifradas todas as palavras do exercício 3, o professor distribuirá um quadro aos alunos composto por três colunas: personagens, espaço (lugares) e símbolos que caracterizam as personagens (cf. Anexo 3, exercício 2). O que se pretende nesta actividade é que os alunos coloquem as palavras na coluna correcta. Na ficha vai haver também um excerto de um texto de Paul Teyssier retirado do manual *Língua Portuguesa 9*, p.23, que servirá de auxílio aos alunos para o caso de terem dúvidas. A intenção deste excerto é que os alunos não confundam as personagens com os símbolos trazidos pelas personagens. Esta actividade, tal como a anterior, também será feita a pares. O tempo estimado para esta actividade é de 10 minutos para a realização e 5 minutos para a correcção.

Anexo K3.2 - Roteiro de aula sobre o *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente.

- Turma: 9º
- Número de alunos: 20
- Sessões previstas: 2 x 45 m

ACTIVIDADE	DURACÃO	PROCEDIMENTO
0.	10 minutos	O professor efectua a chamada. Os alunos escrevem o sumário.
7.	4 minutos	<u>Visualização da primeira parte de um vídeo do youtube sobre a obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.</u> De forma a retomar o que foi falado na aula anterior, o professor passará os primeiros três minutos e doze segundos de um vídeo de youtube (cf. http://www.youtube.com/watch?v=RKuqNsmFFmo) sobre a obra de Gil Vicente que os alunos irão estudar. Será pedido aos alunos que registem no caderno as informações a destacar ao mesmo tempo que vão vendo o vídeo. Este trabalho será feito individualmente.

8.	5 minutos	<p><u>Discussão com os alunos sobre os aspectos a destacar do vídeo.</u></p> <p>Depois da visualização do vídeo, os alunos dirão oralmente quais os principais aspectos a destacar da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i>. Os aspectos que os alunos vão mencionando poderão ser escritos no quadro.</p>
9.	3 minutos	<p><u>Identificação de algumas personagens da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente a partir da segunda parte do vídeo do youtube.</u></p> <p>Após a discussão dos aspectos a destacar da primeira parte do vídeo, os alunos visualizarão a segunda parte do vídeo que introduz a obra que os alunos vão estudar (cf. http://www.youtube.com/watch?v=RKuqNsmFFmo). Depois da visualização o professor perguntará que personagens aparecem no excerto. Os alunos deverão dizer que é o Fidalgo (acompanhado do pajem), o Onzeneiro e o Joane (Parvo). É de salientar que os alunos já possuíam um conhecimento prévio da obra em questão, uma vez que tinham assistido a uma dramatização da mesma na escola.</p>
10.	5 minutos	<p><u>Breve diálogo com os alunos sobre as personagens existentes no excerto.</u></p>
11.	4 minutos	<p><u>Leitura silenciosa da “cena IV - Joane, o Parvo”, da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.</u></p> <p>Depois da identificação das personagens presentes no excerto do vídeo, o professor distribuirá a “cena IV - Joane, o Parvo”, da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente (cf. Anexo 5).</p>
12.	15 minutos	<p><u>Realização de um questionário sobre a “cena IV - Joane, o Parvo”, da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.</u></p> <p>A seguir à leitura expressiva, os alunos realizarão um questionário com perguntas sobre o excerto em questão (cf. Anexo 6). Este trabalho será individual.</p>
13.	4 minutos	<p><u>Correcção do questionário através de registo escrito no quadro.</u></p>
14.	40 minutos	<p><u>Construção de um diálogo seguindo a estrutura da obra <i>Auto da Barca do Inferno</i> de Gil Vicente.</u></p> <p>Os alunos deverão construir um diálogo a partir de tópicos dados pelo professor: deverão inventar uma figura, que deverá representar uma classe social; a personagem deve ter símbolos que a caracterizem; no diálogo devem constar acusações feitas pelo Anjo e pelo Diabo; e no final a personagem deverá ser condenada ou</p>

absolvida (cf. Anexo 7). Este trabalho será feito a pares. O tempo estimado para esta actividade é de 10 minutos para a planificação do texto, 20 minutos para a realização do texto (textualização) e 10 minutos para a revisão, em que os alunos auto-avaliarão os seus textos a partir de uma grelha (cf. Anexo 8). Depois, os textos serão levados, corrigidos e avaliados pelo professor, através de uma grelha de avaliação de produção escrita (cf. Anexo 9), para posterior dramatização na aula.

Anexo K4.1 - Apresentação *powerpoint* sobre a vida e obra de Gil Vicente.

Gil Vicente

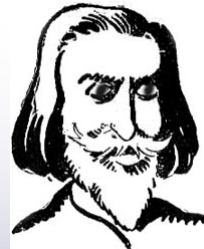


Escultura de Gil Vicente,
património do Teatro de D.
Maria II

Anexo 1

Vida

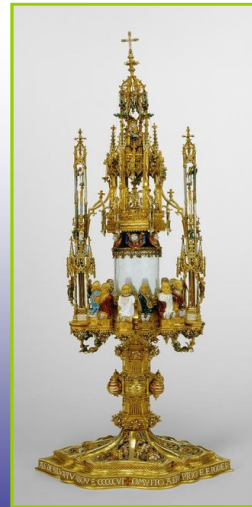
- Nasceu por volta de 1465;
- Primeiro dramaturgo português;
- Iniciou a sua carreira em 1502, ano da sua primeira obra.
- A sua última obra é de 1536;
- A sua carreira desenrola-se sob os reinados de D. Manuel I (1495-1521) e de D. João III (1521-1557) como personagem oficial da corte;
- Foi encarregado de organizar festas para a corte;
- Enquanto homem de teatro, parece ter também desempenhado as tarefas de músico, actor e encenador.



2

“Outro” Gil Vicente?

- Há quem diga que Gil Vicente foi ourives e também autor da célebre custódia de Belém.



3

Obra

- Caracteriza o Portugal anterior à Inquisição, pois termina em 1536, ano em esta foi introduzida no país;
- O teatro de Gil Vicente é um teatro de corte, subordinado às exigências e ao cerimonial da vida cortesã;
- Textos de cariz profano e religioso;
- Crítica à sociedade do seu tempo e aos seus vícios, utilizando uma linguagem muito própria e criando situações engraçadas – personagens-tipo;
- Géneros destacados: comédias, farsas e moralidades.

4

Algumas obras vicentinas:

- Monólogo *do Vaqueiro* (1502);
- *Auto da Índia* (1509);
- *Auto em pastoril castelhano* (1509);
- *Auto dos Reis Magos* (1510 – dia de Reis);
- *Auto da Fé* (1510 – Natal);
- *Farsa Quem tem farelos* (1515);
- *Auto da Barca do Inferno* (1517);
- *Auto da Purgatório* (1518 – Natal);
- *Auto da Barca da Glória* (1519);
- *Farsa de Inês Pereira* (1523);
- *Comédia Floresta de Enganos* (1536);



Anexo K4.2 - Ficha de compreensão escrita sobre a apresentação de Gil Vicente.

1. A partir da apresentação *powerpoint* apresentada, testa os teus conhecimentos sobre a vida e obra de Gil Vicente, seleccionando a opção mais adequada:

1. Gil Vicente viveu entre os séculos:

- A. XVI - XVII
- B. XV - XVI
- C. XII - XIII

2. A época vicentina situa-se na (o):

- A. Idade Média.
- B. Renascimento.
- C. Transição entre a Idade Média e o Renascimento.

3. A sociedade da época dividia-se em:

- A. Clero, Nobreza e Terceiro Estado.
- B. Burguesia, Nobreza e Povo.
- C. Clero e Terceiro Estado.

4. Antes de Gil Vicente, o Teatro:

- A. vivia em estado embrionário.
- B. não existia.
- C. tinha um carácter profano.

5. O autor foi considerado como:

- A. o primeiro dramaturgo português.
- B. o grande impulsionador do teatro português.
- C. o pioneiro do teatro medieval.

6. Gil Vicente ficou, também, conhecido por:

- A. Ourives.
- B. Sapateiro.
- C. Bombeiro.

7. Gil Vicente:

- A. não gozava de qualquer privilégio na corte.
- B. alcançou nas cortes uma situação de prestígio.
- C. usufruía dos privilégios da burguesia.

8. Gil Vicente era simultaneamente:

- A. dramaturgo e encenador.
- B. autor, músico, actor e até encenador das suas próprias peças.
- C. músico e actor.

9. O dramaturgo dividiu toda a sua obra em:

- A. tragédias e comédias.
- B. comédias, farsas e moralidades.
- C. tragicomédias e farsas.

10. O ano da representação do primeiro Auto de Gil Vicente foi em:

- A. 1502
- B. 1503
- C. 1504

11. A primeira e a última das suas obras foram:

- A. Auto da Feira e Auto da Cananeia.
- B. Farsa de Inês Pereira e Frágua de Amor.
- C. Monólogo do Vaqueiro e Floresta de Enganos.

12. Os textos vicentinos têm cariz:

- A. religioso.
- B. profano.
- C. religioso e profano.

13. Na denominação "Trilogia das Barcas", o *Auto da Barca do Inferno* foi:

- A. a primeira obra a ser realizada, seguida dos *Auto da Barca do Purgatório* e *Auto da Barca da Glória*.
- B. a terceira obra, após os *Auto da Barca da Glória* e *Auto da Barca do Purgatório*.
- C. a segunda obra após o *Auto da Barca da Glória* e antes do *Auto da Barca do Purgatório*.

14. O *Auto da Barca do Inferno* é considerado como um auto de moralidade por:

- A. interpretar dramas da época quinhentista.

B. representar preceitos morais, políticos e religiosos através da crítica de costumes, hábitos e vícios da sociedade.

C. apresentar personagens alegóricas da moral e dos bons costumes.

Solução:

1. B

2. C

3. A

4. A

5. B

6. A

7. B

8. B

9. B

10. A

11. C

12. C

13. A

14. B

Anexo K4.3 - Ficha de palavras cruzadas sobre o *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente.

1. Completa as palavras cruzadas, com vocabulário relacionado com a obra que irás estudar na próxima aula, a partir das definições apresentadas.

		¹ C			A							
				² J	U							
			³ B		T							
		⁴ A			O							
			⁵ F		D							
				⁶ P	A							
		⁷ D			B							
		⁸ S			A							
			⁹ P		R							
					¹⁰ C							
		¹¹ P			A							
			¹² B		D							
				¹³ M	O							
¹⁴ A					I							
	¹⁵ O				N							
					¹⁶ F							
	¹⁷ C				E							
¹⁸ P					R							
				¹⁹ I	N							
		²⁰ E			O							

DEFINIÇÕES:

1. Homens que montam a cavalo.
2. Que ou quem professa a religião judaica.
3. Barco fluvial, canoa.
4. Ser espiritual que se supõe habitar no céu.
5. Indivíduo que tem foros ou títulos de nobreza.
6. Moço que acompanhava o rei ou os nobres e lhes levava as armas quando iam para a guerra.
7. Génio do mal, espírito das trevas.
8. O que faz ou conserta calçado.
9. Tolo, pateta.
10. Símbolo da religião cristã.
11. Céu, morada dos bem-aventurados.
12. Macho da cabra.
13. Pessoa nova do sexo feminino.
14. A que anda com mexericos.
15. Aquele que empresta dinheiro com juro excessivo (11% - onzena); usurário.
16. Homem que se tornou membro de ordem religiosa.
17. Antigo magistrado com funções similares às do **actual** juiz de Direito.
18. Homem que trata de negócios de alguém, em virtude de procuração.
19. Lugar dos demónios.
20. Morto por enforcamento.

2. Coloca cada uma das palavras do exercício 1 nas respectivas colunas. Se tiveres dúvidas na repartição das palavras, lê o excerto que aparece por baixo do quadro.

Personagens	Espaço (lugares)	Símbolos que caracterizam as personagens

A “Barca do Inferno”

(...) A cena, efectivamente, representa a margem de um rio - o rio do “outro mundo” - com duas barcas prestes a partir: uma delas, conduzida por um anjo, leva ao Paraíso; a outra, conduzida por um diabo, leva ao Inferno. Uma série de personagens vão chegando à praia: são os mortos que acabam de deixar o mundo. Aparecem sucessivamente um Fidalgo acompanhado pelo seu Moço, que traz uma cadeira; um Onzeneiro (usurário) com uma grande bolsa; um Parvo; um Sapateiro carregado de formas; um Frade trazendo uma rapariga pela mão e armado com uma espada; uma Alcoviteira carregada com seiscentos virgos postiços e “três arcas de feitiços”; um Judeu com um bode às costas; um Corregedor com processos (“feitos”), logo seguido por um Procurador com livros; e a terminar, um homem que acaba de morrer enforcado e que vem com um barão ao pescoço. Todas estas personagens vão para o Inferno, com excepção do Parvo, que é salvo pela sua simplicidade de espírito e que fica na margem esperando a vez de ser admitido no Paraíso. Após este desfile de pecadores chegam quatro cavaleiros de Cristo que “morreram em poder dos mouros” e que são imediatamente acolhidos na barca da salvação. (...)

Teyssier, Paul. *Gil Vicente - O Autor e a obra (adaptado)*. In *Língua Portuguesa 9*. Porto: Constância. p. 23.

Anexo K4.3.1 - Correção da ficha de palavras cruzadas sobre o *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente.

Solução do exercício 1

		¹ C	A	V	A	L	E	I	R	O	S
				² J	U	D	E	U			
			³ B	A	T	E	L				
		⁴ A	N	J	O						
			⁵ F	I	D	A	L	G	O		
				⁶ P	A	J	E	M			
		⁷ D	I	A	B	O					
		⁸ S	A	P	A	T	E	I	R	O	
			⁹ P	A	R	V	O				
					¹⁰ C	R	U	Z			
		¹¹ P	A	R	A	I	S	O			
			¹² B	O	D	E					
				¹³ M	O	Ç	A				
¹⁴ A	L	C	O	V	I	T	E	I	R	A	
	¹⁵ O	N	Z	E	N	E	I	R	O		
					¹⁶ F	R	A	D	E		
	¹⁷ C	O	R	R	E	G	E	D	O	R	
¹⁸ P	R	O	C	U	R	A	D	O	R		
				¹⁹ I	N	F	E	R	N	O	
		²⁰ E	N	F	O	R	C	A	D	O	

Solução do exercício 2

Personagens	Espaço (lugares)	Símbolos que caracterizam as personagens
<ul style="list-style-type: none">- Cavaleiros- Judeu- Anjo- Fidalgo- Diabo- Sapateiro- Parvo- Alcoviteira- Onzeneiro- Frade- Corregedor- Procurador- Enforcado	<ul style="list-style-type: none">- Batel- Paraíso- Inferno	<ul style="list-style-type: none">- Pajem- Cruz- Bode- Moça

Anexo K4.4 - Auto da Barca do Inferno de Gil Vicente, cena IV - O Parvo, In Língua Portuguesa 9, pp. 34-35.



O Parvo

Conteúdos

- **Auto da Barca do Inferno:**
 - "O Parvo"
 - Comentário do texto.
 - Língua no texto.
 - Para além do texto.
 - "O Sapateiro"
 - Comentário do texto.
 - Língua no texto.
 - Para além do texto.
- **Análise literária:** O espaço (da representação)
Actividades.



"Para Onde Is?", A Comuna.

(Vem Joane, o Parvo, e diz ao Arrais do Inferno:)

Joane: Hou daquesta!

Diabo: Quem é?

Joane: Eu sô.

É esta naviarra⁽¹⁾ nossa?

Diabo: De quem?

Joane: Dos tolos.

Diabo: Vossa.

Entra!

Joane: De pulo ou de voo?

Hou! Pesar de meu avô⁽²⁾!

Soma⁽³⁾: vim adoecer
e fui má-hora a morrer,
e nela pera mi só.

Diabo: De que morreste?

Joane: De quê?

Samicas⁽⁴⁾ de caganeira.

Diabo: De quê?

Joane: De cagamerdeira,
má ravugem⁽⁵⁾ que te dê!

Diabo: Entra! Põe aqui o pé!

Joane: Houlá! Nom tombe o zambuco⁽⁶⁾!

Diabo: Entra, tolaço enuco⁽⁷⁾,
que se nos vai a maré!

- (1) Barçaça.
- (2) C'os diabos!
- (3) Em suma.
- (4) Talvez.
- (5) Sarna.
- (6) Pequena embarcação, nome depreciativo dado à barca.
- (7) Castrado.
- (8) Em má hora.
- (9) Piolho.
- (10) Adúltera.
- (11) Colocado.
- (12) Praga.
- (13) Tagarela.
- (14) Simplicidade.



"Auto da Barca do Inferno", Grupo de Teatro
Ópera Segundo S. Mateus.

Joane: Aguardai, aguardai, houlá!
E onde havemos nós d'ir ter?

Diabo: Ao porto de Lucifer.

Joane: Ha-a-a...

Diabo: Ó Inferno! Entra cá!

Joane: Ó Inferno! Eramá⁽⁸⁾!

Hiu! Hiu! Barca do cornudo.
Pero Vinagre, beijudo,
Rachador d'Alverca, huhá!
Sapateiro da Candosa,
Antrecosto do carrapato⁽⁹⁾,
Hiu! Hiu! Caga no sapato,
filho da grande aleivosa⁽¹⁰⁾!
Tua mulher é tinhosa
e há-de parir um sapo
chentado⁽¹¹⁾ no guardanapo!
Neto de cagarrinhosa!

Furta-cebola! Hiu! Hiu!
Escomungado nas erguejas!
Burrela, cornudo sejas!
Toma o pão que te caído! *caim*
A mulher que te fugio
per'a Ilha da Madeira!
Cornudo até mangueira,
torna o pão que te caíó!

Hiu! Hiu! Lanço-te ãa pulha⁽¹²⁾!
Dê-dê! Pica nàquela!
Hump! Hump! Caga na vela!
Hio, cabeça de grulha⁽¹³⁾!
Perna de cigarra velha,
caganita de coelha,
pelourinho da Pampulha!
Mija n'agulha, mija n'agulha!



"Auto da Barca do Inferno", Marionetas de Lisboa
(marionetas de José Carlos Barros).

(Chega o Parvo ao batel do Anjo, e diz:)

Joane: Hou da barca!

Anjo: Que queres?

Joane: Querês-me passar além?

Anjo: Quem és tu?

Joane: Samica alguém.

Anjo: Tu passarás, se quiseres;
porque em todos teus fazeres
per malícia não erraste.
Tua simpreza⁽¹⁴⁾ t'abaste
pera gozar dos prazeres.

Espera entanto per i;
veremos se vem alguém
merecedor de tal bem
que deva de entrar aqui.

Anexo K4.5 - Questionário sobre o *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, cena IV - O Parvo.

✓ *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente

Questionário sobre a cena IV - Joane o Parvo.

1. De que forma nos é apresentado o elemento cómico? Regista os exemplos mais significativos.

2. Esta personagem é muito particular. Como se apresenta ela aos dois barqueiros?

3. Caracteriza o Parvo.

4. Nesta cena é o Diabo o alvo das acusações. De que o acusa Joane?

5. O Anjo recebe prontamente o Parvo na sua Barca? Que razões são apresentadas para tal?

6. Traça o percurso cénico do Parvo.

7. Identifica o registo de língua usado por Joane.

In Língua Portuguesa 9, p. 36.

Sugestões de resposta:

1. O elemento cómico é-nos apresentado através das falas de Joane: “É esta a naviarra nossa” / “Dos tolos” / “De pulo ou de voo” / “Samicas de caganeira”...

2. Esta personagem apresenta-se como sendo “alguém” e não diz o seu nome.

3. O Parvo é a figura mais cómica da peça, alegre, divertida, inocente...

4. Joane acusa o Diabo de furto - “Sapateiro da Candosa / Antrecosto de carrapato”; cornudo - “A mulher que te fugiu / per’a Ilha da Madeira! / Cornudo até mangueira”; filho de adúltera - “filho da grande aleivosa”; e excomungado - “Escomungado nas igrejas!”.

5. Sim. O Anjo diz ao Parvo que pode entrar na barca do Paraíso se quiser, uma vez que tudo aquilo que ele fez em vida não foi com maldade nem para prejudicar ninguém.

6. Barca do Diabo - Barca do Anjo. (A maior parte das personagens tem um percurso diferente: Barca do Diabo - Barca do Anjo - Barca do Diabo.)

7. Calão (registo de língua que indica pouco ou nenhum cuidado linguístico, com formas marginais de expressão).

Anexo K4.7 - Ficha de auto-avaliação do trabalho de grupo produzido pelos alunos.

Ano/Turma: 9º

Elementos do Grupo: _____

Indicadores / Avaliação	Sim	Não
1. Respeitámos o tema.		
2. A figura que inventámos pertence a uma classe social.		
3. A figura traz consigo objectos que a caracterizam.		
4. O texto contém acusações feitas pelo Diabo.		
5. O texto contém acusações feitas pelo Anjo		
6. No texto produzido percebe-se se a figura é condenada ou salva.		
7. O texto está escrito de forma clara.		
8. Apresentámos os argumentos de forma objectiva.		
9. Obedecemos à estrutura adequada do texto dramático (uso das travessão, utilização das didascálias e identificação das personagens).		
10. Revelámos autonomia na execução da tarefa.		
11. Todos nós contribuímos para a elaboração do texto.		

Anexo L1 - Reflexão *pré-acção* sobre a sequência de aprendizagem de Espanhol do 3º ciclo.

Nestas aulas vai ser trabalhado o conteúdo do Programa do 3º ciclo de Espanhol intitulado *As Profissões*. Os alunos deverão ser capazes de falar das profissões e/ou ofícios, descrevendo o que fazem as pessoas e identificando os objectos que caracterizam essas profissões e/ou ofícios.

Esta sequência de aulas consiste numa abordagem introdutória ao tema das profissões. É importante que os alunos aprendam léxico sobre o tema para, posteriormente, poder aprofundar conhecimentos sobre o mesmo. Na próxima sequência, os alunos deverão saber interpretar anúncios de trabalho bem como saber opinar sobre experiências de trabalho fictícias.

Nesta aula as competências que vão ser trabalhadas são: compreensão escrita (*comprensión lectora*), nas actividades 1, 2 e 3; interacção oral, na actividade 4; compreensão oral, na actividade 5 e produção escrita (*expresión escrita*), na actividade 6.

Os objectivos de processo contemplam as competências que pretendo desenvolver. A escolha destas competências e objectivos deve-se ao facto de acreditar que os alunos aprendem mais através de jogos didácticos (jogo de memória, música,...).

Nesta sequência de aulas, os alunos irão fazer um jogo de memória, em que têm nomes de profissões e deverão associa-las aos respectivos lugares de trabalho. Depois, farão uma sopa de letras que servirá para rever algum léxico trabalhado na actividade anterior. Posteriormente, aproveitarão as profissões da sopa de letras e procurarão no dicionário dois ou três objectos que identifiquem essa profissão. Para finalizar a primeira aula da sequência, os alunos farão um jogo de mímica sobre as profissões aprendidas ao longo da aula.

Na segunda aula da sequência, os alunos farão um exercício de compreensão auditiva sobre os Ofícios, em que deverão completar a letra de uma música. Seguidamente, lerão um texto sobre uma profissão e farão os exercícios de compreensão de texto. Como tarefa final, os alunos deverão produzir um texto sobre uma profissão que mais gostem, justificando a sua opção. Depois da realização do texto, os alunos deverão auto-avaliar o trabalho produzido. **A intenção** é que os alunos desenvolvam as competências de escrita bem como a capacidade de se auto-avaliar. É de referir que as

actividades planificadas são exequíveis, considerando o contexto e o tempo que os alunos dispõem para as realizar.

Ao programar esta sequência também reflecti sobre como poderia evitar os “tempos mortos”. O único exercício onde se poderá verificar isso é na actividade 6 de compreensão de texto, pois há alunos que são mais rápidos que outros a realizar as actividades. Uma das hipóteses para combater estes ‘tempos mortos’ será pedir aos alunos que confirmem as suas respostas de verdadeiro/falso e perguntas de interpretação com as dos colegas.

A preparação do conjunto de actividades foi pensada a partir da tarefa. A estratégia foi tentar desenvolver um conjunto de actividades que levassem à tarefa final, como sugere a metodologia por tarefas.

Na sequência programada, o professor ao longo das várias actividades desempenhará vários papéis: orientador, moderador e avaliador.

No que diz respeito aos padrões e interacção, vão ser implementados nesta sequência o grupo turma, trabalho de pares e trabalho individual. Acredito que uma aula deve ter vários padrões de interacção para que o aluno aprenda. Uma aula não deve centrar-se num só padrão de interacção.

Relativamente à gestão do tempo e das actividades planificadas, se verificar durante a sequência de aprendizagem que não vou conseguir chegar à tarefa final poderei anular uma actividade, tentando manter sempre a sequenciação lógica e coerente da planificação. Acredito que, independentemente das decisões que tome, o importante é que os alunos aprendam.

Para finalizar, no que concerne aos trabalhos produzidos pelos alunos, haverá uma primeira avaliação por parte dos alunos, auto-avaliação. Posteriormente, serão recolhidos e corrigidos pelo professor e avaliados através da grelha de avaliação de produção escrita.

Considero que é necessário que o aluno auto-avalie o seu trabalho, mas mais importante ainda é que o professor corrija os trabalhos e dê *feedback* aos mesmos. Acredito que este processo faz com que o aluno aprenda e evolua nas suas aprendizagens.

Anexo L2 - Planificação de uma sequência para o 3º ciclo sobre as Profissões.

Profesor: Carlos Mangas

Número de sesiones previstas: 2 x 90 min. (4 x 45 min.)

Destinatarios: 7º ano (20 alumnos)

Nivel de lengua: A1

TAREA: Hablar de la profesión ideal a partir de la producción escrita de un texto.

DESTREZAS A DESARROLLAR: Comprensión Lectora; Interacción oral; Comprensión Oral; Expresión Escrita

OBJETIVOS DE PROCESO	CONTENIDOS				ACTIVIDADES	INTERACCIÓN	MATERIALES/ RECURSOS	PROCESOS DE EVALUACIÓN
	FUNCIONALES	GRAMATICALES	LÉXICOS	SOCIOCULTURALES				
<p>- Antecipaço de ideias a partir da projecção de palavras-chave.</p> <p>- Captar o sentido global de textos escritos simples sobre temas do</p>	<p>- Decir lo que hace una persona en una determinada profesión u oficio.</p> <p>- Expresar gustos y preferencias sobre profesiones.</p>	<p>- Verbo gustar</p>	<p>- Las profesiones / oficios.</p> <p>- Objetos utilizados en las profesiones / oficios.</p>	<p>- Las profesiones / oficios en España.</p>	<p>1. Juego de memoria sobre las profesiones y lugares de trabajo.</p> <p>2. Realización de una sopa de letras sobre las profesiones y lugares de trabajo.</p>	<p>Parejas GC</p> <p>Individual</p>	<p>- Vídeo proyector</p> <p>- Ordenador</p> <p>- Presentaciones <i>powerpoint</i></p> <p>- Juego de memoria</p> <p>- Ficha sobre las profesiones y lugares de trabajo</p> <p>- Diccionario</p> <p>- Ficha de comprensión auditiva sobre los Oficios</p> <p>- http://www.youtube.com/watch?v=XmCdhAwM6Wo</p> <p>- Texto <i>El Limpiabotas</i> de Ann Cameroun</p> <p>- Ficha de comprensión lectora</p>	<p>- Autoevaluación de la producción escrita.</p> <p>- Evaluación de la producción.</p>

<p>domínio comum.</p> <p>- Expressar opinião sobre temas da actualidade.</p> <p>- Expressar opinião, num discurso adequado à situação de comunicação.</p> <p>- Escrita de textos simples.</p>					<p>3. Búsqueda en el diccionario de objetos relacionados con las profesiones de la sopa de letras.</p> <p>4. Juego de mímica sobre las profesiones.</p> <p>5. Ejercicio de comprensión auditiva sobre los oficios.</p> <p>6. Lectura y comprensión del texto <i>El Limpiabotas</i> de Ann Cameroun.</p>	<p>Parejas GC</p> <p>GC</p> <p>GC Individual</p> <p>GC Individual Parejas</p>	<p>- Parilla de autoevaluación de la producción escrita</p> <p>- Parilla de evaluación de la producción escrita</p>	
---	--	--	--	--	---	---	---	--

					7. Ejercicio de producción escrita sobre las profesiones.	Individual		
					8. Autoevaluación de los ejercicios de producción escrita.	Individual		

Anexo L3 - Roteiro de aula sobre as *Profissões*.

- **Clase:** 7º
- **Número de alumnos:** 20
- **Sesiones previstas:** 2 x 90 min. (4 x 45 min.)
- **Nivel de lengua:** A1

Objetivos: En esta secuencia se pretende que los alumnos adquieran vocabulario relacionado con profesiones y oficios. Los alumnos deberán ser capaces de hablar de profesiones/oficios, diciendo que hacen e identificando que objetos se asocian a ellos. Al final, se espera que ellos sean capaces de hablar de la profesión u oficio que más les gusten presentando sus razones.

ACTIVIDAD	DURACIÓN	PROCEDIMIENTO
0.	10 minutos	El profesor pasa lista. Los alumnos escriben el resumen.
1.	23 minutos	<p><u>Juego de memoria sobre las profesiones y lugares de trabajo.</u></p> <p><u>Pre-actividad:</u> Los alumnos visualizarán un <i>powerpoint</i> con adivinanzas sobre algunas profesiones. El objetivo es que el alumno diga a que profesión se refiere cada una de las adivinanzas y que descubra la temática que va ser trabajada en clase - profesiones. (cf. <i>adjunto 1</i>)</p> <p><u>Actividad:</u> Después del ejercicio de adivinanzas, los alumnos harán un juego de memoria con quince palabras y respectivos lugares de trabajo. El objetivo de esta actividad es que los alumnos conozcan algunas profesiones más y que sepan identificar los lugares de trabajo de las personas que ejercen esas profesiones. (cf. <i>adjunto 2</i>)</p> <p><u>Pos-actividad:</u> Corrección del juego de memoria a través de dos diapositivas <i>powerpoint</i> (cf. <i>adjunto 3</i>). El objetivo de esta corrección es que los alumnos comprueben sus respuestas, para que no adquieran información incorrecta.</p>

2.	12 minutos	<p><u>Realización de una sopa de letras sobre las profesiones y lugares de trabajo.</u></p> <p><u>Actividad:</u> Para comprobar que los alumnos aprendieron el vocabulario presentado en la actividad anterior, tendrán que buscar en una sopa de letras profesiones y lugares de trabajo asociados a las imágenes. (cf. adjunto 4)</p> <p><u>Pos-actividad:</u> Después de encontrar las palabras, los alumnos deberán agrupar las palabras en el cuadro del ejercicio dos. Posteriormente se corrige oralmente el ejercicio. En el caso de dudas, se proyectará la página word con la corrección del ejercicio. (cf. adjunto 4 A)</p>
3.	15 minutos	<p><u>Búsqueda en el diccionario de objetos relacionados con las profesiones de la sopa de letras.</u></p> <p><u>Actividad:</u> Después de la realización y corrección del ejercicio de la sopa de letras, en parejas, los alumnos buscarán en el diccionario dos o tres objetos relacionados con cada una de las profesiones. El objetivo de esta actividad es que los alumnos aprendan a manejar el diccionario.</p> <p><u>Pos-actividad:</u> Los alumnos corrigen oralmente el ejercicio y el profesor registra en la pizarra las respuestas. Posibles respuestas: Asistente - plumero, fregona, detergente; Juez - silla, mesa y toga; enfermera - jeringa, termómetro y bata; azafata - avión, pasajeros y asientos; albañil - cemento, ladrillo y casco.</p>
4.	30 minutos	<p><u>Juego de mímica sobre las profesiones.</u></p> <p><u>Actividad:</u> Después de la corrección del ejercicio de diccionario, los alumnos realizarán un juego de mímica sobre las profesiones. La clase se dividirá en dos grupos (A y B) y el profesor es quien registra los puntos de los grupos. En relación al juego, el grupo A empieza eligiendo un miembro de su grupo (no pueden ser siempre las mismas personas) para hacer mímica de la profesión que el profesor diga - las profesiones que el profesor dirá son las que los alumnos han trabajado a lo largo de la clase. El grupo tiene treinta segundos para intentar adivinar la profesión. Mientras tanto, el grupo adversario escribe la profesión que le parece que está siendo representada. Si el grupo que está jugando no adivina la palabra, el grupo adversario tiene una hipótesis para adivinar, que es la palabra escrita en la hoja. Es decir, el grupo adversario enseña al profesor la</p>

palabra que escribió. Si el grupo que está haciendo mímica adivina la profesión gana 1 punto. Si es el grupo adversario que adivina, gana 2 puntos. Al final gana el grupo que tiene más puntos.

5. 20 minutos

Ejercicio de comprensión auditiva sobre los oficios.

Pre-actividad: El profesor escribe las palabras “profesiones” y “oficios” en la pizarra y pide a los alumnos que digan cual es la diferencia entre los dos términos. Se espera que los alumnos digan que la diferencia entre estas dos palabras es que “oficios” tienen que ver con trabajos manuales y “profesiones” no.

Actividad: El profesor distribuye la letra de una música con huecos por rellenar y les pide que en una primera audición identifiquen y registren en la letra de la música los oficios. En una segunda audición, los alumnos tendrán que escribir qué hacen las personas que tienen esos oficios. En estas dos audiciones los alumnos solo escucharán la música, sin visualizar la letra. (cf. *adjunto 5* y <http://www.youtube.com/watch?v=XmCdhAwM6Wo>)

Pos-actividad: Los alumnos corrigen el ejercicio a través de una tercera audición, en que se proyectará un vídeo donde se escucha la música y se puede ver la letra también. (cf. <http://www.youtube.com/watch?v=XmCdhAwM6Wo>)

6. 20 minutos

Lectura y comprensión del texto *El Limpiabotas* de Ann Cameroun.

Pre-actividad: Los alumnos deducen la historia del texto a partir del título.

Actividad: Los alumnos leen el texto y hacen los ejercicios de verdadero/falso y contestan a las preguntas. El objetivo de esta actividad es trabajar la capacidad de comprensión lectora del alumno. (cf. *adjunto 7*)

Pos actividad: Después de la realización de los ejercicios de comprensión lectora, los alumnos corrigen comprueban sus respuestas con las del compañero. Al final, hay una puesta en común de las respuestas que se hará oralmente. En el caso de que los alumnos no hayan conseguido coger algunas respuestas, se proyectará

una página *word* con las respuestas. (cf. adjunto 7 A)

7. 30 minutos

Ejercicio de producción escrita sobre las profesiones.

Actividad: Después de corrección de los ejercicios de comprensión lectora, los alumnos realizarán un ejercicio de producción escrita sobre una profesión u oficio que les guste, en el que presentarán sus razones de su opción. (cf. adjunto 8)

8. 10 minutos

Autoevaluación de los ejercicios de producción escrita.

Actividad: Después de la realización del ejercicio de producción escrita, los alumnos harán una autoevaluación de su propio trabajo (cf. adjunto 9). Posteriormente, el profesor llevará los textos para casa para corregirlos según la parrilla de evaluación de producción escrita. (cf. adjunto 10)

Contextualización de la próxima secuencia: Después de haber aprendido algún léxico sobre las profesiones/oficios, decir lo que hace una persona en una determinada profesión u oficio y expresar gustos y preferencias sobre profesiones, los alumnos aprenderán a interpretar anuncios de trabajo y a opinar sobre experiencias de trabajo ficticias, una vez que son niños de más o menos 12 años y no trabajan aún.

Anexo L4.1 - *Pré-actividade* da actividade do jogo de memória.

**¿Sabéis de qué tema vamos a hablar en esta clase?
Intentad descubrir a qué se refieren estas adivinanzas.**

- Agita el cartucho, carga la pistola, pasa un algodón, y con un azote pone la inyección.

(La enfermera)

- Bajo la bandera para iniciar la carrera.

(El taxista)

- Con una manguera, casco y escalera apago los fuegos y las hogueras.

(El bombero)

- La cartera, compañera, me acompaña con frecuencia, voy de portal en portal llevando correspondencia.

(El cartero)

PROFESIONES

Adjunto 1

Anexo L4.2 - Jogo de memória sobre as profissões e locais de trabalho.

ASISTENTA	TRABAJA EN UNA CASA
ALBAÑIL	TRABAJA EN UNA OBRA
PERIODISTA	TRABAJA EN UNA REDACCIÓN
JUEZ	TRABAJA EN UN TRIBUNAL
COCINERO	TRABAJA EN UN RESTAURANTE
CAMARERO	TRABAJA EN UN BAR

ABOGADO	TRABAJA EN UNA OFICINA
AZAFATA	TRABAJA EN UN AVIÓN
ACTOR	TRABAJA EN UN TEATRO
ZAPATERO	TRABAJA EN UNA ZAPATERÍA
MECÁNICO	TRABAJA EN UN TALLER
PANADERO	TRABAJA EN UNA PANADERIA

CARNICERO	TRABAJA EN UNA CARNICERÍA
PROFESOR	TRABAJA EN UNA ESCUELA
ENFERMERO	TRABAJA EN UN HOSPITAL

Anexo L4.2.1 - Correção do jogo de memória sobre as profissões e locais de trabalho.

Asistente	→	Trabaja en casa.	Adjunto 3
Albañil	→	Trabaja en una obra.	
Periodista	→	Trabaja en una redacción.	
Juez	→	Trabaja en un tribunal.	
Cocinero	→	Trabaja en un restaurante.	
Camarero	→	Trabaja en un bar.	
Abogado	→	Trabaja en una oficina.	
Azafata	→	Trabaja en un avión.	

1

Actor	→	Trabaja en un teatro.
Zapatero	→	Trabaja en una zapatería.
Mecánico	→	Trabaja en un taller.
Panadero	→	Trabaja en una panadería.
Carnicero	→	Trabaja en una carnicería.
Profesor	→	Trabaja en una escuela.
Enfermero	→	Trabaja en un hospital.

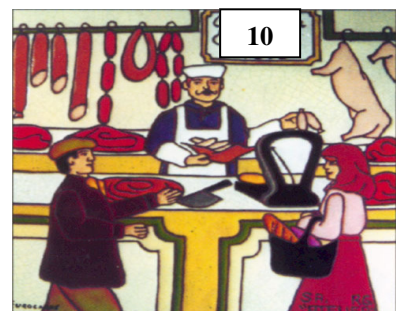
2

Anexo L4.3 - Ficha sobre as profissões e locais de trabalho.

1. Busca en esta sopa de letras las palabras asociadas a los dibujos.



R	E	D	A	C	C	I	Ó	N	R
E	E	N	F	E	R	M	E	R	A
S	R	V	A	J	Á	T	Ó	N	I
T	R	Á	V	I	U	T	S	S	M
A	A	S	I	S	T	E	N	T	A
U	L	Á	R	O	L	A	Z	A	V
R	B	R	E	T	I	K	O	F	A
A	A	T	L	O	B	Ñ	I	Á	T
N	Ñ	O	L	U	A	R	O	Z	A
T	I	A	A	B	Ñ	Á	T	A	F
E	L	T	T	E	A	T	R	O	A
E	T	E	T	O	L	P	E	N	Z
C	A	R	N	I	C	E	R	Í	A



2. Pon las palabras encontradas, en el ejercicio anterior, en la columna correspondiente.

PROFESIONES	LUGARES DE TRABAJO

Anexo L4.3.1 - Correção da ficha sobre as profissões e locais de trabalho.

Ejercicio 1

R	E	D	A	C	C	I	Ó	N	
E	E	N	F	E	R	M	E	R	A
S				J					
T					U				
A	A	S	I	S	T	E	N	T	A
U	L		R				Z		
R	B		E						A
A	A		L						T
N	Ñ		L						A
T	I		A						F
E	L		T	E	A	T	R	O	A
									Z
C	A	R	N	I	C	E	R	Í	A

Ejercicio 2

PROFESIONES	LUGARES DE TRABAJO
1. Asistenta	2. Restaurante
3. Juez	6. Teatro
4. Enfermera	7. Redacción
5. Azafata	8. Taller
9. Albañil	10. Carnicería

Anexo L4.4 - Ejercicio de comprensión oral sobre la música intitulada *Oficios*.

1. Escucha la música y rellena los huecos.

La canción de los Oficios

[Estrillo]

Me pongo de pie, (bis)
me vuelvo a sentar (bis)
porque a los oficios vamos a jugar.

Me pongo de pie, (bis)
me vuelvo a sentar (bis)
porque a los oficios vamos a jugar.

Había una vez, un niño _____¹
que _____² todas horas
un _____³.

[Estrillo]

Había una vez, un niño _____⁴
que _____⁵ y _____⁶
muchos pelos.

[Estrillo]

Había una vez, un niño _____⁷

que _____⁸ las tristezas con
_____⁹ y con _____¹⁰.

[Estrillo]

Había una vez, un niño _____¹¹
transportando toneladas de cariño al
mundo entero.

[Estrillo]

Había una vez, dos niñas _____¹²
que _____¹³ y _____¹⁴ bajo
un sol de Primavera.

[Estrillo]

Había una vez, tres niñas _____¹⁵
que entre _____¹⁶ y _____¹⁷
se pasaban muchas horas.

[Estrillo] (2x)

[Estribillo]

Me pongo de pie, (bis)
me vuelvo a sentar (bis)
porque a los oficios vamos a jugar.

Me pongo de pie, (bis)
me vuelvo a sentar (bis)
porque a los oficios vamos a jugar.

Había una vez, un niño carpintero
que golpeaba con martillo todas horas
un tablero.

[Estribillo]

Había una vez, un niño peluquero
que cortaba con tijeras y peinaba
muchos pelos.

[Estribillo]

Había una vez, un niño barrendero
que barría las tristezas con escoba y con
plumero.

[Estribillo]

Había una vez, un niño camionero
transportando toneladas de cariño al
mundo entero.

[Estribillo]


Había una vez, dos niñas costureras
que cosían y bordaban bajo un sol de
Primavera.

[Estribillo]

Había una vez, tres niñas planchadoras
que entre plancha y almidones se
pasaban muchas horas.

[Estribillo] (2x)

Anexo L4.5 - Exercício de compreensão escrita sobre o texto intitulado *Limpiabotas*, de Ann Cameroun.

 **Lee con atención el texto que aparece a continuación.**

El limpiabotas

La abuela se gana la vida vendiendo arroz con leche en el mercado grande. El arroz con leche que hace la abuela es especial: no se come con cuchara, se bebe caliente en un vaso. Se levanta a las cinco de la mañana para empezar a hacerlo. Ha hecho esto mismo casi todos los días de su vida desde que tenía trece años.

5 También yo empecé muy pequeño a ayudar a mi abuela a vender arroz con leche en el mercado. Aprendí a servirlo, a cobrarlo y a devolver el cambio, y también a vigilar que nadie se fuera sin pagar cuando la abuela estaba distraída.

Después de trabajar unos cuantos días con la abuela ella me dijo que ya estaba preparado para tener un negocio por mi cuenta. Me compró un equipo de limpiabotas y una banqueta para que se sentaran los clientes y me enseñó a lustrar zapatos (...). Lustré
10 muchísimos zapatos, y muy pronto ya me estaba ganando un dólar diario. Los hombres solo ganan dos dólares al día, de modo que yo no lo estaba haciendo nada mal.

Mientras lustraba sus zapatos hablaba con mis clientes, les preguntaba que dónde vivía y lo que hacían y si tenían hijos. Todo el dinero que ganaba se lo entregaba
15 a la abuela, y siempre lo hacía me daba un beso y diez céntimos para mí.

Solo había una cosa que, a veces, me hacía sentirme un poco triste, y era cuando veía que pasaban cerca de mí chicos que iban a la escuela. Yo me pasaba el día sentado entre el polvo, manchado de betún, y ellos iban limpios y bien peinados con sus lápices y sus cuadernos camino de sus clases.

In El lugar más bonito del mundo, Ann Cameroun

1.1 Indica si las siguientes afirmaciones son VERDADERAS (V) o FALSAS (F).

- a) La abuela del narrador trabajaba de zapatera. _____
- b) Su trabajo era muy reciente. _____
- c) El narrador aprendió a trabajar con su abuela. _____
- d) Más tarde, él empezó a trabajar solo. _____
- e) A pesar de su esfuerzo no tenía muchos clientes. _____

- f) Siempre se guardaba el dinero que ganaba. _____
- g) Le encantaría poder estudiar. _____

1.2 Contesta a las preguntas.

- a) ¿Qué hace la abuela del narrador?

- b) ¿Qué aprendió el narrador en su primer trabajo?

- c) ¿Qué regalo recibió el narrador de su abuela?

- d) ¿Sobre qué hablaba el narrador con sus clientes?



¡Buen trabajo!

Anexo L4.5.1 - Correção do exercício de compreensão escrita sobre o texto intitulado *Limpiabotas*, de Ann Cameroun.

1.1 a) F – b) F – c) V – d) V – e) F – f) F – g) V

1.2. Sugerencias de respuesta:

- a) La abuela del narrador se gana la vida vendiendo arroz con leche.

- b) El narrador aprendió a servir el arroz con leche, a cobrarlo y a devolver el cambio, y también a vigilar que nadie se fuera sin pagar cuando la abuela estaba distraída.

- c) El narrador recibió un equipo de limpiabotas y una baqueta para que se sentaran los clientes.

- d) El narrador hablaba con sus clientes, les preguntaba que dónde vivían y lo que hacían y si tenían hijos.

TAREA FINAL

¿Cuál es la profesión / el oficio que más te gusta? ¿Por qué esa/e y no otra/o? En un texto de 60 palabras presenta las razones de tu opción.



Adjunto 8

Anexo L4.7 - Ficha de auto-avaliação da produção escrita (aluno).

Parilla de autoevaluación de la producción escrita.

ÍTEMS A EVALUAR	SÍ	NO	NO SÉ
He escrito un texto sobre el tema propuesto, respetando el límite de palabras indicado.			
El discurso de mi texto es claro y coherente.			
Las ideas de mi texto no se repiten de forma desnecesaria y se desarrollan lógicamente.			
He utilizado adecuadamente vocabulario elemental, recurriendo algunas veces a repeticiones.			
Después de una segunda lectura, he visto que mi texto no tiene errores.			
Después de una segunda lectura, he visto que la ortografía y la puntuación no afectan la comprensión del texto.			

Anexo L4.8 - Ficha de critérios para a avaliação da produção escrita (professor).

NIVELES	CRITERIOS DE EVALUACIÓN DE LA PRODUCCIÓN ESCRITA
N5	<p><u>Competencia pragmática:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - El alumno escribe un texto sobre el tema propuesto, respetando el límite de palabras indicado. - El discurso es claro y coherente. - Las ideas no se repiten de forma desnecesaria y se desarrollan lógicamente. <p><u>Competencia lingüística:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Utiliza recursos lingüísticos suficientes para escribir un texto coherente. - Utiliza adecuadamente vocabulario elemental, recurriendo a veces a repeticiones. - Demuestra corrección gramatical, pudiendo cometer errores que no afectan el contenido del mensaje. - La ortografía y la puntuación son suficientemente precisas para no afectar a inteligibilidad del texto.
N4	
N3	<p><u>Competencia pragmática:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - El alumno escribe un texto sobre el tema propuesto y puede no respetar el límite de palabras indicado. - El discurso es globalmente claro y coherente, aunque se pueda registrar ligeras incoherencias. - Algunas ideas se repiten de forma desnecesaria y están articuladas de manera lineal. <p><u>Competencia lingüística:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Utiliza recursos lingüísticos limitados. - Utiliza vocabulario elemental con algunas incorrecciones ortográficas. - Demuestra corrección gramatical, pudiendo cometer errores sistemáticos pero que no afectan el contenido del mensaje.

	<ul style="list-style-type: none"> - La puntuación es repetitiva y a veces inadecuada.
N2	
N1	<p><u>Competencia pragmática:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - El alumno escribe un texto con frases cortas y confusas, en el cual refiere superficialmente el tema propuesto. - No respecta el límite de palabras indicado. - Las ideas se repiten de forma desnecesaria. <p><u>Competencia lingüística:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - El alumno escribe un texto con errores lexicales, sintácticos, morfológicos y ortográficos graves y sistemáticos, con influencias de la lengua materna.

N5 - Muito Bom

N4 - Bom

N3 - Suficiente

N2 - Insuficiente

N1 - Fraco

BIBLIOGRAFÍA

- ✓ ABRANTES, P. (Coord.) (2001). Currículo nacional do ensino básico. Competências essenciais. Lisboa: M.E./D.E.B.
- ✓ ALARCÃO, I. e José Tavares (1987). *Supervisão da Prática Pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- ✓ ALARCÃO, I. e Maria do Céu Roldão (2010). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- ✓ ALTET, M. (2000). *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*. Porto: Porto Editora.
- ✓ AAVV (1991). *Programas de Espanhol. Programa e Organização Curricular. Ensino Básico – 3º ciclo*, vol. II. Lisboa: M.E./D.G.E.B.S.
- ✓ AAVV (1991). *Programas de Língua Portuguesa. Plano de organização do ensino-aprendizagem. Ensino Básico – 3º ciclo*, vol. II. Lisboa: M.E./D.G.E.B.S.
- ✓ AAVV (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, ensino, avaliação*. Porto: Edições ASA / Conselho de Europa.
- ✓ CANDLIN, C. N. (1990). «Hacia la enseñanza de lenguas basada en tareas». *Revista Comunicación, Lenguaje y Educación*. [s.l.]: CL&E, nº 7 e 8, pp. 33-54.
- ✓ COELHO, A. Q. (dir.) (s.d.). *Língua Portuguesa 9*. Porto: Constância Editores.
- ✓ COELHO, M. C. (coord.) (2002). *Programa de Português (10º, 11º, 12º). Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos*. Lisboa: ME/DES.
- ✓ ESTAIRE, S. (2009). *El aprendizaje de lenguas mediante tareas: de la programación al aula*. Madrid: Edinumen.

- ✓ ESTAL, M. G. e Javier Zanón (1994). «La enseñanza de la gramática mediante tareas». In *Centro Virtual Cervantes*. ASELE. Actas V. [s.l.].

- ✓ FERNÁNDEZ, S. (coord.) (2001). *Programa de Español (11º - nível de iniciação) Cursos Científico-Humanísticos de linguas e Literaturas, Ciências Socioeconómicas e Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: ME/DES.

- ✓ FERNÁNDEZ, S. (2003). *Propuesta curricular y marco común de referencia. Desarrollo por tareas*. Madrid: Ministerio de Educación, cultura y deporte. Embajada de España en Lisboa y Edinumen.

- ✓ FREITAS, M. e Marlene Carvalho [s.d.]. «*A construção da identidade do professor como profissional reflexivo*». Universidade Federal do Piauí.

- ✓ GARCÍA, C. M. (1999). *Formação de Professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

- ✓ GARRIDO, A. et al (2009). *Antologia*. Lisboa: Lisboa Editora.

- ✓ GIOVANNINI, A. et al (1996). *Profesor en acción 3: Destrezas*. Madrid: Edelsa.

- ✓ JACINTO C. E Gabriela Lança (2006). *Análise da obra Frei Luís de Sousa: Almeida Garrett*. Livro auxiliar do Ensino Secundário. Coleção Estudar Português. Porto: Porto Editora.

- ✓ JIMÉNEZ, C. G. (s.d.). «La adquisición del vocabulario en la clase de E/LE». [s.l.].

- ✓ LOZANO, G. e P. Ruiz Campillo (1996). «Criterios para el diseño y la evaluación de materiales comunicativos». In Miquel, L. y Sans, N. (coord.). *Didáctica del español como lengua extranjera*. Madrid: Fundación Actilibre, Cuadernos del Tiempo Libre (colección Expolingua), volumen 3, pp. 127-153.

- ✓ MORGADO, J. (2001). *A relação Pedagógica*. Lisboa: Editorial Presença.

- ✓ PAIS, A. e Manuela Monteiro (1996). *Avaliação: uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.

- ✓ PINTO, J. M. C. *et al* (2007). *Gramática do Português Moderno*. Lisboa: Plátano Editora.

- ✓ PROJECTO EDUCATIVO da Secundária de Pinheiro e Rosa.

- ✓ PROJECTOS CURRICULARES DE TURMA da Escola Secundária de Pinheiro e Rosa.

- ✓ RICHARDS, J. & T. Rodgers (2003). *Enfoques y métodos en la enseñanza de idiomas*. Madrid: Edinumen.

- ✓ SÁNCHEZ, A. (2009). *La enseñanza de idiomas en los últimos cien años: métodos y enfoques*. Madrid: SGEL.

- ✓ SILVA, P. *et al* (2007). *Expressões*. Porto : Porto Editora.

- ✓ VERÍSSIMO, A. (coord.) (2001). *Ser em Português 11 A*. Porto: Areal Editores.

- ✓ VIEIRA, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições ASA.

- ✓ ZÁNON, J. (1999). «La enseñanza del español mediante tareas». In Javier Zanón (coord.). *La enseñanza del español mediante tareas*. Madrid: Edinumen, pp. 13-23.

- ✓ ZEICHNER, K. M. (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.